



FUTEBOL É COISA DE MULHER! UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE O
“LUGAR” FEMININO NO FUTEBOL CLUBÍSTICO

Marcelo Pizarro Noronha

São Leopoldo

2010

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
NÍVEL DOUTORADO

Marcelo Pizarro Noronha

FUTEBOL É COISA DE MULHER! UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE O
“LUGAR” FEMININO NO FUTEBOL CLUBÍSTICO

São Leopoldo

2010

Marcelo Pizarro Noronha

FUTEBOL É COISA DE MULHER! UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE O
“LUGAR” FEMININO NO FUTEBOL CLUBÍSTICO

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Orientador: Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo

São Leopoldo

2010

N852f Noronha, Marcelo Pizarro
Futebol é coisa de mulher! Um estudo etnográfico sobre o
"lugar" feminino no futebol clubístico / por Marcelo Pizarro
Noronha. – São Leopoldo, 2010.

233 f. : il. color. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos,
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Leopoldo,
RS, 2010.
“Orientação: Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo, Ciências
Humanas”.

1.Futebol – Etnologia. 2.Futebol – Aspectos sociais. 3.Futebol –
Torcedores – Mulheres. 4.Etnologia – Futebol – Mulheres.
5.Futebol – Aspectos antropológicos. I.Gastaldo, Édison Luis.
II.Título.

CDU 796.332:39
796.332-055.2
39:796.332-055.2

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Dedico esta tese ao meu filho Lucas, meu grande parceiro e a maior alegria que tenho em minha vida. O pai te ama!

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Reitoria da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), pela concessão de uma bolsa de estudos, sem a qual não poderia ter concluído o curso.

Ao meu orientador, professor Édison Luís Gastaldo, por ter acolhido, valorizado e incentivado esta pesquisa.

Aos professores, em especial José Ivo Follmann, José Luiz Bica de Mélo e Luiz Inácio Germany Gaiger, pelo aprendizado de muitos anos.

Aos colegas de curso, pelas trocas acadêmicas e afetivas.

Aos funcionários da secretaria do PPGCS, sobretudo à Maristela Simon, pelas informações precisas e preciosas.

Aos meus pais, Marcos e Izaura e ao meu irmão Márcio, pelo amor de sempre.

À Gláucia, companheira e ao meu filho Lucas, pelo amor e pela alegria de vivermos juntos.

À Michelle, filha siamesa, pela companhia das madrugadas de estudo e pela beleza misteriosa de todo o animal.

À minha avó Maria, pelo eterno colo.

Aos amigos e familiares, pelo apoio e por toda a nossa partilha.

Ao Ênio Arnt, pelas reconstruções de vida.

À Fernanda Stein, pelas traduções e pelos ensinamentos da língua inglesa.

Ao Nico Bueno, pelas aulas de contrabaixo, fundamentais para a oxigenação.

Ao Núcleo de Mulheres Gremistas, em especial à Ângela Beatriz Tavares, Marta Praia, Rosa Maria Foresti e Sandra Guedes, coordenadoras deste grupo, pelo carinho e seriedade com que fui recebido.

À Isabel Weschenfelder (Betty), amiga, por ter me apresentado ao Núcleo de Mulheres Gremistas e pela ajuda prestada durante toda a pesquisa.

Às torcedoras do Grêmio, principalmente Anne Schneider, pelos depoimentos e pelas observações.

Ao Espaço da Mulher Colorada, sobretudo à diretora Marlene Mendes, pelo aceite da minha investigação e pelo estímulo.

Às torcedoras do Internacional, pela colaboração.

Muito obrigado!

O futebol é o circo do mundo. Não há nenhum outro esporte que provoque tanta paixão, tanta alegria, tanta tristeza. O futebol dá sentido à vida de milhões de pessoas que, de outra forma, estariam condenadas ao tédio. É o assunto, nas manhãs de segunda-feira, em bares, escritórios, fábricas, táxis, construções. O futebol é a bola que se joga no jogo das conversas. Faz esquecer lealdades políticas, ideológicas, religiosas, econômicas, raciais. É a grande religião ecumênica. Acabam as diferenças. Todos são iguais. São torcedores de futebol. No mundo inteiro.

Nesse circo, eu sou o palhaço. Palhaços são aqueles que transformam coisas sérias em coisas engraçadas. Em tempos antigos, quando os reis se reuniam com seus ministros graves e sérios, havia o ministro do riso, chamado bobo da corte. O bobo da corte tinha direitos que não eram dados a nenhum dos ministros sérios. Ele tinha permissão para fazer piadas do próprio rei.

Rubem Alves. **O futebol levado a riso: lições do bobo da corte.** 2006.

RESUMO

Esta tese trata dos processos sociais de inserção das mulheres no universo do futebol clubístico no Brasil. A partir de uma etnografia sobre o Núcleo de Mulheres Gremistas e o Espaço da Mulher Colorada, grupos vinculados ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e ao Sport Club Internacional, respectivamente, tomados nesta pesquisa como casos exemplares do “lugar” simbólico da mulher no mundo do futebol, discuti a participação feminina neste esporte, em dimensões físicas, políticas e simbólicas. Vali-me, em termos metodológicos, de entrevistas e de depoimentos de integrantes dos referidos grupos, além de fotografias e observação participante nas reuniões, festividades e ações solidárias promovidas por estes. No que diz respeito às questões teóricas, dialoguei com os estudos de gênero, com o intuito de pensar as relações estabelecidas entre homens e mulheres no campo esportivo, sobretudo no futebol brasileiro. A revisão bibliográfica sobre a produção cultural futebolística incluiu, além de obras acadêmicas e literárias, filmes, documentários e músicas, e indica que o futebol ainda pode ser compreendido como um espaço masculino, embora a presença feminina neste campo seja crescente. A atuação das mulheres no universo político dos clubes é limitada, devido a uma cultura institucional que reserva aos homens os cargos diretivos, não por causa de regimentos escritos, mas pela tradição. Outra conclusão aponta também para o fato de que a inclusão – e a sobrevivência – dos grupos femininos no âmbito clubístico se dá comumente através da reiteração de estereótipos, o que revela algumas das ambigüidades envolvidas nos processos sociais de participação das mulheres neste contexto esportivo predominantemente masculino.

Palavras-chave: Futebol. Gênero. Etnografia.

ABSTRACT

This thesis issues the processes of feminine participation in football clubs in Brazil. Since an ethnographic research about the “Núcleo de Mulheres Gremistas” and the “Espaço da Mulher Colorada”, feminine groups respectively related to the clubs “Grêmio Foot-Ball Porto Alegre” and “Sport Club Internacional”, taken as examples of “women’s place” in professional football clubs in Brazil, the feminine participation in physical, political and symbolic terms were discussed. Methodologically, the research relayed on interviews with members of both groups, as well as photographs and participant observation on meetings, parties and social actions promoted by them. In theoretical terms, the thesis discusses gender and sports, mainly the gendered social consumption of football in Brazil. An analysis of the cultural production related to football in Brazil were made, and included academic bibliography, as well as films, literature and music, showing that football world, as an universe of action is still a male-centered one, although feminine participation is growing. The social action of women in the clubs is limited, due to an institutional culture that reserve the most important positions to men, not because of any written regiment, but as a tradition. Another conclusion is that inclusion – and survival – of feminine groups in football clubs is usually through the adherence to stereotypes, showing some of the ambiguities involved on the processes of feminine participation in this male-centered environment.

Keywords: Football. Gender. Ethnography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

PRANCHA 1: Publicidade Grêmio I.....	115
PRANCHA 2: Publicidade Grêmio II.....	115
PRANCHA 3: Publicidade Grêmio III.....	117
PRANCHA 4: Publicidade Internacional I.....	120
PRANCHA 5: Publicidade Internacional II.....	120
PRANCHA 6: Publicidade Internacional III.....	121
PRANCHA 7: Publicidade Internacional IV.....	121
PRANCHA 8: Símbolo do NMG.....	123
PRANCHA 9: Conversando no café.....	126
PRANCHA 10: Símbolo do EMC.....	128
PRANCHA 11: Mulheres Coloradas em Ação.....	131
PRANCHA 12: Reunião NMG.....	134
PRANCHA 13: Dia Internacional da Mulher I.....	136
PRANCHA 14: Dia Internacional da Mulher II.....	137
PRANCHA 15: Eleição das coordenadoras NMG I.....	137
PRANCHA 16: Eleição das coordenadoras NMG II.....	138
PRANCHA 17: Ocupando a escadaria.....	139
PRANCHA 18: Reunião extraordinária NMG.....	140
PRANCHA 19: Reunião NMG.....	141
PRANCHA 20: Terceiro aniversário NMG I.....	142

PRANCHA 21: Terceiro aniversário NMG II	143
PRANCHA 22: Terceiro aniversário NMG III.....	144
PRANCHA 23: Terceiro aniversário NMG IV.....	145
PRANCHA 24: Reunião NMG	147
PRANCHA 25: Reunião NMG	148
PRANCHA 26: Almoço NMG	149
PRANCHA 27: Dia Internacional da Mulher	151
PRANCHA 28: Quarto aniversário NMG I	153
PRANCHA 29: Quarto aniversário NMG II	154
PRANCHA 30: Reunião NMG	155
PRANCHA 31: Reunião NMG I	156
PRANCHA 32: Reunião NMG II	157
PRANCHA 33: Reunião NMG I.....	158
PRANCHA 34: Reunião NMG II	159
PRANCHA 35: Quinto aniversário NMG I	161
PRANCHA 36: Quinto aniversário NMG II	162
PRANCHA 37: Quinto aniversário NMG III	163
PRANCHA 38: Espaço da Mulher Colorada I	165
PRANCHA 39: Espaço da Mulher Colorada II	166
PRANCHA 40: Espaço da Mulher Colorada III	167
PRANCHA 41: Festa do vereador Brasinha I	169
PRANCHA 42: Festa do vereador Brasinha II	170
PRANCHA 43: Festa do vereador Brasinha III	171

PRANCHA 44: Aniversário do Grêmio	175
PRANCHA 45: Programação oficial do aniversário do Grêmio I	177
PRANCHA 46: Programação oficial do aniversário do Grêmio II	178
PRANCHA 47: Gre-nal da Paz I.....	179
PRANCHA 48: Gre-nal da Paz II	180
PRANCHA 49: Gre-nal da Paz III	181
PRANCHA 50: Gre-nal da Paz IV	182
PRANCHA 51: Gre-nal da Paz V	183
PRANCHA 52: Gre-nal da Paz VI	184
PRANCHA 53: Gre-nal da Paz VII	185
PRANCHA 54: Gre-nal da Paz VIII	186
PRANCHA 55: Gre-nal da Paz IX	187
PRANCHA 56: 2º gre-nal Solidário I.....	188
PRANCHA 57: 2º Gre-nal Solidário II	189
PRANCHA 58: 2º Gre-nal Solidário III	190
PRANCHA 59: Anne Schneider	192

SUMÁRIO

PRÓLOGO	13
1. INTRODUÇÃO	16
1.1 Um plano geral	17
2. FUTEBOL E GÊNERO: MULHERES NUM MUNDO MASCULINO	24
2.1 O futebol e as Ciências Sociais.....	25
2.2 A produção cultural sobre futebol.....	44
2.3 Futebol e gênero	63
2.4 As mulheres e o futebol.....	70
3. METODOLOGIA.....	90
3.1 A etnografia como instrumento de pesquisa	91
3.2 O trabalho de campo	96
3.2.1 As reuniões	98
3.2.2 As festividades	100
3.2.3 As parcerias	101
3.2.4 As entrevistas.....	102
3.2.5 As fotografias	105
3.2.6 A internet.....	109

4. DO ANONIMATO AO CONSELHO DELIBERATIVO: HISTÓRIAS DE LUTAS TRICOLORS E COLORADAS	110
4.1 O “lugar” das mulheres nos clubes de futebol: os casos do Grêmio e do Internacional.....	111
4.1.1 O Núcleo de Mulheres Gremistas	123
4.1.2 O Espaço da Mulher Colorada	128
4.2 Em busca de legitimidade: qual o “lugar” das mulheres num mundo de homens?.....	132
4.2.1 Dimensão física	133
4.2.2 Dimensão política	168
4.2.3 Dimensão simbólica	175
4.3 “Gre-nais” femininos: parcerias e rivalidades	178
4.4 O futebol é o meu mundo: trajetórias de mulheres torcedoras.....	191
5. CONCLUSÃO.....	196
REFERÊNCIAS.....	203
ANEXO A – PUBLICIDADE INTERNACIONAL 2010.....	231
ANEXO B – COMUNICAÇÃO GRÊMIO 2010 (I)	232
ANEXO C – COMUNICAÇÃO GRÊMIO 2010 (II)	233

PRÓLOGO

Descobri o futebol aos sete anos de idade, quando aquele que se tornou o meu time do coração conquistou um campeonato regional após um período expressivo sem títulos. Comandado por Telê Santana, um dos melhores treinadores brasileiros da história, o Grêmio retomou a hegemonia do futebol gaúcho, numa vitória no clássico Gre-nal por um a zero, gol do atacante André Catimba, que se machucou em meio à comemoração, na tentativa de dar uma cambalhota. O ano era 1977 e começava ali uma trajetória de vida ligada a este esporte, tido como o mais popular do mundo.

Passei a infância e parte da adolescência tendo a bola como referência lúdica, jogando futebol de campo (nos parques e nas praças) e de mesa (botão) com os amigos, colecionando álbuns de figurinhas da Copa do Mundo e do campeonato brasileiro e imitando os grandes craques que atuaram no tricolor gaúcho. Progressivamente, a minha relação com o futebol foi sendo ampliada. Comecei a comprar revistas esportivas, discos com hinos de clubes, brinquedos e outros bens culturais ligados a este esporte. Tornei-me, de certo modo, um “pesquisador mirim” de futebol, tamanha era a minha paixão pelo mundo da bola.

Entusiasmado com a conquista da taça Libertadores da América e do campeonato mundial interclubes, que se deu em 1983, participei, no ano seguinte, de um processo seletivo organizado pelo Grêmio, a chamada “peneira”. Apesar do esforço, não fui aprovado no teste. Compreendi, naquele momento, que o jeito era continuar sendo um torcedor-pesquisador. Meu interesse em investigar o futebol como objeto de estudo das Ciências Sociais surgiu quando da minha primeira experiência docente no nível superior, que se deu entre 2000 e 2003, no Centro Universitário FEEVALE, em Novo Hamburgo (RS). Neste período, lecionei, para o curso de Educação Física, as disciplinas

de Sociologia e de Antropologia. Assim que iniciaram as aulas senti-me desafiado a aproximar o currículo proposto da realidade profissional dos alunos, muitos dos quais já atuavam, como instrutores e estagiários, em clubes e em academias de ginástica. Para tanto, comecei a procurar autores que abordassem o esporte, de modo geral, como fenômeno cultural.

Percebi, de imediato, que boa parte da bibliografia era voltada para o universo do futebol, o que pode ser explicado devido à importância deste esporte para o país (e para o mundo). Os materiais que encontrei pouco ou nada retratavam a experiência feminina em relação ao futebol, o que, naquele contexto, não se tornou um problema, mas um limite. Afinal, existiam muitas mulheres entre os alunos, sendo que algumas praticavam este esporte e demonstraram interesse em pensá-lo a partir de um olhar sociológico.

Ampliei o contato com a literatura esportiva quando de uma nova experiência docente (professor substituto), desta feita no curso de Gestão da Escola Técnica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, entre 2003 e 2005. Interessado em proporcionar aos estudantes uma nova relação com o componente curricular intitulado “Sociologia das Organizações”, inseri, no programa, reportagens sobre a participação de técnicos esportivos em empresas privadas como palestrantes. Bernardinho, então treinador da seleção brasileira de vôlei feminino e Luiz Felipe Scolari, técnico da seleção brasileira de futebol masculino, recém sagrada campeã do mundo, foram os autores contemplados.

Os referidos esportistas, tratados nas reportagens que utilizei como “professores”, são considerados gestores de grupos, sendo a base de seus trabalhos a disciplina, a motivação psicológica, o equilíbrio emocional e o compromisso coletivo. Os textos que apresentei para os alunos, extraídos de jornais locais (Zero Hora e Correio do Povo) foram bem acolhidos, gerando boas discussões em aula. Retomei parte deste material num outro componente curricular que ministrei para a mesma turma, no semestre seguinte, chamado “Ética Profissional”.

Assim que o meu contrato de trabalho foi encerrado, iniciei uma caminhada em busca de um tema de pesquisa que fosse ligado ao universo da bola, pois desejava cursar o Doutorado. Por uma feliz coincidência, encontrei, certa vez, na rua, em meio a este processo, uma vizinha dos meus pais que estava com uma camisa do Núcleo de Mulheres Gremistas, grupo que eu não conhecia e que mais tarde tornou-se “objeto” deste estudo, assim como outro conjunto de mulheres vinculadas ao mundo do futebol, o Espaço da Mulher Colorada. Ao conversar com esta integrante do Núcleo, percebi que estava diante de alguém que pertencia a um grupo diferenciado no que se refere à participação feminina no universo futebolístico.

A partir deste encontro casual, que se deu em meados de 2006, nascia a minha tese de Doutorado. Com o objetivo inicial de pensar as relações de sociabilidade tecidas entre as integrantes dos referidos grupos de mulheres, propus, no meu projeto de pesquisa, uma investigação sobre as estratégias adotadas por elas no que diz respeito a sua inclusão na vida dos clubes – no caso, Grêmio e Internacional. Com o andamento da pesquisa, outras problemáticas se fizeram presentes, como, por exemplo, a reação dos homens em respeito a este movimento feminino, desafiador da hegemonia masculina tão clara no futebol. Em meio ao processo investigatório, percebi que a principal questão a ser tratada dizia respeito ao “lugar” das mulheres nos clubes de futebol.

Ao longo da tese, aprofundarei estas e outras problemáticas.

1. INTRODUÇÃO

Esta tese trata dos processos de inserção das mulheres no universo do futebol clubístico nacional, sendo este esporte compreendido como um fato social e um evento cultural contemporâneo dos mais relevantes. Para entender a participação feminina neste campo decidi investigar dois grupos de mulheres que atuam junto a importantes clubes brasileiros, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e o Sport Club Internacional, de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Estas instituições esportivas, que são centenárias, possuem boa representatividade em termos nacionais, sendo consideradas modelos de organização, uma vez que possuem, além de estádios particulares de grande porte (Olímpico Monumental e Beira-Rio), inúmeros títulos e um número expressivo de sócios (o Internacional contabiliza, em seu quadro atual, mais de cem mil sócios, um recorde nacional). Segundo Hiltor Mombach (In: jornal Correio do Povo, 06/09/2009, p.23), em 2007 o CNT/Sensus publicou uma pesquisa indicando que o Grêmio representa a sexta maior torcida do país. O colorado, por sua vez, é o oitavo colocado em termos de preferência clubística.

Apesar da crescente presença de torcedoras nos estádios e do aumento do número de sócias, o espaço feminino no mundo da bola não parece ser um território definido, uma vez que as mulheres pouco ou nada participam no processo de gestão das instituições esportivas, como conselheiras ou dirigentes. Em Porto Alegre, no entanto, o Núcleo de Mulheres Gremistas e o Espaço da Mulher Colorada foram fundados com a intenção de minimizar a dominação masculina neste contexto esportivo. Inicialmente voltadas para a prática de atividades assistenciais em prol de seus clubes e da sociedade gaúcha em geral, as integrantes do NMG e do EMC (a abreviação é de minha autoria, não sendo utilizada pelos grupos) progressivamente alimentaram o desejo de participarem das decisões de seus clubes, assumindo, deste modo, um caráter político, que proporcionou uma reconfiguração de suas estruturas e de seu papel junto ao Grêmio e ao Internacional.

Observei o trabalho do Núcleo de Mulheres Gremistas e do Espaço da Mulher Colorada, tomados como casos exemplares do lugar simbólico da mulher no universo do futebol clubístico, a partir de uma etnografia, um campo teórico e metodológico que será discutido adiante.

A seguir, apresentarei a forma com que a tese foi organizada.

1.1 Um plano geral

Neste primeiro capítulo ofereço ao leitor uma visão geral sobre a estrutura da tese, abordando, de forma resumida, as principais questões que foram investigadas ao longo da pesquisa. No segundo capítulo, intitulado **“Futebol e gênero: mulheres num mundo masculino”**, discuti o futebol como objeto de estudo das Ciências Sociais, uma vez que os grupos de mulheres que acompanhei durante o meu trabalho de campo estão vinculados a este universo esportivo, não como atletas, como veremos, mas como conjuntos organizados, que lutam pela inclusão da mulher em seus clubes e, conseqüentemente, no universo do futebol.

Apresentei, em linhas gerais, diferentes aspectos sobre o chamado “esporte das multidões”. Um deles diz respeito à questão da violência nos estádios. Além das brigas entre as torcidas, abordei as figuras do “bad boy” e do “bad religion”, representadas pelos atletas que, muitas vezes, apesar de serem considerados craques, são questionados por seu comportamento tido como violento, rebelde ou inadequado. As relações entre futebol e religião (ou religiosidade), deste modo, foram discutidas, bem como as problemáticas do racismo e da identidade presentes no mundo da bola.

O uso político – ou ideológico – do futebol por parte de governos, sobretudo em tempos de Copa do Mundo, igualmente foi tratado neste capítulo, bem como um fato dramático que marcou a história deste torneio para o Brasil:

a perda da Copa do Mundo de 1950. Entendida como um drama, a derrota brasileira para o Uruguai, em pleno Maracanã, provocou uma sensação coletiva de fracasso. As relações entre futebol e política se tornaram estreitas nos anos 80, quando atletas do Corinthians, entre eles os ídolos Sócrates, Wladimir e Casagrande, propuseram a “Democracia Corinthiana”, um movimento em busca de maior participação dos jogadores dentro deste clube, o qual repercutiu enormemente em outras instituições esportivas.

O debate sobre os estilos futebolísticos, representados no aparente conflito entre futebol-arte e futebol-força, está presente aqui, por se tratar de uma questão importante para muitos estudiosos que vêem nela uma dimensão estética. Avaliei, também, a adoção do futebol como metáfora da globalização, o que reforça a tese de que ele é, efetivamente, um fato social.

Outro aspecto abordado neste capítulo foi o da produção cultural sobre futebol. Existem muitos filmes (ficção e documentários), livros, revistas em quadrinhos e músicas, além de exposições artísticas, que tratam deste esporte, o que comprova a sua relevância. Chama a atenção, neste contexto, a participação daquele que é considerado o maior jogador de todos os tempos, Pelé. O craque, que também é um mito, foi retratado no cinema diversas vezes, tendo, inclusive, participado como ator em algumas filmagens. Além disso, ele compôs e gravou músicas e foi homenageado por muitos artistas plásticos, como Andy Warhol, por exemplo, tendo sido transformado, ainda, em personagem de revistas em quadrinhos por Mauricio de Sousa, no gibi “Pelezinho”.

Menciono também o fato de que o futebol possui uma dimensão pedagógica. É o que defende Priscila Ramalho (2002), que apresentou diferentes experiências educativas que se valem do futebol em espaços escolares. Fábio Silvestre da Silva (2007) é outro autor que utilizou o futebol para desenvolver uma ação educativa, voltada para um público diferente (jovens infratores) e com um sentido de inclusão social. Trago outros exemplos sobre os modos como o futebol é utilizado em termos sócio-educacionais, a partir de trabalhos propostos por organizações criadas por jogadores e ex-jogadores, como o “Instituto Bola Pra Frente”, a “Fundação Gol de Letra”, o

“Instituto Deco20”, a “Fundação Edmilson – Construindo Sonhos” e o “Instituto Ronaldinho Gaúcho”. Cito, ainda, o fato de que o Vasco da Gama criou uma escola de ensino médio em sua sede, no Rio de Janeiro, com o intuito de estimular os seus jovens atletas a continuarem os estudos. Justifico, deste modo, a importância da pesquisa sobre o universo do futebol, sendo a participação feminina o fenômeno central contemplado nesta investigação.

Ainda neste capítulo, introduzi uma discussão sobre gênero, com a intenção de reconhecer e avaliar os estereótipos femininos presentes na cultura futebolística. Para tanto, considerei dados sobre a prática do futebol feminino no país, valendo-me de revistas esportivas e sites, entre outros materiais especializados. Apresentei também algumas experiências femininas no futebol, procurando demonstrar as dificuldades históricas sofridas pelas mulheres para ingressarem neste campo. Incluí reflexões de jogadoras profissionais e amadoras, que falaram sobre os preconceitos que enfrentam, os quais provêm, em grande medida, de suas próprias famílias. Por outro lado, mostrei que é crescente a participação feminina neste esporte, dando como exemplo o time do Santos, liderado por aquela que é considerada a melhor jogadora do mundo, Marta, campeã da primeira Taça Libertadores da América na modalidade feminina, torneio que ocorreu em 2009.

Um evento importante, em termos simbólicos, foi a eleição de Patrícia Amorim, em dezembro de 2009, como presidente do Flamengo, um fato inédito na história da instituição, que promete estimular experiências similares em outros clubes brasileiros, dada a popularidade do clube carioca. Na década anterior, foi a vez de Marlene Matheus assumir a presidência do Corinthians, num processo eleitoral polêmico, pelo fato de que ela era casada com o lendário dirigente corintiano Vicente Matheus.

A discussão sobre gênero implicou a reflexão sobre outros campos de estudo, como o feminismo. Utilizei, para estabelecer este diálogo, autoras que procuraram entender, numa perspectiva histórica, as relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres, como Michelle Rosaldo (1979), Sherry Ortner (1979) e Judith Butler (2003), por exemplo. A questão da dominação masculina sobre a mulher, identificada pelas autoras, é problematizada por

Pierre Bourdieu (2007) e por intelectuais pertencentes a grupos que pesquisam a história da mulher. Procurei, deste modo, contemplar variadas abordagens sobre o feminismo. Optei, no entanto, por aprofundar o estudo sobre esta área de forma “aplicada”, ou seja, voltada para o mundo esportivo, em especial o futebolístico. De acordo com Manuel Castells (2006), é preciso pensar as múltiplas identidades feministas, uma vez que este movimento é fragmentado. Para ele, é possível afirmar que existem vários feminismos, embora algo de universal exista entre eles: a busca pela equiparação em relação aos homens. Os “feminismos futebolísticos”, portanto, é que são contemplados no âmbito desta investigação.

No terceiro capítulo, “**Metodologia**”, fiz considerações sobre a etnografia como método de pesquisa, enfatizando as técnicas que utilizei para observar o Núcleo de Mulheres Gremistas e o Espaço da Mulher Colorada, em suas reuniões (regulares e extraordinárias), festividades e ações voluntárias, muitas das quais foram realizadas em parceria. Discuti também o uso de imagens nas Ciências Sociais, valendo-me de autores como Luciana Bittencourt (1998), Boris Kossoy (2001) e José de Souza Martins (2008), que pensam não apenas a fotografia como recurso investigativo, mas a própria sociedade visual em que vivemos. Alexandra Garcia (2005) é outra autora contemplada neste capítulo, por avaliar diferentes possibilidades interpretativas das imagens. Saliento que as fotografias nesta pesquisa têm um papel importante, pois expressam a luta destes grupos de mulheres por um “lugar” em seus clubes.

Elaborei neste terceiro capítulo uma reflexão sobre o que se chama “descrição densa”, com a intenção de poder avaliar a minha própria etnografia. Esta questão foi trazida por James Clifford (2002), para quem os atuais trabalhos de campo correm o risco de serem instrumentos superficiais de análise, seja pelo pouco tempo dedicado à etnografia ou pela má articulação entre os autores apontados como referências teóricas e as próprias observações feitas na prática da pesquisa. Existe, neste sentido, uma preocupação sobre como trabalhar os dados coletados em campo e como dar voz aos atores envolvidos no processo de investigação. Este é um alerta feito

por Ruth Cardoso (2004), que acredita que a etnografia deve proporcionar ao leitor a clareza sobre as condições de produção da pesquisa.

Exploro também o entendimento de alguns autores, como Howard Becker (1994), Gilberto Velho (2004) e Marco Stigger (2002), por exemplo, de que a etnografia possibilita uma relação de comunicação entre pesquisadores e pesquisados. Suas considerações são de muita valia para a minha pesquisa, uma vez que estabeleci um amplo contato com os grupos investigados, sobretudo com o Núcleo de Mulheres Gremistas. Os questionamentos de Roberto DaMatta (1987, 1989 e 2006) acerca da observação participante igualmente são aproveitados, por se tratar deste autor um intelectual que, além de discutir preceitos antropológicos de pesquisa, estuda o futebol (como drama, no caso). A problemática da neutralidade na pesquisa é tratada por Airton Negrine (1999) e por Celso Dias (1991) e foi considerada na minha avaliação sobre etnografia.

Outras questões ligadas a este modelo de investigação se fazem presentes neste capítulo. O modo como que se registram as observações é tratado por Clifford Geertz (1989) e por Yves Winkin (1998). Discuto, assim, a construção do “diário de campo” e o seu aproveitamento como fonte de dados. Levo em conta também a avaliação de José Magnani (2001), que acredita ser importante contemplar-se o que ele chama de “fatores extra discursivos”, ou seja, é preciso que se considere o ambiente formado em torno dos grupos pesquisados. As integrantes do Núcleo de Mulheres Gremistas e do Espaço da Mulher Colorada, como quaisquer outras pessoas, representam diferentes papéis sociais, que não podem ser desprezados. A opinião dos seus familiares e de torcedores do Grêmio e do Internacional, bem como da imprensa sobre suas ações são importantes.

Pedro Demo (2005) também questiona a observação participante como método investigativo, perguntando-se sobre a validade dos depoimentos nesta forma de fazer pesquisa. Suas reflexões são de suma importância para este estudo, uma vez que utilizei depoimentos de torcedoras de futebol, vinculadas ou não ao NMG e a EMC. Everardo Rocha é outro autor presente na tese, por tratar da questão do “estranhamento” na investigação antropológica, assim

como Cláudia Fonseca (2000) e Jean-Claude Combessi (2004), que estabeleceram reflexões acerca de uma espécie de vigilância epistemológica que todo o pesquisador deve adotar.

No capítulo quatro, intitulado “**Do anonimato ao Conselho Deliberativo: histórias de lutas tricolores e coloradas**”, avaliei os dados obtidos no trabalho de campo. Para tanto, elaborei três categorias de análise, sendo a primeira denominada “**O ‘lugar’ das mulheres nos clubes de futebol: os casos do Grêmio e do Internacional**”, onde discuto a participação feminina nos referidos clubes ao longo da história. A segunda categoria chama-se “**Em busca de legitimidade: qual o ‘lugar’ das mulheres num mundo de homens?**”, por meio da qual discuti o processo de construção das agendas do Núcleo de Mulheres Gremistas e do Espaço da Mulher Colorada. Organizei-a em três dimensões: física, política e simbólica. A primeira se refere à problemática ocupação dos espaços destinados ao NMG e ao EMC pelo Grêmio e pelo Internacional; a segunda diz respeito à modesta participação feminina nos Conselhos Deliberativos das referidas instituições esportivas, fato comprovado nos sites oficiais destes clubes na internet; a terceira reúne elementos das dimensões anteriores, acrescida de dados que obtive ao explorar a produção cultural dedicada ao tricolor gaúcho e ao colorado.

Estes grupos parecem ter minimizado as potenciais desavenças em prol de campanhas solidárias, fortalecendo-se a partir da competição sadia entre as integrantes. A lógica da rivalidade foi usada inúmeras vezes como motivação para que as pessoas de fora dos grupos participassem das ações assistenciais propostas ou apoiadas. A cooperação entre o NMG e o EMC, no entanto, não implicou o desaparecimento das rugas futebolísticas. Presenciei, em algumas reuniões, integrantes dos dois grupos manifestarem-se contra tal parceria.

As relações estabelecidas entre as mulheres tricolores e as coloradas foram discutidas na terceira categoria de análise, denominada “**‘Gre-nais’ femininos: parcerias e rivalidades**”. Acompanhei alguns eventos que contaram com a participação de integrantes do NMG e do EMC como, por exemplo, a comemoração do “Dia Internacional da Mulher”, que culminou com

um abraço à Prefeitura Municipal de Porto Alegre, em 07 de março de 2009. No mesmo ano, no dia 03 de outubro, gremistas e coloradas se reuniram para arrecadarem brinquedos e fraldas, movimento que se deu por conta do “Dia da Criança”. E em meados de dezembro elas organizaram o “Segundo Pedágio solidário”, com o objetivo de angariar presentes de Natal para crianças pobres.

Para que o leitor possa compreender melhor as motivações das integrantes do Núcleo de Mulheres Gremistas no que se refere à criação de seus grupos, elaborei o tópico “**O futebol é o meu mundo: trajetórias de mulheres torcedoras**”, onde reproduzo algumas entrevistas de torcedoras tricolores acerca da paixão nutrida por seus clubes. As fotografias aparecem neste capítulo, bem como anúncios publicados pelo Grêmio e pelo Internacional a respeito de datas festivas como o “Dia das Mães” e o “Dia Internacional da Mulher”. Inseri, ainda, uma campanha publicitária voltada para o aumento do número de sócias, com o objetivo de pensar as formas com que as mulheres estão sendo representadas pelos clubes de futebol.

Terminado este capítulo, concluo a tese. Feitas as considerações finais, publico as “**Referências**”, seguidas dos “**Anexos**”, com imagens publicitárias do Internacional e do Grêmio a respeito do “Dia Internacional da Mulher” (2010).

CAPÍTULO II

FUTEBOL E GÊNERO: MULHERES NUM MUNDO MASCULINO



2. FUTEBOL E GÊNERO: MULHERES NUM MUNDO MASCULINO

2.1 O futebol e as Ciências Sociais

O futebol é uma importante temática das Ciências Sociais, sendo considerado por Antonio Costa (2005) um fato social total, uma vez que a sua prática diz respeito a diferentes instâncias culturais, abarcando fatores políticos, econômicos, familiares, religiosos e educativos, entre outros. Ronaldo Helal (1990) reforça esta visão, afirmando ser o futebol um fato social, na medida em que *“(...) existe fora das consciências individuais de cada um, mas que se impõe como uma força imperativa capaz de penetrar intensamente no cotidiano de nossas vidas, influenciando os nossos hábitos e costumes”* (1990, p.14). O aspecto imperativo observado por este autor refere-se, sobretudo, ao espaço expressivo que recebe o futebol na mídia.

Esta discussão nos remete a Émile Durkheim (2000), para quem *“o fato social é reconhecível pelo poder de coerção externa que exerce ou é suscetível de exercer sobre os indivíduos (...)”* (2000, p.49). O sentido de coerção dado pelo autor se aplica, no contexto do futebol, por conta da importância deste esporte para o país. É difícil não ter algum conhecimento ou informação sobre o mundo da bola, mesmo quando não se gosta dele, dada a divulgação maciça dos eventos futebolísticos através dos meios de comunicação. As transmissões esportivas na televisão aberta são rotineiras, incluindo diferentes campeonatos: o brasileiro, a Copa do Brasil, a Libertadores da América, o Mundial Interclubes, entre outros. Além da cobertura dos jogos em si, existem muitos programas que tratam de futebol, exibindo compactos das partidas e comentários sobre estas, feitos, na maioria das vezes, por ex-jogadores e jornalistas especializados.

Os espetáculos esportivos são emblemas de um processo de midiaticização da cultura. Para Ronaldo Helal (2001), espectador e espetáculo

são partes integrantes de um mesmo universo, sendo a Copa do Mundo, no caso do futebol, o evento máximo em termos de significado internacional. O futebol é um fenômeno universal, de acordo com José Witter (1990), dado a vasta circulação de informações sobre este esporte no mundo. José Wisnik (2008), por sua vez, afirma que o futebol *“(...) se tornou uma espécie de língua geral que coloca em contato as populações de todos os continentes (...)”* (2008, p.16). Para compreendermos este esporte é necessário, conforme o autor, considerarmos o seu entorno, ou seja, é preciso ir além do jogo em si para entendê-lo como expressão cultural.

Eric Hobsbawn (2000) acredita que *“nada ilustra melhor a globalização do que as transformações por que passou o futebol na última década”* (2000, p.132), numa referência à internacionalização das transmissões esportivas e às inúmeras transferências de jogadores entre vários países. Franklin Foer (2005) igualmente considera o futebol uma metáfora da globalização, ao avaliar os conflitos (raciais, em especial) provocados pela grande participação de atletas estrangeiros no futebol europeu. Da mesma forma, Victor de Melo e Marcos Alvito (2006) acreditam que o *“(...) o conhecimento do mundo em tempos de globalização passa pelo futebol* (2006, p.7). Os referidos autores, inclusive, organizaram uma criativa obra sobre os diferentes modos como este esporte é retratado através do cinema.

A globalização do futebol preocupa Ivan Padilla (2006), que questiona se ainda existe espaço para um jeito nacional de jogar. Ele acredita que

“os países, inclusive o Brasil, alternam gerações de craques com outras que não são tão boas. Muitas vezes o que se convencionou chamar de um ‘estilo nacional’ é apenas a memória de uma equipe inesquecível” (2006, p.86).

O autor afirma que existe uma cultura de clichês em torno do futebol, que faz com que as pessoas acreditem que os países devam manter um estilo de jogo, sob pena de perderem a sua identidade. Esta é uma discussão proposta por Luiz Henrique de Toledo (2002), para quem a universalização das

regras não representa a desconstituição das escolas de futebol. Assim, é possível reconhecer, numa partida, se uma equipe jogou à brasileira ou à inglesa, por exemplo, o que representa, para o autor, uma dimensão estética.

Ainda sobre questões estéticas, Sérgio Giglio (2005) observa que

“o futebol, por ser influenciado pela cultura, faz com que o estilo de jogo de cada país seja particular. Assim, o futebol-arte é simbolizado pelo futebol brasileiro, enquanto o futebol-força é representado pelo futebol europeu” (2005, p.55).

Para ele, a compreensão do futebol como cultura exige a discussão sobre este suposto antagonismo (arte versus força).

Outro importante aspecto abordado quando se trata do “esporte das multidões” diz respeito à questão da violência. Conforme Maurício Murad (2007),

“ao definir o futebol como objeto de investigação científica, o que encontramos, a bem dizer, o que se oferece à análise é um imenso leque de possibilidades de leituras do real, diversificadas temáticas, entre as quais a violência é uma das mais debatidas, tanto pela pesquisa acadêmica, quanto pelos meios de comunicação de massa” (2007, p.21).

A violência no futebol preocupa Ângelo Vargas (2006), que acredita que ela não nasce nos estádios, sendo um reflexo dos conflitos presentes nas sociedades contemporâneas. Elisabeth Silva (1999) acredita que *“a violência não é um ingrediente novo no cenário do futebol, e foi sempre objeto de preocupação das autoridades envolvidas com este esporte”* (1999, p.171). Ela questiona a eficácia das tradicionais formas de combater a violência neste universo, tais como a proibição das torcidas organizadas nos estádios. Esta posição é partilhada por Heloisa dos Reis (2006), que atribui aos organizadores dos espetáculos esportivos realizados no Brasil parte da responsabilidade sobre a violência verificada nos estádios. O controle sobre o uso de bebidas alcoólicas deve ser coibido, no seu entendimento, o que nem sempre ocorre de

forma satisfatória. Para ela, é preciso que se desenvolvam, no país, políticas públicas mais claras no que se refere ao esporte e ao lazer.

Os estádios são a casa dos torcedores, traduzindo a forma com que os clubes os tratam. É o que pensa Arlei Damo (2002), para quem as praças esportivas se caracterizam pelas várias segmentações espaciais, que expressam as desigualdades sócio-econômicas (uma espécie de violência simbólica) existentes entre os espectadores. O espaço que melhor simbolizou a diferença de classes foi proibido: a “coréia” (também conhecida como “popular” ou “geral” em alguns estados). As mudanças no mundo do futebol estão exigindo que os clubes reformem seus estádios, com o intuito de possibilitar maior conforto e segurança para os torcedores. Algumas instituições esportivas já pensam em construir novos espaços, as chamadas “Arenas”.

Em termos nacionais, esta necessidade se acelera, pois o país foi escolhido para ser a sede da Copa do Mundo em 2014. Segundo Heitor Gularte (In: jornal Correio do Povo, 01/06/2009, p.21), secretário estadual de Turismo, Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul, um dos estados que sediará este evento, *“a preparação para a Copa passa pela ampliação dos investimentos em três pontos: qualificação profissional, estrutura hoteleira e de gastronomia e atrações culturais”*. Apesar das comemorações por conta desta escolha, cabe perguntar se o Brasil estará à altura deste evento, dado os problemas estruturais que afligem o país.

Voltando à problemática da violência no futebol, uma estratégia de combate a ela tem a ver com a questão da religiosidade. Em meados dos anos 80 surgiram, no país, os “Atletas de Cristo”. De acordo com Francisco Nunes (1999), o principal objetivo deste grupo de jogadores era o de *“(...) levar a mensagem cristã para milhões de brasileiros através do esporte”* (1999, p.210). Para tanto, os atletas envolvidos com esta proposta deveriam lutar contra algumas práticas tidas como corriqueiras no futebol, como as jogadas violentas e a corrupção, por exemplo. Boleiros famosos na época aderiram ao espírito futebolístico cristão, como Müller, César Sampaio, Zinho, Evair, entre outros. Segundo Nunes (1999), *“a organização do movimento ‘Atletas de Cristo’*

coincide com o período de fundação das chamadas igrejas evangélicas neopentecostais” (1999, p.207).

Ricardo Perrone e Bernardo Itri (2009) publicaram uma matéria na revista esportiva “Placar” intitulada “Deus é brasileiro”, na qual demonstram que existe um envolvimento de jogadores da atual seleção brasileira com questões religiosas. Os autores falam sobre a existência de um pastor chamado Anselmo Alves, ex-jogador de futebol, que atua junto a alguns atletas, como o zagueiro Lúcio, por exemplo. O pastor acredita que *“você pode caminhar com Jesus sem ser uma pessoa fanática. Posso ver isso no Kaká. Ele é admirado não porque ele é o cara, mas porque tem Jesus como mestre”* (In: revista Placar, 2009, p.70). A reportagem aborda, ainda, o fato de que existem muitos times brasileiros que contam com a presença dos “Atletas de Cristo”, como o Santos.

Outra questão que chama a atenção de Perrone e Itri (2009) é o fato de que

“a Fifa não admite oficialmente, mas sabe que a religiosidade movimenta milhões. Afinal, são alguns dos jogadores mais bem pagos do planeta que mensalmente deixam parte de seus salários na igreja” (In: revista Placar, 2009, p.71).

Eles afirmam que é crescente o número de atletas-pastores e que parte dos cultos religiosos pode ser acompanhada na internet, inclusive através do site do Jornal Placar (www.jornalplacar.com.br/religiao-futebol).

A reflexão sobre a violência no futebol implica a avaliação sobre a figura dos “bad boys”. Diego Maradona, considerado um dos melhores jogadores do mundo em todos os tempos recentemente assumiu a função de técnico da seleção argentina, sob a desconfiança de muitos torcedores, devido ao seu envolvimento, enquanto atleta, com drogas ilícitas. Apesar da campanha ruim do país nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 2010, quando conquistou a vaga na última rodada, os torcedores argentinos por vezes hesitaram em criticar Maradona. Conforme Mário de Souza, o treinador *“(...) só não perdeu o cargo ainda porque é a divindade que os argentinos não se atrevem a*

contrariar” (In: jornal Zero Hora, 12/09/2009, p.53). Qualquer avaliação sobre este jogador deve considerar, no mínimo, dois aspectos: o técnico e o comportamental.

Apesar do seu lado “bad boy”, Maradona é reverenciado na Argentina, a ponto de ser construída uma igreja em sua homenagem (os fiéis são chamados de “maradonianos” e esperam, sim, milagres advindos da aura mágica do craque). Neste país, Dieguito, como também é conhecido, goza, de certo modo, do status de um “santo”, devido a sua contribuição valiosa para o futebol. Pablo Alabarces (2002) observa que

“la figura de Maradona es central en el relato nacionalista futbolístico de los años ochenta (...) funciona como ‘centro luminoso’ de la patriotidad del fútbol argentino, un centro que lleva toda la serie anterior hasta la hipérbole” (2002, p.133).

O craque argentino também foi abordado por Eduardo Archetti (2003), para quem ele “(...) es, sin duda, la estrella más célebre del fútbol argentino contemporáneo” (2003, p.245). Adriano, conhecido na Europa como “Imperador”, atacante da seleção brasileira e goleador do time do Flamengo que se sagrou campeão brasileiro em 2009, é famoso pelo seu chute forte e certeiro, mas também por ser um “baladeiro”, o que não o impede de ser idolatrado pelos torcedores rubro-negros.

Atualmente, existe o que se chama de “bad religion”. Conforme Perrone e Itri (2009), jogadores como Fábio Costa, goleiro do Santos e Marcelinho Carioca, meio-campista do Santo André, representam bem este estilo, por conta de suas atitudes muitas vezes agressivas em campo e no interior dos vestiários. Estes jogadores são acusados comumente de provocarem conflitos com os colegas de time e com os treinadores. Eles, no entanto, participam de grupos religiosos ligados aos seus atuais clubes. Ambas as figuras são complexas, sendo associadas, algumas vezes, à rebeldia. José Florenzano (1998) chama a atenção para o fato de que

“(...) a rebeldia do jogador brasileiro manifesta-se, sobretudo enquanto luta de resistência contra a concepção moderna do futebol, baseada no privilégio da força física em detrimento do talento, e na racionalização dos sistemas de jogo em decorrência da qual submete-se a arte às exigências da objetividade, funcionalidade e busca da eficácia que regem as equipes organizadas como máquinas-disciplinares de jogar futebol” (1998, p.17).

Um exemplo interessante de rebeldia no futebol brasileiro foi construído em São Paulo nos anos 80: a “Democracia Corinthiana”. Os jogadores Sócrates, Casagrande e Wladimir, ídolos do “Timão”, foram responsáveis, junto com outros companheiros de clube, por um processo de politização dos atletas. Eles exigiram um novo processo de gestão em seu clube, que permitisse um maior contato com o Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo. Além disso, estes jogadores participaram de campanhas de maior porte, como as “Diretas Já” (1984), em prol da eleição direta para presidente da República.

O movimento corintiano foi apoiado por torcedores de outros clubes do país, ganhando força interna também por conta dos bons resultados de campo, uma vez que o time paulista sagrou-se bicampeão regional neste período, apresentando um futebol de bastante qualidade. O ex-jogador do “Timão” Wladimir (1999) entende que a democracia proposta representou um exercício de cidadania numa época em que o país vivia uma fase de transição entre a ditadura militar e as novas organizações civis, em termos institucionais. Para ele,

“as pessoas devem discutir e decidir sobre tudo que lhe diz respeito. De atletas viramos conselheiros do clube e alguns, sócios benfeitores remidos, portanto com direito a voto nas eleições para presidente do clube” (1999, p.92)

Com o passar do tempo e com as mudanças no mundo do futebol, além da aposentadoria dos principais jogadores envolvidos neste processo, a “Democracia Corinthiana” esvaziou-se, sem perder, contudo, sua importância histórica. Não existe, atualmente, no futebol brasileiro, nenhuma experiência

similar à corintiana. Clubes e atletas parecem estar mais preocupados com o mercado de trabalho do que com questões ideológicas. Somam-se a eles nesta busca por melhores condições financeiras os empresários, responsáveis, na maioria das vezes, pelas transações de jogadores.

O futebol também é objeto de discussões políticas. Gilberto Agostino (2002), ao analisar o poderio dos regimes fascistas europeus na década de trinta do século passado, afirmou que muitos atletas da América do Sul aceitaram compensações financeiras para atuarem na Itália, incluindo sobrenomes italianos às suas carteiras de identidade. Para ele, este processo impulsionou a profissionalização do futebol na Argentina e no Brasil. Eduardo Galeano (2004) também contribuiu para pensar relações sociais e políticas através do futebol. Ao comentar o campeonato mundial ocorrido em 1974, na Alemanha, ele ironizou o presidente dos Estados Unidos na época, Richard Nixon, entre outras autoridades. Crítico ferrenho ao processo de industrialização do futebol, o autor observa que *“a tecnocracia do esporte profissional foi impondo um futebol de pura velocidade e muita força, que renuncia à alegria, atrofia a fantasia e proíbe a ousadia”* (2004, p.10). Ele confessa torcer para que, de vez em quando, surjam jogadores atrevidos que desafiem o futebol burocrático, “de resultado”, em nome da beleza e do prazer.

Assim como Galeano (2004), o escritor Carlos Drummond de Andrade (2002) ocupou-se em relacionar futebol e política. Em meio à Copa do Mundo realizada na Espanha (1982), ele avaliou o ambiente vivido no Brasil na época:

“Lula ensaia os primeiros chutes como artilheiro, Jânio deixou de ser confiável ao abandonar o campo nos primeiros minutos de jogo, os generais pré-candidatos parece que embolarão o meio-campo no afã de ocuparem a mesma área, que não dá par todos (2002, p.177).

O atual presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, citado por Drummond (2002) como promessa política, recentemente se valeu do futebol para explicar uma discussão que ocorreu numa sessão do plenário do Supremo Tribunal Federal (STF), entre o presidente da Casa, Gilmar Mendes e

o ministro Joaquim Barbosa, fato bastante divulgado pela imprensa nacional. Lula (In: jornal Correio do Povo, 24/04/2009, p.20) afirmou estar “(...) *longe de ver uma crise institucional porque dois homens divergem, se desentendem. Se fosse assim, não haveria mais futebol, porque tem briga em campo todo o santo dia*”. Torcedor do Corinthians, o presidente já utilizou o futebol outras vezes como metáfora.

Existem estudiosos que abordam a questão da identidade nacional a partir da reflexão sobre as relações estabelecidas entre os diferentes povos e suas seleções nacionais, quando da participação dessas em Copas do Mundo, em especial. Conforme Fatima Antunes (2004), no Brasil é comum comparar-se o desempenho do país com o da seleção de futebol, numa perspectiva de otimismo-pessimismo, de acordo com os resultados de campo.

Uma Copa do Mundo, em especial, tornou-se para o Brasil um drama. Em 1950 o país sofreu por causa da derrota para o Uruguai na partida final, que foi realizada no estádio Maracanã, no Rio de Janeiro. Galeano (2004) salienta que os comentaristas brasileiros na época definiram a derrota verde-amarela “(...) *como a pior tragédia da história do Brasil*” (2004, p.91). Carlos Moreira e Sérgio Villar (2002) observam que o desastre se tornou ainda maior devido ao falecimento de um sargento da Marinha, vítima de um ataque cardíaco sofrido no final da partida. Neste dia, segundo os autores, “*o Maracanã se calou e o país silenciou*” (2002, p.26). A morte do militar brasileiro foi anunciada nas rádios durante a transmissão do jogo, causando ainda mais tristeza e quietude nos torcedores. Até mesmo o carrasco brasileiro, o jogador Ghiggia, autor do gol que deu a vitória – e o título – ao time uruguaio, comentou nunca ter presenciado tamanho silêncio em meio a uma multidão (o público estimado neste jogo é de duzentos mil espectadores, o maior já registrado numa partida de futebol). Apesar do trauma, em 2009 Ghiggia colocou os seus pés na calçada da fama do Maracanã, tornando-se o sexto estrangeiro homenageado no célebre estádio (www.esportes.terra.com.br, em 29/12/2009).

Em 1988, os cineastas Ana Azevedo e Jorge Furtado, baseados num conto, tentaram mudar a história desse confronto, através do curta-metragem “Barbosa”. Na obra, um personagem inconformado com o resultado volta ao

passado para avisar o goleiro brasileiro sobre qual o canto em que a bola chutada pelo atacante uruguaio entraria. Na tentativa de ouvir o conselho do estranho junto ao seu arco, o atleta brasileiro distrai-se e o gol acaba ocorrendo da mesma maneira. Esta obra é emblemática e retrata, de forma criativa, a decepção do povo brasileiro com o que se tornou conhecido como “Maracanaço”.

A construção do Maracanã explicitou a vontade do país em tornar-se reconhecido mundialmente. Conforme Renato Sérgio (2000), a inauguração do estádio tornou-se um evento político:

“Já na Tribuna de Honra, em plena atmosfera protetora do privilégio, o Presidente da República, Marechal Eurico Gaspar Dutra, o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, e outras autoridades, inclusive o candidato (derrotado) à Presidência da República pelo PSD, Cristiano Machado, além do Prefeito Mendes de Moraes” (2000, p.11).

A avaliação das relações futebolísticas entre brasileiros e uruguaios implica a reflexão sobre as formas com que a história desta Copa tem sido recontada, inclusive por parte dos “hermanos”. Celso Unzelte (2002) apresenta uma brincadeira (piada) uruguaia sobre o assunto:

“ao reconhecerem um brasileiro, os uruguaios fingem ares de inocência e vão logo perguntando: ‘Ah, o senhor é do Brasil? E como vai a praia de ‘Cabana’? Invariavelmente, o brasileiro procura explicar que o nome correto da atração turística carioca é Copacabana, e não apenas ‘Cabana’. Para só então, ao ouvir a resposta do uruguaio, perceber que caiu em uma cilada: ‘Não, senhor, é ‘Cabana’ mesmo. Porque a ‘Copa’ nosotros a levamos para casa, em 1950...” (2002, p.123-124).

Em respeito ao drama vivido no Maracanã, Rubim de Aquino (2002) entende que “(...) o sonho acalentado por milhões transformou-se no pesadelo de um povo. Para muitos era a comprovação de constituirmos uma sociedade de incompetentes e fracassados” (2002, p.71). Já em 1940, o governo brasileiro criara o Conselho Nacional de Esportes (CNE), numa provável

tentativa de utilizar o apelo popular do esporte, sobretudo o do futebol, como estímulo a um processo de integração nacional. A participação consentida de negros e brancos pobres neste esporte contribuiu para a visão de que o futebol representava um espaço democrático.

O fracasso na Copa de 1950 implicou, naquele contexto, o comprometimento momentâneo de um projeto de nação. O uso da Copa do Mundo como estratégia de alienação política é criticado por Roberto Ramos (1988), que acredita que *“o futebol serviu de coadjuvante ideológico no período mais autoritário e repressivo do país”* (1988, p.35). Para o autor, durante a ditadura militar, o Brasil conquistou, além do tricampeonato em 1970, o “Campeonato Mundial de Tortura”. De qualquer modo, o clima para a Copa do Mundo de 2014 já começou. A Imprensa Oficial do Estado de São Paulo decidiu homenagear craques brasileiros de diferentes gerações em seu calendário anual, que na edição de 2010 ganhou o nome de “Os mágicos da bola”. Foram contemplados doze jogadores, o mesmo número de meses do ano. Pelé encabeça a lista (janeiro), seguido de Zico (fevereiro), Leônidas (Março), Didi (abril), Nilton Santos (maio), Djalma Santos (junho), Gerson (julho), Rivellino (agosto), Bellini (setembro), Zizinho (outubro), Ademir da Guia (novembro) e Gilmar (dezembro). De acordo com matéria publicada na internet, esta homenagem se deve, sobretudo, às comemorações de oitenta anos da primeira Copa do Mundo, que foi realizada em 1930, no Uruguai, sendo vencida pelo país anfitrião (www.clicrbs.com.br, em 15/12/2009).

Ao analisar a importância dos diferentes torneios de futebol Hilário Franco Júnior (2007) afirma que

“embora o maior evento futebolístico do planeta seja uma competição entre seleções nacionais, a Copa do Mundo, sem dúvida o que mantém cotidianamente acesa a chama do futebol são as competições regionais, nacionais e internacionais, interclubes” (2007, p.320).

Do mesmo modo, Richard Giulianotti (2002) afirma que o interesse dos torcedores por futebol se dá, basicamente, através dos torneios locais, que

fomentam as rivalidades. Em tempos de globalização, a concepção do que é “local” é ampliada ou relativizada. Assim, podemos pensar nas rivalidades entre os clubes num nível internacional, embora, por questões históricas, as relações mais tensas em termos futebolísticos se dão entre clubes da mesma cidade ou estado.

Um importante aspecto abordado através do futebol refere-se à questão racial. Mario Filho (2003) discutiu a sociedade brasileira a partir da reflexão sobre a condição do negro no país. Citando o Rei do Futebol, ele afirma que *“faltava alguém assim como Pelé para completar a obra da Princesa Isabel O preto era livre, mas sentia a maldição da cor. Onde tanto preto não querendo ser preto”* (2003, p.341). No Prefácio da 1ª edição do clássico de Mario Filho “O negro no futebol brasileiro” (1947), Gilberto Freyre observou que o futebol transformou-se numa instituição brasileira, incorporando a “capoeiragem” e o samba ao estilo de jogo.

É importante chamar a atenção para o fato de que, segundo Celso Branco (2006),

“Pelé nunca conclamou os negros ou os pobres a aspirar ao sucesso que ele tinha conseguido; suas mensagens se encaixavam claramente nos valores sociais que prevaleciam na sociedade brasileira. E enquanto Mohamed Ali, então Cassius Clay, recusava o alistamento no exército americano, Pelé o criticava publicamente, lembrando seu próprio serviço militar” (2006, p.215-216).

O futebol possibilitou ao negro brasileiro, sobretudo ao jogador, uma melhor condição econômica. É o que pensa Anatol Rosenfeld (2000). Citando dois “homens de cor”, os boleiros Domingos da Guia e Leônidas da Silva, o autor avalia que eles se tornaram ídolos não apenas pela qualidade técnica, *“(...) mas porque neles se encarnava um dos mais altos valores ideológicos do Brasil: o da democracia das raças (...)”* (2000, p.99). A problemática racial foi igualmente tratada por Simoni Guedes (2006). Ela cita o fato de que os jogadores brasileiros foram vítimas de preconceito, ao longo da história, nos

confrontos contra alguns vizinhos sul-americanos, em especial os argentinos. De acordo com a autora,

“quando os brasileiros são chamados de macacos pelos argentinos, na expressão acentuada da rivalidade no campo de futebol (e, talvez, no mercado transnacional deste esporte), está sendo acionado, justamente, este sinal diacrítico, o da forte presença negra na mestiçagem brasileira” (2006, p.141).

Por outro lado, conforme Guedes (2006), o discurso argentino procura lembrar ou afirmar a ausência do negro no seu processo de mestiçagem.

A complexa relação entre brasileiros e argentinos no que diz respeito ao futebol é tratada por Ronaldo Helal (2006), para quem a rivalidade construída em torno das figuras de Pelé e de Maradona representa uma faceta da ambígua história entre ambos os países. Ele acredita que

“(...) nestes confrontos recentes, ocorridos em 2005, o que observamos é que ao se deparar com o futebol brasileiro, o argentino ‘muda sua identidade’ e traz para si um elemento mais ‘europeizado’ que seria a ‘força’ ou a ‘garra’. Não é que este atributo não exista na Argentina, mas ele costuma ser secundarizado nos confrontos com os europeus, priorizando aqui o futebol ‘criollo’, baseado, em última instância, na ‘gambeta’”. (2006, p.181).

A rivalidade futebolística entre os referidos países pode ser verificada também nos confrontos clubísticos. Os jogos entre brasileiros e argentinos que ocorrem na taça “Libertadores da América”, por exemplo, muitas vezes acabam em pancadaria, inclusive entre os torcedores. Apesar disso, são muitos os jogadores argentinos que atuam nos clubes brasileiros, em especial no Rio Grande do Sul, estado considerado por boa parte da imprensa esportiva nacional como o mais argentino do país. Leandro Behs (2009) publicou uma reportagem intitulada “Alma castelhana”, na qual ele trata da identificação do torcedor gremista com o futebol argentino. O autor pergunta:

“Qual time tem a camisa reserva igual à da Argentina? Uma torcida que entoa grito das organizadas dos hermanos e que em vez de faixas e bandeiras carrega ‘trapos’ para o estádio? (...) Se respondeu Grêmio... acertou” (In: revista Placar, abril de 2009, p.74).

Behs (2009), inclusive, incluiu em sua matéria o “Pequeno dicionário do hinha gremista”, com algumas expressões em espanhol que são adotadas pelos tricolores. O Internacional, embora não tenha tanta identificação com os vizinhos sul-americanos, seguidamente conta em seu elenco com jogadores argentinos. No momento, o time titular colorado possui dois deles. Vale lembrar que vários atletas brasileiros já atuaram na terra de Maradona.

Para pensar a importância do futebol para o país, é fundamental recorrer-se a Roberto DaMatta (1989), para quem *“o futebol no Brasil é um veículo básico para a socialização e um complexo sistema para a comunicação de valores essenciais em uma sociedade altamente segmentada”* (1989, p.73). Aproximando os universos do carnaval e do futebol, ele afirma que ambas as expressões culturais representam aspectos duradouros do meio social brasileiro. Édison Gastaldo (2002) reforça esta visão, ao observar que *“o futebol no Brasil pode ser considerado uma das manifestações culturais mais importantes na constituição da cultura brasileira contemporânea, juntamente com o carnaval e as chamadas religiões afro-brasileiras”* (2002, p.23). Segundo o autor, o futebol opera como uma espécie de “elemento aglutinador” no que diz respeito às representações culturais que se dão acerca de uma idéia de “povo brasileiro”.

A força aglutinadora do futebol foi conferida por Mário Magalhães (1998). Ele acompanhou, junto com o fotógrafo Antônio Gaudério, a prática deste esporte em dezessete cidades brasileiras, localizadas em nove estados. O chamado futebol de várzea e também o futebol indígena (que não é muito diferente) foram contemplados. Nesta obra são registradas histórias de pessoas apaixonadas por futebol que fazem verdadeiros sacrifícios para jogarem bola, como, por exemplo, enfrentar as águas do rio Solimões, de forte correnteza, para chegar ao campo onde estava marcada uma partida.

O autor observa que

“a reunião dos personagens e episódios agora em livro não têm a ambição de elucubrar, mas de registrar, em estado bruto, matéria-prima para quem se propuser a tirar lições sobre a alma brasileira. Ou, simplesmente, para quem se encanta com o folclore e se comove com os dramas do futebol” (1998, p.15).

Sobre o futebol indígena, Leonardo Aquino (2009) chama a atenção para o Gavião Kykatejê Futebol Clube, que se classificou para disputar a próxima edição da segunda divisão do futebol paraense. Esta equipe é composta quase que integralmente por índios. Conforme Aquino (2009), o treinamento dos atletas é curioso:

“a prática mais comum é a corrida de tora, em que os índios/jogadores correm pela floresta carregando toras de madeira nos ombros (...) em vez de driblarem cones (...) os índios desenvolvem sua ginga com uma atividade incomum: desviar de flechas atiradas com arcos” (In: revista Placar, 2009, p.36).

Ele informa que as flechas recebem chumaços de algodão nas pontas, para que os jogadores não se machuquem. Considerado o primeiro time indígena do mundo, o Kykatejê, de acordo com Rafael Peruzzo (In: jornal Correio do Povo, 20/09/2009, contracapa), iniciou suas atividades em 2003, sendo o índio Pepkrake Konxarti, também conhecido como Zeca Gavião, o principal responsável pela organização da equipe. Gavião observa que o seu maior objetivo é o de revelar talentos nas aldeias indígenas. O time joga no estádio Vinho Oliveira, em Marabá.

O futebol indígena representa a diversidade cultural que existe no país. Para Elma de Lima (2005), ele é um meio de expressão da sociedade, devido a sua força simbólica, ao seu poder de atravessar as diferentes redes de relações sociais existentes no país. A autora acredita, ainda, que o futebol é um bom retrato do Brasil, das suas contradições e complexidade. Maurício Murad (2007), por sua vez, afirma que o futebol *“(...) é a síntese de múltiplas determinações objetivas e subjetivas – emocionais, existenciais, culturais, sociais, históricas (2007, p.17).* Chamo a atenção também para o fato de que o futebol proporciona um processo de socialização que, segundo Gilmar Couto

(2000), alimenta “(...) *um imaginário coletivo que faz com que seja visto como uma ‘porta aberta’ para a ascensão social dos meninos das classes populares*” (2000, p.17). Esta é uma boa explicação para a grande procura de jovens em situação de precariedade sócio-econômica pelas “peneiras”, isto é, processos seletivos por meio dos quais inúmeros garotos podem iniciar uma carreira como atletas nos clubes de futebol profissional.

Existe uma dimensão pedagógica relativa ao futebol. É o que acredita Priscila Ramalho (2002), que apresentou algumas experiências realizadas em escolas que se valeram deste esporte para ensinar disciplinas (matérias) como Matemática e Geografia. O ensino da Matemática, aliás, foi pensado por Jon Scieszka (2004), que elaborou o que ele próprio chamou de “problema esportivo”. O autor comparou dados referentes às seleções brasileiras que disputaram as Copas do Mundo de 1958 e de 1994, questionando, no final do exercício, qual o time que teve o melhor desempenho.

Outras problemáticas surgem quando o assunto é futebol e educação. Cátia Duarte e Ludmila Mourão (2007), por exemplo, entendem que as desigualdades entre homens e mulheres se perpetuam no âmbito escolar, sobretudo nas aulas de Educação Física ou quando das práticas esportivas, sendo o futebol o campo onde mais se percebe este processo. Posteriormente explorarei esta questão (de gênero). Fábio Silvestre da Silva (2007) elaborou o projeto “Futebol Libertário”. Nas suas palavras, esta experiência trata

“(...) do uso do potencial educativo da prática esportiva, especificamente o futebol, na educação não formal como meio para a construção e o exercício da cidadania ativa através do atendimento alternativo direto para adolescentes inseridos nas medidas socioeducativas em meio aberto, que cometeram um ato infracional, na região da Capela do Socorro, atendidos pelo CEDECA Interlagos” (2007, p.16).

Partindo de uma questão central (o futebol pode ser utilizado como um elemento educativo crítico?), Fábio desenvolveu, em parceria com outros profissionais (psicólogos, educadores sociais e um professor de Educação Física), um trabalho de intervenção junto a um grupo de jovens considerados

infratores, com o objetivo de fazê-los modificar suas atitudes e auto-imagem, sendo o futebol o ponto de partida desta (re) construção (os participantes tinham de discutir certas temáticas após as atividades esportivas e lúdicas realizadas com a bola).

Outra experiência pedagógica interessante foi promovida pelo “Instituto Bola Pra Frente”, que é capitaneado pelos ex-jogadores Bebeto e Jorginho. Luiz Pereira Júnior (2006) informa que o projeto em pauta é voltado para a alfabetização, uma vez que

“ensina o abecedário por meio do nome de jogadores (...) usa o hino dos times para fazer a garotada criar hábito de consultar dicionários para esclarecer as palavras desconhecidas nas letras de cada música (...)” (In: revista Língua Portuguesa Especial: futebol e linguagem, 2006, p.27).

Ele chama a atenção, ainda, para o trabalho da “Fundação Gol de Letra”, construída pelos ex-craques Raí e Leonardo, que desenvolve ações similares. O jogador brasileiro Deco, radicado há muitos anos na Europa, com boa passagem pelo Barcelona e atualmente jogando no Chelsea, da Inglaterra, fundou o “Instituto Deco20”, uma instituição voltada para a realização de ações sociais em prol de três comunidades carentes de Indaiatuba, no interior de São Paulo. Segundo Fernanda Gil (2009), *“Deco fugiu do caminho que parece mais óbvio para criar e propor uma maneira de misturar o esporte mais popular do país aos seus outros objetivos”* (In: revista Roxos & doentes, 2009, p.25). Ela observa que este instituto oferece diferentes programas culturais, que são organizados por faixas etárias.

O jogador Edmilson, que no momento atua no Palmeiras, após uma boa passagem pela Europa, inaugurou, em 2006, a “Fundação Edmilson – Construindo Sonhos”. Conforme Humberto Peron (2009), *“este projeto, que cuida de 400 crianças carentes (...) oferece gratuitamente 13 cursos, que incluem reforço escolar (...), música, teatro e computação”* (In: revista Monet, 2009, p.65). O craque Ronaldinho criou o “Instituto Ronaldinho Gaúcho”, com sede em Porto Alegre, que beneficia cerca de 700 crianças, que são envolvidas

em projetos voltados ao lazer e ao combate à violência juvenil. É crescente o número de atletas, inclusive de outras modalidades, que estão criando instituições assistenciais. Muitos deles explicitam, em seus discursos, que o fazem para que as crianças de hoje não venham a sofrer tanto quanto eles sofreram em suas infâncias. O goleiro do São Paulo Rogério Ceni é o garoto-propaganda da campanha intitulada “Educar para crescer”, promovida pelo grupo Abril, através da Fundação Victor Civita e que conta com o apoio do Ministério da Educação. Segundo o ídolo são-paulino, “*é sempre proveitoso estudar, aprender alguma coisa nova, estar na sala de aula*”, consideração feita no material publicitário publicado na revista Placar (2009, p.38).

Uma ação pedagógica desenvolvida pelo Vasco da Gama merece ser mencionada. Em 2004 o clube fundou o Colégio Vasco da Gama, com sede em São Januário, no Rio de Janeiro. De acordo com Dassler Marques (2009), em 2009 288 alunos matricularam-se no ensino médio oferecido pela instituição. Para o autor, “*o fato de a escola estar instalada no estádio facilita a vida dos atletas*” (In: revista Placar, 2009, p.39). Esta experiência já está sendo avaliada por outros clubes cariocas. A dobradinha futebol-educação sinaliza que o esporte apresenta uma dimensão social, questão que foi abordada com propriedade por Manoel Tubino (1992).

Existe um aspecto lúdico muito importante no que se refere ao futebol. Tiago Jokura (et al., 2009), por exemplo, publicou uma matéria sobre diferentes brinquedos futebolísticos. Através de uma linha de tempo, é possível conhecer (ou lembrar) várias formas de brincar de futebol. Dos jogos clássicos como o futebol de botão, divulgado no Brasil nos anos 30 aos simuladores eletrônicos, é possível mergulhar no mundo esportivo, reproduzindo, com alegria, parte do ambiente vivido nos estádios através de gerações.

O futebol pode ser associado a muitas expressões culturais, como a dança, a linguagem e a literatura. É o que afirma Hilário Franco Júnior (2007), para quem este esporte “*(...) desperta emoção tão envolvente e adesão tão intensa que claramente se destaca de qualquer outra manifestação contemporânea*” (2007, p.394). Ele acredita que o futebol está inserido e dialoga com vários campos do “viver humano”, sobretudo o da arte,

constituindo-se como um espaço de representações imaginárias. Marcelino da Silva (2006) entende que, *“do ponto de vista teórico, é quase unânime o reconhecimento de que o futebol possibilita a articulação de múltiplos sentidos e se presta a diferentes interpretações”* (2006, p.26). O futebol, para o autor, opera, em termos simbólicos, de modo complexo, sendo merecedor de um amplo debate acerca de sua importância cultural.

O turismo é outra área que se vale do futebol como evento cultural. Na capital gaúcha, por exemplo, existe um projeto chamado “Futebol Tur”, que viabiliza a visita guiada aos estádios do Grêmio e do Internacional a todos aqueles que gostam do “esporte das multidões”. No material publicitário elaborado pela Secretaria Municipal de Turismo consta que

“Porto Alegre é uma das poucas cidades no mundo com dois times campeões mundiais, o Grêmio e o Internacional (...) Patrimônio cultural da cidade, esta paixão virou atração turística com o Porto Alegre Resort/Futebol Tur, novo produto do programa Porto Alegre Resort que está nas prateleiras de agências de viagem credenciadas e na recepção de 20 hotéis da cidade.”
(www.portoalegre.rs.gov.br/turismo, acesso em 02/12/2009).

Esta é mais uma expressão cultural do futebol, que apresenta também uma vertente educativa, uma vez que são oferecidas, em meio às visitas aos estádios, muitas informações sobre os referidos clubes e sobre a cidade. Ambas as instituições esportivas possuem espaços históricos (o Grêmio apresenta o Memorial Hermínio Bittencourt e o Internacional tem o seu museu próprio).

A seguir, farei algumas considerações sobre outras formas (artísticas, em especial) como o futebol vem sendo retratado.

2.2 A produção cultural sobre futebol

O grande elo entre os brasileiros, de acordo com Luiz Lauand (2006), é mesmo o futebol, um esporte que se tornou um referencial coletivo, afirmado pela linguagem. Para ele, em respeito ao “esporte das multidões”, “(...) *nosso interesse é tão intenso e estendido que dispomos de um léxico de requintadíssima alta ‘definição’*” (2006, p.14). Ao analisar as expressões e as palavras utilizadas pelos torcedores, Lauand (2006) concluiu que existe um “futebolês”, o qual é adotado em diferentes situações do dia-a-dia. Outro autor que discute a existência de uma linguagem futebolística é Hilário Franco Júnior (2007), para quem o futebol “(...) *possui morfologia, semântica e sintaxe próprias*” (2007, p.349). Ele entende que uma partida de futebol implica um processo de comunicação coletiva, sendo os jogadores os locutores individuais que trocam informações por meio de uma linguagem corporal e cultura esportiva específica.

Para melhor compreender o “futebolês”, Ari Riboldi (2008) publicou um dicionário com expressões e gírias utilizadas no mundo do futebol, com o intuito de “(...) *resgatar e registrar a rica e criativa linguagem do futebol*” (2008, p.8). Mauro Villar (2006) entende que a razão para que os termos utilizados pelos torcedores sejam incluídos nos dicionários diz respeito “(...) *à alta freqüência de uso na língua durante um tempo considerado seguro para se saber se é modismo evanescente ou termo que veio para ficar por tempo razoável*” (In: HIDALGO, Luciana, 2006, p.11). Ele observa que o futebol é comumente utilizado como metáfora. Roberto Simões (2009), por sua vez, associa linguagem (compreendida por ele como verbal e comportamental) à informação. Para ele, “*o jogo de futebol é vencido, entre outros fatores, pela equipe que obtiver o máximo de dados originais e verdadeiros que levem à informação (...)*” (2009, p.85). É preciso, na sua visão, que os jogadores dominem a linguagem esportiva, para que possam desenvolver a capacidade de “ler” um jogo, ou seja, de reconhecer tudo o que está acontecendo durante uma partida de futebol (a proposta tática do adversário, o ambiente proporcionado pela torcida, entre outras questões).

Existem muitas afinidades entre futebol e literatura. Segundo Flávio Carneiro (2009), *“quando algo inexplicável acontecia num jogo, Nelson Rodrigues dizia tratar-se de intervenção de uma entidade chamada Sobrenatural de Almeida”* (2009, p.32). Para ele, um jogo de futebol é uma forma de narrativa, que, assim como um romance, nunca se sabe como irá terminar. Jayme Valente (2005) igualmente utiliza a obra de Nelson Rodrigues para discutir o futebol, por acreditar que o referido escritor percebeu neste esporte uma dimensão religiosa. De acordo com o autor, *“a imprensa esportiva freqüentemente vincula o sagrado ao futebol como se este fosse uma religião popular transitando pela sociedade moderna nos moldes das grandes religiões com vocação universal”* (2005, p.41). Nelson, para Valente (2005), ao criar o “Sobrenatural de Almeida”, desvelou o lado místico do futebol.

Fátima Antunes (1999) acredita que, para Nelson Rodrigues,

“à medida que o brasileiro se conhecesse melhor, que soubesse identificar suas qualidades e seus defeitos e superasse estes últimos, alcançaria a vitória não apenas no futebol, mas em todos os ramos de atividade e, ainda, o reconhecimento internacional enquanto nação portadora de uma identidade própria. Acreditava que a vitória e a derrota traduziam a alma de um povo. Por isso, quando se quisesse conhecê-la a fundo, a simples observação das reações dos torcedores num jogo poderia trazer revelações valiosas” (1999, p.195).

A autora entende que através de suas crônicas sobre futebol Nelson Rodrigues discutiu a formação do caráter do povo brasileiro. Ela afirma que o trabalho deste escritor está recheado de brilho e vivacidade, graças ao seu estilo inconfundível, caracterizado pelo bom-humor e pelo despojamento. José Marques (2000) observa que

“um dos escritores de nosso tempo que melhor soube fazer essa leitura do futebol como ‘ícone’ cultural do Brasil (...) foi Nelson Rodrigues, que durante quase três décadas dedicou-se diariamente a escrever crônicas de futebol em revistas e jornais cariocas (...)” (2000, p.29).

Este autor acredita que para Nelson o futebol, mais do que um esporte, era uma prática lúdica e que por este motivo a paixão por ele independe dos resultados de campo. Isto explica, possivelmente, o fato de que os torcedores dos times que não conquistam títulos ou dos que o conseguem eventualmente não abandonem seus clubes, pois eles não querem renunciar ao prazer de brincar de torcer.

O trabalho de Nelson Rodrigues também é destacado por M. Ivoneti Ramadan (1999), que o considera, juntamente com Armando Nogueira, um dos maiores responsáveis pela abordagem poética do futebol. Admiradora do autor, ela entende que

“a crônica que se firmou no Brasil, a partir dos antigos folhetins franceses do século XIX, aqui se aclimatou e se revitalizou de tal forma que muitos a consideram um gênero brasileiro, por excelência, tendo atingido grau de especialização, como por exemplo, a crônica futebolística dos nossos cronistas esportivos” (1999, p.275).

A obra de Nelson Rodrigues foi exaltada, ainda, por Marcello Rolemberg (1998), que acredita que o escritor não enxergava as partidas com os olhos, *“mas com a alma”*. Uma das contribuições mais importantes de Nelson Rodrigues, segundo Rolemberg (1998), *“foi levar a literatura para dentro do campo, popularizá-la, por mais que não se achasse um literato e visse nos escritores brasileiros espécimes totalmente arredios ao jogo de bola”* (1998, p.58). Em sua ótica, Nelson, ao tratar de futebol, se valia da *“língua do povo”*.

Uma importante forma literária, o Cordel, está sendo utilizada para falar sobre os grandes clubes brasileiros. Cláudio Aragão (2002), por exemplo, apresenta-nos o carioca Fluminense, *“clube orgulho do Brasil”*, segundo o autor. Abraão Batista (2005), por sua vez, critica o Congresso Nacional através do Cordel, valendo-se do futebol: *“o povo merece, ó meu, um futebol de primeira, o jogo que estamos vendo é de pura bandalbeira (...)”* (2005, p.6). Conforme Luis da Câmara Cascudo (2002), a literatura de Cordel é originária de Portugal e emigrou para o Brasil, primeiramente para o Nordeste, transformando-se num patrimônio da cultura oral. Com forte apelo popular, o

Cordel muitas vezes aborda tabus sociais, o que lhe dá certa conotação política.

Mark Perryman (2004) analisou o trabalho de onze filósofos, entre eles uma mulher, Simone de Beauvoir, organizando sua obra a partir de uma escalação, como num time de futebol. Com um meio-campo formado por intelectuais como Friedrich Nietzsche e Antonio Gramsci, o autor afirma que os seus “jogadores” lutaram pelo futuro da civilização. Proclamando-se “técnico” do time de filósofos, Perryman (2004) observa que a sua equipe se caracteriza por muitas influências, combinando o taoísmo, o marxismo e o positivismo lógico como esquemas de jogo. Fabiano Curi (2006) entende que Perryman “(...) aponta para possibilidades distantes do ramerrão futebolístico presente em boa parte da mídia que trata o fã do futebol como um brucutu” (2006, p.56-57). Ele chama a atenção para o grande número de artistas e intelectuais que já se debruçaram sobre o mundo da bola.

Existe uma interessante coletânea organizada por Flávio Moreira da Costa (2006) que têm a presença de vinte e dois contistas que escreveram sobre futebol, entre eles Ignácio de Loyola Brandão, João Ubaldo Ribeiro, Moacyr Scliar e Rubem Fonseca. Costa (2006) afirmou que, em relação a esta obra, exerceu o papel de técnico, de juiz e de jogador. A livraria Saraiva, em seu almanaque que é distribuído gratuitamente para os clientes, publicou uma matéria atribuindo a onze literatos posições futebolísticas. Nesta reportagem, que não tem autoria, afirma-se que

“no País do futebol também se fazem histórias infantis, e o Almanaque Saraiva apresenta uma seleção verde e amarela formada por escritores, cartunistas e ilustradores” (in: Almanaque Saraiva, outubro de 2009, p.60).

O time, recheado de craques, é formado pelo goleiro Marcelo Xavier, pela dupla de zaga feminina Ruth Rocha e Lygia Bojunga, pelos laterais (ou alas) Ana Maria Machado e Pedro Bandeira, pelos meio-campistas Flávio de Souza, Zivaldo, Joel Rufino dos Santos e João Carlos Marinho e pelos

atacantes Tatiana Belinky e Mauricio de Sousa. O fato de que alguns destes autores nunca tenham publicado uma obra específica sobre futebol não minimiza a importância da matéria, que homenageia estes grandes escritores brasileiros.

As fortes emoções proporcionadas pelo futebol foram exaltadas por Rubem Alves (2006), que questiona se as religiões, de modo geral, conseguem estimular o sentimento de êxtase possibilitado pelo “esporte das multidões”. Para ele, *“o futebol é o circo do mundo. Não há nenhum outro esporte que provoque tanta paixão, tanta alegria, tanta tristeza”* (2006, p.7). Luis Fernando Veríssimo (1999) é outro autor que discute o futebol. Ele acredita que *“todo brasileiro é um técnico de futebol frustrado”* (1999, p.20). Falando em treinadores, é preciso salientar o livro de Ruy Carlos Ostermann (2002), que registrou o trabalho de Luiz Felipe Scolari enquanto técnico da seleção brasileira que conquistou a Copa do Mundo em 2002, a primeira realizada na Ásia e em dois países simultaneamente: Japão e Coréia.

Ostermann participou do vídeo “Grêmio: coração e raça” (1997) e escreveu os livros “Meu coração é vermelho” (1999), sobre o Internacional e “Até a pé nós iremos” (2000), sobre o Grêmio. Em relação ao torcedor tricolor, o autor entende que este é

“fanático, pode ser doente, alguns poucos são reflexivos e ponderados, separam o jogo da consideração sobre o adversário, mas todos, em pequenas graduações para mais ou para menos, são gremistões, isto é, antes do Grêmio não há quase nada, incluindo-se aí a família, amizades, casamentos, namoros ou outras seduções da vida” (2000, p.84).

É possível afirmar que as considerações de Ostermann (2000) são válidas para a maioria dos torcedores dos outros clubes de futebol, ou seja, torcer por um time algumas vezes pode ser um exercício de extrema paixão ou fanatismo. Silvio Ricardo da Silva (2005) entende que o processo de adoção de uma equipe como “do coração” representa um movimento em busca de uma identidade, de um rosto, de um vínculo.

Num livro repleto de imagens, Caio Vilela (2009) mostra a prática do futebol em vinte e seis países. O Brasil é representado em cinco fotografias: a primeira retrata as Olimpíadas Indígenas que são realizadas em Conceição do Araguaia (Pará); a segunda contempla alguns jovens jogando futebol no Parque dom Pedro, em São Paulo; a terceira imagem mostra cinco boleiros em Tucuruí, no Pará; a quarta fotografia apresenta quatro crianças correndo atrás da bola num campinho em Suzano, interior de São Paulo; a última imagem retrata seis pessoas jogando futebol em Taipus de Fora, na Bahia. As fotografias simbolizam, além do amor do brasileiro pelo futebol, as diferentes geografias que compõe o país, em termos climáticos, sociais e culturais. Sobre a prática deste esporte em território nacional, Vilela (2009) afirma que

“poças traiçoeiras nos pampas, praias inclinadas no litoral nordestino, plantas espinhentas no cerrado, o sol sobre a caatinga, e a chuva equatorial no fim de tarde da região amazônica. Não são poucas as adversidades naturais dos campinhos brasileiros. Do Oiapoque ao Chuí, sem exceção, não falta várzea nesta terra. E nelas ainda nascem muitos de nossos craques” (2009, p.24).

O autor compreende o futebol como um *“idioma universal, força de integração entre os povos, religião para alguns e lazer para outros”* (2009, sem página). De forma criativa e poética, ele utiliza este esporte como expressão da globalização.

O amor pelo futebol de botão foi exposto por Luiz Schwarcz (1999), jogo que às vezes interrompia para ouvir os relatos da mãe iugoslava que fugira, com sua família, dos horrores do nazismo, chegando ao Brasil em 1947. Em meio a lembranças familiares, o autor publicou uma foto do goleiro Gilmar, do Santos (seu clube de coração) e da seleção brasileira. Transitando entre o mundo do futebol e o da Segunda guerra mundial, Schwarcz (1999) confessou que sonhou em ser um grande centroavante, mas que o destino o levou a brincar de ser goleiro, possivelmente para esquecer-se do sofrimento imposto pela guerra.

Outras obras interessantes são os cinco livros escritos por Paola Gentile (2008) para a coleção “Pequenos craques”, que homenageia atletas brasileiros de destaque, entre eles jogadores de futebol. Uma das obras chama-se “Garrincha” (2008), através da qual a autora conta a origem de Manuel dos Santos, mais conhecido como Garrincha, ídolo do Botafogo e da seleção brasileira. Rivellino também foi contemplado pela autora, bem como Leônidas da Silva. Gentile (2008) explica que foi Leônidas quem criou a “bicicleta” no futebol, que para ela é “(...) *uma das jogadas individuais mais bonitas que podem acontecer dentro do campo*” (2008, sem página). Além destes boleiros, a coleção retrata a ex-jogadora de basquete (Magic) Paula e João do Pulo.

Em termos de literatura infantil, destaque para “É o Bicho Futebol Clube”, escrito e ilustrado por Guto Lins (1999). Aqui, o autor faz com que animais assumam a posição de jogadores, como no caso do leão, por exemplo, que usa a camisa dez, numa alusão a Pelé (ele é o rei dos futebolistas!). “Na marca do pênalti”, de Leo Cunha (2002), é organizado a partir da estrutura de uma partida de futebol. Assim, o autor escreve o “Primeiro tempo”, o “Intervalo”, o “Segundo tempo” e a “Prorrogação”. Apaixonado pelo Cruzeiro, Cunha (2002) declarou que procurou escrever o livro sob a ótica de um torcedor de futebol. Ricardo Azevedo (2002) publicou o “Pobre corinthiano careca”, livro onde conta a história de um menino pobre chamado José Pedro, fanático pelo clube paulista e que vive imaginando as partidas do seu time do coração. O autor comenta que apesar de ter escrito uma obra relacionada com o Corinthians, é torcedor do Santos.

A história de amor entre uma bola de futebol chamada “Fura-redes” e o goleiro “Bilô-Bilô Mão-Podre”, um verdadeiro frangueiro, foi contada por Jorge Amado (2008). No final do livro, ambos casaram-se e “viveram felizes para sempre”. Pelé, tratado pelo autor como “Rei do futebol”, está presente nesta narrativa. Outra obra interessante chama-se “Uma história de futebol”, publicado por José Roberto Torero (2002). A escritora Ana Maria Machado (2002), quando da apresentação deste livro, afirma que “*o futebol é uma das grandes paixões brasileiras, mas em nossa literatura de ficção são muito raros*”

os livros que tratam desse tema” (In: TORERO, 2002, p.10). Com a palavra, uma especialista no assunto.

A “Coleção do Barulho” é composta, entre outras obras, por “Jogadores de futebol”, livro escrito por Ronne Randall (s.d) e destinado para crianças a partir de dois anos de idade. Nesta obra, o leitor pode escutar o som de jogadores chutando ou cabeceando uma bola de futebol, além do apito de um árbitro e da comemoração de torcedores quando de um gol. Basta apertar um botão localizado em cada página. Humberto Gessinger (2008), guitarrista, vocalista e principal compositor do grupo de rock “Os Engenheiros do Hawaii”, publicou “Meu pequeno gremista”, para contar sobre como desenvolveu sua identificação com o Grêmio. O músico comenta que quando ouviu pela primeira vez o hino composto por Lupicínio Rodrigues em homenagem ao cinquentenário do clube (1953), correu para o violão e tentou reproduzir a melodia. Ele comenta que *“nesse momento, duas paixões que me acompanhariam por toda a vida se uniram: a música e o Grêmio”*. (2008, s.p.) Esta obra é parte da “Coleção Meu time do coração”, que contempla também o Internacional, o Juventude (RS), o Flamengo e o Corinthians.

O escritor e ilustrador Zivaldo Pinto (1990) narrou a história dos pés irmãos Pelegrino e Petrônio, que juntos foram trabalhar nas chuteiras de Pelé, com o intuito de realizarem seus desejos pessoais (um queria ser bailarino e o outro jogador de futebol. Pelé seria a síntese destas expressões). Ele também criou a personagem “O menino maluquinho”, que assim como o autor, é apaixonado por futebol, para não dizer doido por este esporte. Zivaldo (2006) publicou, inclusive, uma seleção de quadrinhos com o famoso menino, cujas histórias se dão a partir de um contexto futebolístico. Ele avisa o leitor: *“Você, que é maluquinho por futebol, tem aqui uma edição que vai matar sua fome esportiva enquanto espera o apito inicial da próxima grande partida”* (2006, p.3). Diferentemente da maioria das histórias que retratam os grandes atacantes, Maluquinho é o goleiro do seu time formado por amigos e vizinhos. Ele pratica defesas espetaculares, nem que para isto tenha que fazer verdadeiras maluquices, como puxar a trave para o lado, para que a bola não entre no gol.

Existem outras histórias em quadrinhos sobre futebol que merecem consideração. É o caso de “Dico, o artilheiro”, uma publicação da Rio Gráfica Editora (RGE), que circulou no país nos anos 70. Dico é o craque de uma grande equipe que disputa torneios em diferentes países, sendo responsável não apenas por ganhar as partidas como também pela solução de conflitos políticos e étnicos, numa clara tentativa de demonstrar o poder simbólico do futebol. No mesmo período, Maurício de Sousa lançou a revista “Pelezinho”, em homenagem ao jogador Pelé. É possível que este personagem venha a ser a mascote da Copa do Mundo que será realizada no Brasil, em 2014.

Há poucos anos, outro jogador foi transformado em personagem por Maurício de Sousa: Ronaldinho Gaúcho. O craque da seleção nacional e ex-jogador do Grêmio, juntamente com seu irmão Assis, empresário do mercado do futebol e também ex-jogador do tricolor gaúcho, participam das historinhas junto com seus familiares resolvendo quase todos os problemas com dribles desconcertantes e gols de placa. Maurício de Sousa, idealizador da “Turma da Mônica”, atribuiu aos seus personagens principais identificações clubísticas. “Cebolinha”, por exemplo, é torcedor do Palmeiras; Cascão é fã do Corinthians e a Mônica admira o São Paulo (In: Almanaque Historinhas de uma página, julho de 2007). A jornalista Adriana Carvalho (2009) revela a identidade de mais dois personagens criados por Maurício de Sousa: Magali é santista e Chico Bento, como não poderia deixar de ser, torce pelo XV de Novembro de Piracicaba. Ela revela que o famoso escritor e ilustrador, em respeito a um pedido da revista, fez “(...) o esboço de uma menina boa de bola que poderia muito bem ser parte da turma” (In: revista FUT!, junho de 2009, p.51).

Em 2006 Fúlvio Gianella Júnior publicou o almanaque “Futebol”, com integrantes da turma do Sítio do Picapau Amarelo. Nesta obra, Emília, Visconde de Sabugosa, Pedrinho e Narizinho, entre outros personagens criados por Monteiro Lobato, passeiam pelo mundo do futebol, apresentando dados sobre clubes, torneios, jogadores e regras, entre outros assuntos. Para o autor,

“o futebol é o esporte mais popular do mundo! Disto ninguém tem dúvidas. Afinal de contas, em qualquer parte do planeta, tem sempre alguém batendo uma bolinha aqui, dando um drible ali e, claro, marcando e perdendo gols” (2006, p.6).

O almanaque contém sugestões de brincadeiras para curtir o futebol, além de dicas para construir brinquedos, como o “kit torcedor”, por exemplo, que ensina o leitor a fazer uma bandeira de cartolina com as cores do Brasil ou do time do coração.

A Disney publicou, por meio da editora Abril, o “Manual do Zé Carioca” (1974), personagem criado com o intuito de representar o que seria o “espírito” brasileiro, meio malandro e apaixonado por futebol. A visão estereotipada norte-americana sobre o povo brasileiro foi bastante criticada por muitos intelectuais nacionais, mas Zé Carioca acabou ganhando a simpatia do público e permaneceu no mercado de revistas em quadrinhos. Na capa do manual, ele está vestido com a camisa da seleção brasileira, então tricampeã do mundo. Ainda em se tratando da Disney, é interessante salientar que a empresa contou a história das Copas do Mundo no livro ilustrado “Copa Disney 2006” (2006). Composta por 132 cromos, esta obra aborda curiosidades sobre jogadores e táticas, além de conter uma tabela com as partidas para o leitor poder registrar os resultados. Mickey, Pateta, Donald, Peninha e Zé Carioca, entre outros personagens, representam os atletas inscritos no torneio.

Ao analisar o processo de desenvolvimento do futebol no país, Frederico Coelho (2006) afirma que o trabalho de escritores e músicos foi fundamental para popularizar este esporte. Beto Xavier (2009) observa que *“futebol e música caminham juntos há muitas décadas e o brasileiro vive intensamente, como nenhum outro, essas duas paixões, artes populares que se complementam”* (2009, p.11). Ele acredita que ambas as expressões estão no centro da cultura nacional.

O futebol, de fato, foi popularizado através da música. Grandes artistas brasileiros compuseram os hinos dos principais clubes do país, como Lamartine Babo, por exemplo, que escreveu os hinos do Flamengo, do

Fluminense, do Botafogo, do Vasco da Gama e do América. Segundo Xavier (2009),

“foi em 1945 que as composições para os clubes cariocas surgiram. Nesse ano Lamartine comandava na Rádio Mayrink Veiga o Trem da Alegria (...) E foi no Trem da Alegria que começaram a surgir os hinos para os grandes, e também para os pequenos clubes do Rio; todos que os que estavam ligados oficialmente à Liga Carioca de Futebol, entre eles o Bangu (nem tão pequeno assim), Madureira, Olaria, São Cristóvão e Bonsucesso” (2009, p.52).

Lupicínio Rodrigues, como vimos, compôs aquele que foi escolhido o hino oficial do Grêmio. Este acontecimento foi importante, em termos simbólicos, para que o clube gaúcho conseguisse superar um problema histórico: o preconceito racial. Um ano antes do cinquentenário gremista, comemorado em 1953, Lupicínio, que era negro, testemunhou um grande avanço promovido pelo então presidente do clube, Saturnino Vanzeloti: a contratação do atacante Tesourinha, ex-jogador do Internacional e do Vasco da Gama, que se tornou o primeiro negro a vestir a camisa do Grêmio. Alguns anos após, outro jogador negro, Everaldo, campeão da Copa do Mundo em 1970 pela seleção brasileira, tornou-se ídolo tricolor, a ponto de ser homenageado, sob a forma de uma estrela dourada, na bandeira oficial do clube. Falecido num acidente de carro, aos trinta anos, em 1973, o lateral-esquerdo parou Porto Alegre, por conta da tragédia. O grupo “Os Mirins” gravou a música “Everaldo estrela de ouro”, composta por Francisco Castilhos Albino Manique, em tributo ao atleta.

Se, por um lado, muitos artistas cantaram músicas sobre futebol, por outro alguns boleiros famosos gravaram canções. Paulo Jebaili (2006) cita Sócrates, meio-campista da seleção brasileira e ídolo do Corinthians, que na década de 80 lançou um disco de vinil com músicas sertanejas. Zico, por sua vez, craque flamenguista e companheiro de Sócrates na seleção canarinho, gravou uma canção com Fagner, na mesma época que seu colega futebolista. Com bom humor, Jebaili (2006) alerta que como cantores estes atletas não tem nada de craques. As relações entre música e futebol também são propostas por Celso Branco (2006), para quem

“os grandes momentos da história do nosso futebol estão todos registrados também pela câmera sentimental e bem-humorada da nossa MPB. Assim, evidenciar as várias facetas dessa relação, os diferentes momentos registrados em pauta musical pelos compositores (alguns deles grandes ‘peladeiros’), durante a ascensão e afirmação do futebol no Brasil, é explicitar o discurso futebolístico formado não por ‘especialistas’ (comentaristas e jornalistas), mas por artistas populares, que se utilizam da linguagem do povo e não propriamente da linguagem técnica ou da dos jornais. Isso torna as letras das músicas documentos mais fiéis aos sentimentos populares” (2006, p.190).

Para o autor, a música é um veículo de expressão da paixão brasileira pelo futebol, assim como o carnaval. A ginga dos nossos jogadores representa, para Branco (2006), um elemento musical, ligado à dança, sendo o samba, possivelmente, o estilo que mais dialoga com este esporte, em termos de afinidade.

Em tempos de Copa do Mundo, o contato entre música e futebol é ampliado, visto a grande produção de canções em homenagem à seleção brasileira. A mais famosa delas chama-se “Pra frente Brasil”, um verdadeiro hino nacional, composta por Miguel Gustavo e interpretada brilhantemente pelo Coral do Caneco. A letra, ufanista, diz: *“Todos juntos, vamos, pra frente Brasil, salve a seleção!”*. O jornalista e historiador Juremir Machado da Silva (In: jornal Correio do Povo, 22/05/2009, p.4) utiliza esta música, através de um trocadilho, para criticar questões políticas nacionais. *“É hora do povo cantar dois hinos: 180 milhões em ação, pra frente Brasil, salve a confusão”*, propõe o autor. A matéria diz respeito, sobretudo, ao desejo popular de uma improvável reeleição (a segunda) do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

Outra importante canção chama-se “A taça do mundo é nossa”, composta por Maugeri, Maugeri Sobrinho, Dagô e Muller, que também foi gravada pelo Coral do Caneco. Os autores são muito orgulhosos da sua seleção: *“O brasileiro lá no estrangeiro mostrou o futebol como é que é. Ganhou a Copa do Mundo, sambando com a bola no pé. Gol!”*. A noção de que o futebol brasileiro é de fato superior ao dos outros países é retratada em inúmeras canções, inclusive por Pelé, que homenageou a seleção canarinho, gravando uma música de sua autoria intitulada “Em busca do penta”, a qual foi

registrada no Cd “Seleção tá no coração”. *“São 170 milhões de corações brasileiros querendo o penta. Agora, outra vez, no Japão, o Brasil outra vez campeão. Tem que unir toda a nação!”*. O desejo do Rei foi atendido e o Brasil conquistou a sua quinta Copa do Mundo.

Ainda sobre futebol e música, destaque para Gilberto Gil, que numa canção de sua autoria, chamada “Tradição”, menciona o goleiro Lessa, do Bahia, uma “garantia”, na sua visão. Para o ex-ministro da Cultura, *“o futebol e a música estão entre os principais discursos culturais da sociedade brasileira”* (2006, p.9). Chico Buarque compôs o clássico “O futebol”, interpretado pelo grupo Quarteto em Cy. Maria Alcina alcançou o estrelato ao gravar “Filho Maravilha” (Fio Maravilha), canção composta por Jorge Ben (atual Benjor) em homenagem a um jogador do Flamengo. O clube carioca, considerado o mais popular do país, foi citado por Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle, em “Flamengo até morrer”, numa alusão ao hino rubro-negro. Martinho da Vila escreveu “Calango Vascaíno”. *“Minha alegria é ver o Vasco jogar. Eu tô cansado de derrota mas não vou me entregar”*, diz Martinho.

A dupla Pepeu Gomes e Baby Consuelo compôs o sucesso “Fazendo música, jogando bola”. Jackson do Pandeiro interpretou a célebre “1X1”, hit composto por Edgar Ferreira, que o grupo Os Paralamas do Sucesso regravou com muita propriedade. Tom Jobim escreveu o choro “Radamés y Pelé”. O Rei, inclusive, participou de um encontro histórico, ao gravar, em 1970, o compacto “Tabelinha”, em parceria com Elis Regina, gremista confessa. Segundo Xavier (2009), o músico Roberto Menescal foi quem promoveu a inusitada parceria.

A banda de rock Ultraje a Rigor, numa canção polêmica chamada “Inútil”, criticou a situação do Brasil em meio ao processo de redemocratização em curso na década de 80, afirmando que *“a gente joga bola e não consegue ganhar (...)”*, numa clara referência à decepcionante (e até certo ponto surpreendente) derrota da seleção brasileira na Copa do Mundo realizada na Espanha em 1982, quando o país era apontado como o favorito para conquistar o título. Neste torneio, a seleção foi embalada pela música “Povo Feliz” (“Voa canarinho”), composta por Nono e Memeco e gravada pelo então

jogador Júnior. Esta música foi regravada pelo próprio Júnior em 1998, para incentivar o Brasil na Copa da França.

O Skank, outro grupo de rock brasileiro, interpretou, em meados da década de 90, a canção “É uma partida de futebol”, de autoria de Samuel Rosa e Nando Reis, que se transformou numa das principais músicas sobre futebol no país. Os artistas indagam: “*Quem não sonhou em fazer um gol e ser um jogador de futebol?*” Esta obra foi incluída pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) no Cd oficial da Copa do Mundo de 1998.

Existem produções fonográficas futebolísticas voltadas para o mercado infantil. É o caso do CD “Planetinha colorado”, composto por Beto Hermann em homenagem às crianças que torcem pelo Internacional. Conforme matéria divulgada na internet, esta obra tem oito canções, que são interpretadas por um coral de meninos e meninas (www.clicrbs.com.br, em 01/12/2009).

O mundo do futebol também tem sido retratado através do cinema. Pelé, por exemplo, participou do filme “Os Trapalhões e o Rei do Futebol” (1986), interpretando “Nascimento”, um repórter esportivo que acaba jogando como goleiro no time treinado por Renato Aragão, o Independência Futebol Clube. Ele já havia sido homenageado na obra “O Rei do Futebol”, baseado, de acordo com Luiz Oricchio (2006), no livro “Eu sou Pelé”, de Benedicto Ruy Barbosa. Pelé também foi abordado no documentário “Isto é Pelé” (1974), dirigido por Luis Carlos Barreto e Eduardo Escorel.

Anselmo Duarte dirigiu o longa-metragem “Pelé joga contra o crime (Os Trombadinhas)” (1979), no qual o craque representa o papel de um treinador de futebol que procura utilizar este esporte como forma de inclusão social. Ele foi retratado, ainda, no documentário “Cinema e futebol” (1980), dirigido por David Neves e Francisco Drummond. Anibal Massaini Neto publicou o mais recente documentário sobre o Rei: “Pelé Eterno” (2004). Pelé pode ser visto no filme “Simonal – ninguém sabe o duro que dei” (2009), sobre a vida do cantor Wilson Simonal (In: jornal Correio do Povo, 11 de junho 2009). Como vimos, é difícil não falarmos sobre Pelé quando o assunto é futebol. Ele pode ser considerado, sem dúvida, um mito, participando, inclusive, de uma obra que

trata de filmes sobre futebol, a qual foi publicada por Oricchio (2006), contendo entrevistas com os cineastas João Moreira Salles e Djalma Limongi.

O ator Mazaropi protagonizou a comédia “O corintiano” (1966), dirigida por Milton Amaral, interpretando o “seu Manuel”, um torcedor fanático que vive em São Paulo e provoca as maiores trapalhadas para poder assistir o seu time jogar. Ugo Giorgetti dirigiu os filmes “Boleiros, era uma vez o futebol” (1998) e “Boleiros 2 – vencedores e vencidos” (2006), ambos com muito sucesso no cinema. Os diretores Walter Salles e Daniela Thomas publicaram “Linha de Passe” (2008). Para Alessandro Giannini (2008), crítico de cinema, nesta obra eles *“usam o futebol para entender o que move boa parte da população brasileira (...)”* (2008, p.52). O ator Vinícius de Oliveira, que representa Dario, personagem que vê no futebol a melhor, talvez a única chance de ascensão social, chegou a freqüentar a escola de futebol do ex-jogador Zico, no Rio de Janeiro, para construir seu papel no filme.

Em 2003 os atores do programa de humor televisivo “Casseta & Planeta” lançaram “A Taça do Mundo é Nossa!”, que retrata o contexto político vivido no Brasil em 1970, estando o país, de certo modo, neste momento, dividido entre a felicidade pela conquista do tricampeonato mundial e a angústia provocada pela ditadura militar. No mesmo ano, eles publicaram o roteiro desta obra, num livro homônimo ao filme. Com o habitual bom humor, os atores envolvidos neste projeto observam que

“A Taça do Mundo é Nossa’ é um marco. Pela primeira vez na história do cinema nacional um filme inteiro foi rodado e os galãs não comeram ninguém” (2003, p.3).

Esta brincadeira é interessante na medida em que critica um modelo de cinema onde a mulher é tida, comumente, como objeto. Os referidos comediantes, no entanto, não deixam de seguir esta linha, ao explorarem os estereótipos femininos em seus programas, através da atriz Maria Paula, que já foi considerada um símbolo sexual brasileiro.

Outra obra muito importante que trata de futebol chama-se “O milagre de Berna” (2005), que narra a história de um garoto de onze anos que é apaixonado por futebol e que precisa lidar com este sentimento em meio a problemas familiares graves. O sonho de Matthias Lubanski, o personagem central, é assistir a final da Copa do Mundo de 1954, que foi vencida pela Alemanha. O filme é tido por críticos especializados como uma das melhores abordagens sobre futebol e política.

Os diretores Hank Levine, Marcelo Machado e Tocha Alves publicaram “Ginga: a alma do futebol brasileiro” (2005), um documentário sobre a arte do drible. Em 2008 foi publicado outro documentário: “1958: o ano em que o mundo descobriu o Brasil”, que fala sobre a primeira conquista de uma Copa do Mundo por parte da seleção brasileira. Com direção de José Carlos Asbeg, este DVD contém imagens inéditas de algumas partidas realizadas e depoimentos emocionados de atletas, brasileiros e estrangeiros, sobre um novo modo de jogar futebol, voltado ao talento, ao drible, à genialidade.

Os clubes de futebol também estão entrando no mercado cinematográfico. Grêmio e Corinthians, por exemplo, recentemente retrataram em DVDs suas participações na segunda divisão do futebol profissional do país. Em se tratando do clube gaúcho, foram produzidas as obras “A batalha dos Aflitos” (2006) e “Inacreditável – A batalha dos Aflitos” (2006), que exploram, sobretudo, os aspectos emocionais dos “atores” (jogadores, dirigentes e torcedores) envolvidos neste campeonato. Chama a atenção, nestas produções, o fato de que os torcedores – homens – aparecem chorando orgulhosamente em meio a depoimentos e comemorações. Segundo Jocimar Daolio (2003), através do futebol, “(...) o homem reaprende a chorar – de felicidade ou de tristeza – ‘esquecendo-se’ da educação que delegou este comportamento, preferencialmente, às mulheres” (2003, p.172). O futebol, deste modo, constitui-se como um importante espaço para a expressão dos afetos masculinos, o que aparentemente contradiz o senso comum de que “homem não chora”.

O Grêmio já havia sido abordado em dois outros documentários. Um deles foi dirigido pelo cineasta e músico Carlos Gerbase, intitulado “Grêmio:

coração e raça” (1997). Nesta obra, Gerbase (1997) discute, de forma breve, a presença da mulher no futebol. Ele entende que a bola é um “*objeto absolutamente feminino*”. Em 2003, ano do centenário do clube, a RBS TV, empresa vinculada à rede Globo, produziu “Grêmio: 100 anos de glórias”, com direção de Greetchen Ihitz. Em 2009, o tricolor gaúcho lançou o documentário “1983 – o ano azul”, que trata da conquista do Mundial Interclubes, obtida numa partida contra o Hamburgo, representante europeu daquele ano. Outros clubes também lançaram filmes sobre as suas conquistas (e, em alguns casos, seus dramas), como o Internacional, o Flamengo e o São Paulo, por exemplo.

Victor Andrade de Melo (2006) observa que tanto o cinema quanto o esporte ocupam papéis centrais na indústria do entretenimento, por conta de seus apelos sociais e culturais, além de estéticos. Ele amplia a reflexão sobre as relações entre futebol e arte, ao lembrar que Pelé foi retratado por Andy Warhol, numa série intitulada “Polaróides”. Ainda neste contexto, é importante salientar a “Copa da Cultura”, caracterizada por ser, conforme Felipe Taborda (2006), um “*evento multicultural do Brasil na Alemanha durante o ano de 2006 (...)*” (2006, p.13). Como resultado deste evento, foi publicado, no Brasil, o livro “A imagem do som: futebol” (2006), que apresenta as criações dos artistas (visuais e musicais) que expuseram seus trabalhos sobre este esporte na Alemanha.

Outra forma de arte está sendo utilizada para retratar o futebol. Por conta do seu centenário, o Internacional encomendou uma peça de teatro, intitulada “Vermelhos – História e Paixão”, que estreou no imponente Theatro São Pedro, em Porto Alegre, no final de 2009. De acordo com Caroline da Silva (In: Jornal do Comércio, 13/14/15/11/2009), este espetáculo aborda a história do clube e conta com a direção do argentino Néstor Monasterio, que é torcedor do River Plate. O ator Rogério Beretta, entrevistado por Caroline nesta matéria, tranquilizou os torcedores do Grêmio ao observar que o texto escrito por José Artur Pinto não ofende o tricolor gaúcho, uma vez “*o Inter só existe por causa do Grêmio*” (In: Jornal do Comércio, 13/14/15/11/2009, p.4). Este evento artístico foi abordado de forma ufanista em outra reportagem:

“Quanto tempo dura um amor? Dez, 20, 30 anos. Até que a morte os separe. No caso da torcida do Inter, a paixão é centenária. É sobre este amor incondicional que trata a peça (...)” (In: jornal Correio do Povo, 28/11/2009, p.2).

Parte da história colorada está saindo dos gramados para o palco, fato inédito no Rio Grande do Sul, que talvez venha a gerar uma tradição artística no estado ou até mesmo no país. Com a proximidade da Copa do Mundo de 2014, não é de se duvidar que muitos artistas possam vir a representar jogadores de futebol, tornando este esporte ainda mais popular.

A produção cultural sobre futebol não considera, como vimos, de modo geral, a mulher como parte integrante deste universo, fato que pode ser explicado devido à predominância masculina neste esporte. Um rápido olhar sobre as revistas em quadrinhos, por exemplo, mostra que as personagens representam quase sempre o papel de mãe, amiga ou namorada dos jogadores. Do mesmo modo, a produção literária infantil pouco retrata a mulher. A paixão pelo futebol é típica do menino, que sonha em ser o craque, em jogar na seleção nacional. As canções que citei, bem como tantas outras sobre futebol, quase não mencionam as mulheres. Em boa parte das capas dos CDs que tratam de futebol, inclusive, as mulheres aparecem com poucas roupas, como no caso da obra “Vai Brasil” (1998), gravada com o objetivo de incentivar os torcedores brasileiros na Copa do Mundo de 1998, realizada na França. Nos filmes, elas igualmente vivem à sombra dos homens, torcendo para que eles realizem suas fantasias de se transformarem em ídolos do esporte. Pergunta-se, deste modo, qual o “lugar” da mulher nestas produções?

É preciso lembrar, obviamente, que a participação feminina no universo do futebol é recente, embora algumas corajosas mulheres já tenham se aventurado no mundo da bola ao longo da história. A ausência feminina nestas produções, no entanto, é sintomática, sinalizando a hegemonia masculina neste universo e reafirmando uma relação de poder entre os sexos. O jogador Felipe Melo, da seleção brasileira que disputa as eliminatórias para a Copa do Mundo de 2010, ao ser expulso da partida realizada contra o Chile, no dia 09

de setembro de 2009, por conta de uma entrada dura no adversário, falou que *“futebol é coisa para homem”*.

Esta concepção, que não é exclusiva deste atleta, surge, enquanto discurso, quase sempre quando se confunde virilidade com violência. A agressividade ocorre também no futebol feminino. Atletas consideradas “guerreiras” muitas vezes são chamadas de “sapatões”, um modo pejorativo e preconceituoso de classificá-las como homossexuais, ou seja, como alguém com “um pé” no mundo masculino. O ingresso feminino no futebol é um processo contraditório. Se, por um lado, as mulheres sofrem preconceitos, por outro elas são idealizadas. O que permanece invariável é a objetificação feminina.

Hardy Guedes (2009), escritor nacional que confessou adorar jogar bola, “como todo bom brasileiro”, escreveu uma poesia saudando as mulheres que adentram no mundo da bola, um objeto comparado, por ele, a uma “moça”, que tem os seus próprios segredos (Renato Moriconi, ilustrador desta obra, representou a figura feminina por meio de uma jogadora de futebol num gramado repleto de flores, uma imagem um tanto estereotipada da mulher):

*“Sejam bem-vindas, meninas!
nas equipes, nas torcidas;
com suas bocas pintadas
e roupas coloridas.*

*Os estádios, os gramados
ficaram bem mais bonitos,
ficaram bem mais alegres
com seus sorrisos e gritos.*

*Ficaram bem mais humanos,
Ficaram bem mais leais.
Ficaram menos desertos!
Ficaram bem mais iguais.*

*Quem achava o futebol
Um esporte masculino
está ficando surpreso
com o toque feminino.*

*São zagueiras, armadoras,
São atacantes, goleiras;
São justas, são perfeitas,
Com apitos ou bandeiras.*

*Não vivem só de batons,
De espelinhos e grampos.
Com talento e garra,
As meninas conquistaram,
definitivamente,
seus espaços nos campos”.*

A “humanização” dos estádios explicitada no poema por conta do ingresso feminino no universo do futebol é uma visão (ou idealização) partilhada por muitos torcedores que acreditam que a presença das mulheres nos jogos pode vir a contribuir com a redução da violência no futebol.

A seguir, discutirei a participação das mulheres no mundo da bola.

2.3 Futebol e gênero

A pesquisa sobre os processos de inserção das mulheres no universo do futebol, tendo como casos exemplares o trabalho do Núcleo de Mulheres Gremistas e do Espaço da Mulher Colorada, sugere uma discussão de gênero. Para Rosa Silveira e Cláudia dos Santos (2004), o gênero é uma construção social. Seu estudo implica o reconhecimento e a análise de estereótipos. As formas como as mulheres vêm sendo representadas (e se representam) no mundo do futebol, portanto, devem ser consideradas. As referidas autoras observam que as representações sociais muitas vezes estão em sintonia com as ações de determinados grupos e indivíduos, indicando uma espécie de “cristalização” de gênero, isto é, podemos agir, sem perceber, de acordo com aquilo que se espera de nós.

Com o objetivo de discutir as representações sociais da cultura brasileira na publicidade, Édison Gastaldo (2000) analisou 415 anúncios publicitários ligados, de algum modo, à Copa do Mundo de 1998, que foi realizada na França, com a vitória do país anfitrião (na ocasião, o Brasil tornou-se vice-campeão, numa final polêmica envolvendo o atacante brasileiro Ronaldo

“Fenômeno”, que supostamente teria se sentido mal pouco antes de iniciar a partida). Entre os meses de março e julho daquele ano, o autor investigou diferentes veículos de comunicação, sobretudo jornais, revistas e televisão, considerando, eventualmente, anúncios de rádio. Após salientar a importância do futebol na cultura brasileira contemporânea (uma forma de contextualizar os anúncios publicitários estudados), ele concluiu que

“(...) a representação dos papéis de gênero nos anúncios da Copa do Mundo parece não deixar muita dúvida quanto ao seu caráter (re) produtor de uma hegemonia masculina, as mulheres sendo predominantemente representadas como dependentes, frágeis e submissas, além de francamente sub-representadas nos papéis principais, em geral sem direito à palavra e às vezes nem ao foco. Em uma palavra: “submetidas” ao domínio masculino” (2000, p.239).

Para Gastaldo (2000), no mundo publicitário, em se tratando de futebol, existe uma espécie de hierarquização dos papéis de gênero, baseada numa lógica na qual cada um tem o seu “lugar”. Assim, nos anúncios os homens “dominam” as mulheres, bem como os negros são “dominados” pelos brancos.

A discussão sobre gênero implica o debate sobre as relações de poder (hierárquicas) estabelecidas entre homens e mulheres. Para Cecil Zinani (2006) “*é inviável pensar a questão de gênero sem considerar que a história das mulheres, até pouco tempo atrás, foi escrita por homens, que detinham o destino delas nas mãos*” (2006, p.92). Ao discutir a subordinação da mulher, cujo caráter, na sua visão, é universal, Michelle Rosaldo (1979) observa que “*a mulher pode ser importante (...) mas parece que em relação ao homem de sua idade e de seu status social a mulher em todo o lugar carece de poder reconhecido e valorizado culturalmente*” (1979, p.33). Christopher Lasch (1999), por sua vez, afirma que “*todas as sociedades distinguem o trabalho feminino do trabalho masculino. Essas distinções são geralmente abomináveis e servem para manter as mulheres em estado de subordinação*” (1999, p.114). Ele entende que é recente, em termos históricos, a concepção de que “o lugar da mulher” também é fora de casa, visão tornada possível, para o autor, a partir

da separação entre a vida doméstica e o mundo do trabalho, que ocorreu no final do século XIX, em especial no Ocidente.

A diferenciação entre o trabalho do lar e o trabalho fora dele pode ser um tanto problemática. Conforme Suzana Albornoz (2008), *“a árdua tarefa da mulher moderna tem sido procurar conciliar a vida profissional com as funções da maternidade e as tarefas da vida doméstica”* (2008, p.17). Este desafio é parte da realidade de muitas integrantes do Núcleo de Mulheres Gremistas e do Espaço da Mulher Colorada. Em algumas atividades desenvolvidas por ambos os grupos, inclusive, presenciei a cobrança de seus maridos (pelo telefone) referente ao horário de almoço da família, entre outros afazeres domésticos, considerados, neste contexto, como femininos. Algumas associadas gremistas chegaram a queixar-se publicamente, em meio às reuniões, do comportamento de seus companheiros. Nestes casos, as mulheres tricolores justificaram o suposto machismo de seus maridos, em tom de brincadeira, pelo fato de eles serem colorados.

A universalidade da subordinação feminina é tratada por Sherry Ortner (1979). Para ela, o papel social feminino é compreendido como mais próximo da natureza, por conta, dentre outros fatores, do processo de gestação, o qual implica, em diferentes culturas, a “domesticação” da mulher. Esta tese é questionada por Judith Butler (2003), que afirma que

“a noção de um patriarcado universal tem sido amplamente criticada em anos recentes, por seu fracasso em explicar os mecanismos de opressão de gênero nos contextos culturais concretos em que ela existe” (2003, p.20).

A autora, no entanto, entende que é difícil superar esta visão histórica, baseada numa espécie de dicotomia entre masculino e feminino. Cecília Sardemberg e Ana Alice Costa (1994) acreditam que a subordinação social da mulher pode ser considerada a primeira forma de opressão na história. A afirmação de um pensamento crítico, de caráter feminista, sobre este processo é recente, de acordo com as autoras.

A discussão sobre gênero possibilita a análise sobre o rígido binômio masculino-feminino. É o que acredita Paula Silva (et al., 2006), para quem é preciso explorar a pluralidade presente em cada um destes pólos. Marlene Tamanini (2006) afirma que *“gênero como atributo da cultura propicia a percepção sobre os vários componentes dos distintos modos como as diferenças sexuais ganham significados (...)”* (2006, p.289). Daniella Coulouris (2004), por sua vez, entende que

“o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos e é um conceito relacional, compreendendo a idéia de que não é possível analisar homens e mulheres em separado, já que um se define em relação ao outro” (2004, p.61).

Para ela, o estudo de gênero não pode ser dissociado do debate sobre poder, por conta da existência de uma ordem social baseada na dominação masculina. Pierre Bourdieu (2007), ao analisar os processos históricos e culturais que levaram o homem à condição de dominador, que é relativizada pelo autor, observa que

“as divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente em duas classes de ‘habitus’ diferentes (...) que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino” (2007, p.41).

Ele acredita que o movimento feminista, por se tratar de uma ação política, deve levar em consideração todos os sintomas ou efeitos de dominação que estão inseridos na ordem social.

Ao apresentar diferentes vertentes sobre estudos de gênero, Marília Carvalho (2009) aborda a questão dos papéis sexuais que, para ela, são construções sociais. Conforme a autora,

“a teoria dos papéis sexuais dificulta a percepção de diferenças dentro dos grupos dos homens, assim como entre as mulheres, pois trabalha com essas duas únicas possibilidades – masculino ou feminino -, em geral expressas em termos de ‘estereótipos sexuais’ (e mais recentemente, de forma teoricamente contraditória, ‘estereótipos de gênero’)”. (In: revista Educação, 2009, p.80-81).

Esta perspectiva teórica, de acordo com Carvalho (2009) é limitada, pois prioriza o olhar sobre diferenças e complementaridades entre homens e mulheres em detrimento da discussão sobre desigualdade e subordinação entre os sexos, ou seja, ela não trata da problemática do poder.

O gênero pode ser compreendido tanto como uma variável sócio-cultural quanto como uma categoria de análise a ser explorada no âmbito científico. É o que observa Jussara Prá (2004), para quem a melhor condição em que se encontram as mulheres atualmente, sobretudo no mundo ocidental, é resultado das permanentes lutas feministas.

Segundo Laura Terragni (2005),

“(...) a pesquisa relativa a gênero, seja feminino seja masculino, na maioria das vezes implica uma reflexão sobre as mulheres, sobre a identidade delas, sobre os percursos de trabalho e familiares delas” (2005, p.141).

A autora chama a atenção para o fato de que a pesquisa feminista adota, em larga medida, a observação participante como preceito teórico-metodológico, constituindo-se, assim, como investigação qualitativa.

No mundo do esporte as mulheres ainda ocupam um lugar secundário, fato que é bem representado no cinema. De acordo com Eriberto Moura (2005), *“em alguns filmes que Hollywood produz contendo cenas esportivas, o espaço reservado às mulheres é quase sempre como coadjuvante”* (2005, p.144). Vale lembrar que atualmente muitos clubes de futebol estão lançando filmes sobre suas histórias e conquistas, exibindo-as nas grandes telas ou em forma de DVDs. A presença de torcedoras nestas produções, de modo geral, é pequena.

A emancipação da mulher brasileira no campo esportivo está se dando, fundamentalmente, conforme Ludmila Mourão (2000), por meio de um processo de infiltração no mundo masculino. Para ela, apesar dos esforços e dos avanços femininos, os clubes e as federações ainda seguem no comando dos homens, o que pode ser explicado pelo fato de que no país não existe um movimento claro de mulheres em prol da igualdade de condições para a prática esportiva.

Hugo Lovisolo (et al., 2006) acredita que, em relação às concepções de Mourão (2000), o processo de infiltração feminina no futebol

“(...) significa que foi um alargamento e aprofundamento da participação sem organização da ação coletiva, isto é, sem a presença de organizações e movimentos que lutassem pela incorporação” (2006, p.170).

O referido autor entende que a adoção do termo “infiltração” não é a mais adequada, pois possui uma conotação militar e de luta política, o que não parece ocorrer com as mulheres que atuam no mundo futebolístico. Isto não significa, obviamente, que as jogadoras não briguem por um espaço neste universo; apenas o fazem de modo mais individual ou a partir de pequenos grupos, o que não caracteriza, na sua visão, um movimento social.

A participação feminina no universo do futebol é complexa. Conforme Heloisa Bruhns (2000), para compreendermos as relações das mulheres com este esporte é importante avaliarmos o *“(...) impacto do feminismo, tanto como crítica teórica quanto como movimento social”* (2000, p.82). Interessada em discutir a progressiva inserção da mulher no futebol e na capoeira, que para ela são espaços onde predomina uma cultura masculinizada, a autora salienta o preconceito combatido pelas mulheres nestes ambientes. Manuel Castells (2006) acredita que este campo (o do feminismo) deve ser discutido a partir do reconhecimento de sua fragmentação como movimento cultural, processo que implica o questionamento do modelo de organização familiar patriarcal e, inclusive, da heterossexualidade como norma. Para ele, *“a força e a vitalidade*

do movimento feminista estão na sua diversidade, no seu poder de adaptar-se às culturas e às idades” (2006, p.229). O feminismo, desta forma, deve ser discutido a partir do reconhecimento de suas particularidades, isto é, através da investigação junto a grupos que se auto-intitulam feministas ou protagonizam ações e discursos em prol da mulher.

O movimento feminista caracteriza-se pela multiplicidade. É o que afirma Albertina Costa (1994), para quem *“o feminismo agrupou, ou melhor, serviu de guarda-chuva para uma grande variedade de tendências e orientações político-ideológicas”* (1994, p.164). O fator que parece ser universal dentre esta multiplicidades refere-se, segundo a autora, à luta pela supressão das desigualdades entre os homens e as mulheres. Branca Alves e Jacqueline Pitanguy (2003), por sua vez, acreditam que

“o feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades ‘femininas’ ou ‘masculinas’ sejam atributos do ser humano em sua globalidade” (2003, p.9)

Em termos esportivos, Marco Ferreti e Jorge Knijnik (2007) afirmam que as mulheres que praticam esportes tidos como masculinos podem sofrer preconceito por parte de ambos os sexos, por conta dos estereótipos que seguem vivos em nossa cultura. Miriam Adelman (2006) salienta que atualmente vivemos uma *“cultura da transição”,* que exige o cuidado, no que diz respeito às práticas esportivas, com *“(...) os perigos de reproduzir as antigas dicotomias que homogeneízam as categorias de ‘homem’ e ‘mulher’ (...)”* (2006, p.13). Ela observa que existem esportes que ainda são identificados como masculinos, como o futebol e o handebol, por exemplo. Para a autora, esta concepção está se fragilizando, embora algumas atletas por ela entrevistadas numa pesquisa sobre a prática de esportes por mulheres tenham demonstrado a preocupação *“(...) com a possibilidade de serem julgadas como pouco femininas (...)”*. (2006, p.20). Segundo Adelman (2006), o

esporte pode ser considerado um importante meio de participação feminina na sociedade.

2.4 As mulheres e o futebol

Ao abordarmos a temática do futebol avaliamos quase que exclusivamente as relações do homem com este esporte. Apesar do crescimento do futebol feminino no Brasil e da excelente participação do país na última Copa do Mundo nesta modalidade (2007), quando obteve o vice-campeonato, ainda é modesta a presença da mulher neste campo, seja como jogadora, dirigente ou torcedora. A vontade de ingressar no mundo da bola, no entanto, não é nova. Marcos Guterman (2009) chama a atenção para o fato de que no primeiro campeonato paulista, realizado em 1902, as arquibancadas do Velódromo, onde eram realizados os torneios, “(...) estavam sempre cheias de cavalheiros, de senhoras e de senhoritas” (2009, p.24). As mulheres, para este autor, atraíam olhares masculinos por conta dos seus elegantes vestuários, considerados, nas suas palavras, “riquíssimas toilettes”.

Duas décadas após, o futebol feminino começou a ganhar algum espaço. Conforme Fúlvio Giannella Júnior (2006),

“em 1921, já era comum acontecerem partidas de futebol feminino na capital paulista. Tanto que, em 28 de julho daquele ano, a imprensa registrou a partida entre ‘Senhoritas do Tremembé’ e ‘Senhoritas Cantareirenses’. Desde aquela época, porém, muitos homens não viam com simpatia uma mulher correndo atrás da bola (...) o futebol feminino ressurgiu nos anos 70, principalmente nos países do norte da Europa, nos Estados Unidos e na China. Hoje, já existem diversos times de futebol no Brasil” (2006 p.24-25).

A primeira escola pública de futebol feminino de São Paulo foi inaugurada, no entanto, segundo Heloisa Bruhns (2000), somente em 1994, na

data simbólica de 08 de março, “Dia Internacional da Mulher”. Na década anterior, no Rio de Janeiro, foi criada, de acordo com a autora (2000), a Liga Carioca de Futebol Feminino, com a participação de nove clubes. Neste período também foi organizado o time feminino do Corinthians. Estas experiências foram fundamentais para que o Conselho Nacional de Desportos (CND) oficializasse o futebol feminino no Brasil, em 1981. (<http://www.superfutebol.com.br/news3.php?cod=3909>, em 13/10/2009).

O interesse feminino pelo mundo da bola é discutido por Michelle Gianella (2008), para quem

“a cada dia as mulheres estão prestando mais atenção a esse esporte, que antes era exclusivamente masculino. Hoje, as mulheres não só praticam nas escolas, nos clubes, mas também atuam profissionalmente. Segundo a Fifa, no ano 2000 o Brasil já contava com 36 mil jogadoras registradas. Números baixíssimos em comparação ao futebol masculino, mas bastante relevantes (...)” (2008, p.12).

A crescente procura das mulheres pelo futebol se justifica, em termos, pelo fato de que elas partilham os mesmos valores dos homens em respeito ao “esporte das multidões”. É o que acredita Hugo Lovisolo (et al., 2006), segundo o qual “(...) o futebol transmite a imagem de um mercado de trabalho valorizado que além de retornos monetários permite um trabalho de qualidade, isto é, com prazer, como de modo geral o esporte” (2006, p.176). Considerado um “espaço sagrado dos homens”, o futebol aos poucos começa a receber as mulheres, embora ainda não destine a elas o mercado do espetáculo.

Outro autor que aborda a inserção feminina no mundo futebolístico é Carlos Borges (et al., 2006), que acredita que

“a luta da mulher pela conquista de áreas de reserva masculina, área de domínio masculino, também aconteceu no esporte e as mesmas dificuldades que as mulheres encontraram para se libertar dos papéis que lhes foram definidos socialmente ao longo do tempo, encontraram também no acesso à prática esportiva (...) no futebol,

por exemplo, as mulheres só iniciaram a sua participação em 1979” (2006, p.112).

Para ele, o êxito feminino no mundo do futebol estabelece uma situação contraditória, na medida em que as jogadoras consideradas craques são elevadas a um status masculino. Marta, atleta de maior destaque da seleção brasileira, foi comparada a Pelé, dada a sua qualidade e importância para esta modalidade esportiva. Conforme Roberto DaMatta (2006), “(...) *na América do Sul em geral e, no Brasil, em particular, o futebol é considerado um jogo (...) tipicamente masculino*” (2006, p.178-179), o que faz com que as mulheres ainda sofram inúmeros preconceitos. Este contexto, para o autor, as estimula a adotarem posturas tradicionalmente masculinas. A “masculinização” das jogadoras de futebol, representada, em termos estéticos, por um aumento expressivo da musculatura, faz com que as atletas, muitas vezes, sejam vistas como homossexuais, implicando um maior preconceito contra as suas atividades esportivas, o que resulta, em muitos casos, num desestímulo à prática do futebol.

Os preconceitos contra a participação da mulher no futebol são questionados por Silvana Goellner (2000), que em seu trabalho tem procurado “desnaturalizar” a visão de que neste campo as mulheres são inferiores aos homens. De acordo com a autora

“dizem alguns que a mulher que pratica o futebol se masculiniza, deixando de lado aquilo que é seu maior encanto e que a diferencia do ‘sexo forte’: a sua feminilidade. Mas, que feminilidade é essa que não a quer jogando futebol? Quem estabeleceu as regras para o ser ou não feminina e, afinal, o que é mesmo ser feminina, nos tempos contemporâneos, onde as roupas, as atitudes, os comportamentos parecem abrandar a demarcação das fronteiras entre o masculino e o feminino?” (2000, p.85)

A fim de incentivar as mulheres a discutirem a sua condição no universo do futebol, Clara Albuquerque (2007) publicou uma espécie de guia sobre este esporte, contendo curiosidades sobre times, regras e jogadores, entre outros aspectos. Ela afirma que, em termos nacionais, as mulheres precisaram

enfrentar inúmeras oposições, sobretudo políticas, para ingressarem neste universo. Conforme Albuquerque (2007), em 1941 “(...) *um decreto do governo Vargas proibia as mulheres de praticarem esportes ‘incompatíveis com as condições da natureza’; entre estes esportes, claro, o futebol*” (2007, p.78). Somente nos anos 80 é que este decreto foi revogado, possibilitando o surgimento de equipes de futebol feminino, sendo que muitas foram logo extintas, devido à falta de público e de patrocínio.

Outro exemplo de resistência contra a presença das mulheres no mundo do futebol é o caso que envolve o ex-goleiro Leão, que criticou, enquanto técnico do Corinthians, a atuação da auxiliar de arbitragem Aline Lambert, numa partida contra a equipe do Noroeste. Seu comentário “*Tá vendo? Coloca uma mulher para apitar (...)*” foi gravado por uma emissora de televisão e amplamente divulgado. O fato provocou uma forte reação do grupo “Sempreviva Organização Feminista” (SOF), que fez a seguinte declaração através da integrante Maria Fernanda Marcelina:

Me senti enjoada. Vemos uma forma grotesca de machismo que envolve o trabalho das mulheres em espaços tidos como masculinos. A infeliz frase do técnico Emerson Leão só vem a comprovar o grau de preconceito e diferença que existe no tratamento dado ao trabalho de homens e mulheres e aos erros cometidos por eles. Caso tivesse sido um homem a apitar errado, situação comum num esporte onde o olho humano tem que julgar no momento do lance, será que ele diria: - Põe homem pra apitar!”(WWW.globoesporte.globo.com, 19 março 2007).

Mais um caso emblemático sobre a nem tão fácil relação entre homens e mulheres e o futebol é o da bandeirinha Ana Paula Oliveira. Punida exemplarmente por conta de falhas técnicas num jogo da Copa do Brasil (modalidade masculina), ela aproveitou a suspensão temporária para posar nua para uma importante revista masculina de circulação nacional. Segundo Ruy Castro (2007), ao despir-se, Ana Paula “(...) *ousou desafiar o establishment mais machista do Brasil: o do futebol*” (In: revista Playboy, 2007, p.96). Após o ensaio, ela foi convidada por muitos programas esportivos para falar sobre a punição recebida e sobre o impacto – negativo – da sua nudez no

mundo futebolístico. Ao expor seu corpo, Ana Paula Oliveira convidou os torcedores a partilharem a sua nudez, alimentando, talvez sem querer, o papel da mulher como objeto de desejo masculino.

As revistas de nu feminino, aliás, têm se caracterizado por abordar o tema do futebol, publicando, com alguma regularidade, fotos de jogadoras. Laísa Andrioli, atleta do Internacional, por exemplo, concedeu uma entrevista sobre futebol para Alessandra Parise, publicada na revista *Sexy* (2008). A estudante de Educação Física Letícia Carlos, por sua vez, posou nua para a revista *Playboy* (2008), por ser ex-namorada do jogador Richarlyson, do São Paulo. Na matéria consta que este nu foi um “gol de placa” (p.74).

As animadoras de futebol Jaqueline, Dani e Fernanda posaram nuas para a *Sexy* (2009). No interior da revista, uma matéria não assinada que indaga: “*Futebol e mulher gostosa: quer combinação melhor do que essa?*” (In: revista *Sexy*, 2009, p.20). Chamadas de “Cheerleasers Brasil”, as garotas são tratadas pelo editor da revista, Ivan Zumalde (2009), como “*três corpos deliciosos*” (In: revista *Sexy*, 2009, p.8). Na mesma edição, foi publicada uma matéria sobre as cidades escolhidas como sede da Copa do Mundo que será realizada na África do Sul em 2010. Futebol e mulher, aqui, são tratados como objetos de desejo, produtos voltados, fundamentalmente, para o mercado masculino.

Em meio a um contexto desfavorável para as mulheres, em especial no que se refere à prática do futebol, chama a atenção o time feminino do Santos, atual campeão da Copa do Brasil, torneio que corresponde, em importância, ao campeonato brasileiro da categoria. As “Sereias da Vila”, como são conhecidas, contam com uma boa estrutura oferecida pelo clube. Conforme Raphael Hakime (2009), “*o elenco santista é composto por atletas de todos os lugares do Brasil e atrai até estrangeiras*” (2009, p.50). As jogadoras são orientadas pelo treinador Kleiton, que já atuou no futebol masculino e que acompanha inclusive o calendário menstrual delas, avaliado por um departamento médico especializado. Vale mencionar que a equipe do Santos foi a única a representar o país na primeira edição da Taça Libertadores da América de futebol feminino, realizada em 2009. Para disputá-la, o clube

contratou as jogadoras Marta e Cristiane, que são consideradas as melhores do mundo.

O regresso de Marta ao Brasil é muito importante para o desenvolvimento do futebol feminino no país. Segundo Mariana Oselame (2009), *“se as atletas dos 32 clubes que disputam (...) a Copa do Brasil feminino fossem questionadas sobre o que esperam da competição, dificilmente a resposta não seria essa: encontrar a melhor jogadora do mundo”* (In: jornal Correio do Povo, 24/09/2009, p.27). Marta e Cristiane fizeram sua estréia com a camisa santista num amistoso contra o Comercial – MS, que foi goleado por dez a zero. Ambas atuam no clube paulista por empréstimo, sendo vinculadas a equipes norte-americanas (Marta joga no Los Angeles Sol e Cristiane atua no Chicago Red Star). No dia 18 de outubro de 2009, após uma goleada por nove a zero contra o Universidad Autonoma (Paraguai), a equipe feminina do Santos sagrou-se campeã sul-americana (In: jornal Correio do Povo, 19/10/2009, contracapa). Em suas entrevistas, Marta quase sempre salienta a importância do público no que diz respeito à afirmação do futebol feminino. Ela pede aos torcedores para que compareçam aos estádios e que procurem se envolver com o espetáculo.

Além do Santos, outra equipe que merece destaque é o Botucatu Futebol Clube, com sede em Botucatu, no interior de São Paulo. De acordo com Renata Cavalcante (2008), o treinador do time, Edson Castro, é o mais vitorioso em termos de futebol feminino no Brasil. O clube é bem estruturado e conta com a presença de Formiga, jogadora da seleção nacional. Cavalcante (2008) entende que *“a visibilidade das meninas da bola é recente e se deve ao estrondoso sucesso da seleção brasileira, que caiu nas graças da torcida nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, quando ganhou a medalha de prata”* (2008, p.38). Ela informa, ainda, que o time é parceiro das Faculdades Integradas de Botucatu (UNIFAC), o que possibilita que as jogadoras possam fazer um curso superior. O aumento da escolaridade, aliás, é uma preocupação de muitas jogadoras de futebol, temerosas pelo seu futuro nas quatro linhas. Existem poucas equipes de mulheres em comparação com os homens. Muitas

atletas, deste modo, não têm onde atuar, sendo forçadas a abandonar os seus sonhos esportivos por falta de oportunidade.

O processo de seleção das equipes participantes da Copa do Brasil na modalidade feminina foi politizado, a exemplo do que acontece em diferentes torneios masculinos de futebol. É o que pensa Thiago Oliveira (2007), segundo o qual, em 2007,

“no Rio Grande do Sul, o Pelotas protestou por ter ficado de fora, já que disputou todas as edições do Campeonato Gaúcho da categoria, enquanto o futebol feminino do Inter, que disputou o torneio, estava fechado há quatro anos. No Rio de Janeiro, a força política de Eurico Miranda tirou o Cepe de Duque de Caxias, tricampeão estadual, e colocou o Vasco” (2007, p.11).

A Federação Gaúcha de Futebol (FGF) apóia o campeonato regional feminino, que é promovido pela empresa DUO Marketing & Eventos. Organizado em duas fases (o Estado foi dividido em regiões, sendo que os dois times com maior pontuação em cada grupo se classificam para a etapa regional, que dá direito a duas vagas para a Copa do Brasil, organizada pela Confederação Brasileira de Futebol), este torneio é considerado um dos mais importantes na modalidade. A Sociedade União de Alvorada (RS) é outra instituição que possibilita a prática do futebol feminino no estado. Com o objetivo de formar uma equipe de mulheres para participar do campeonato gaúcho, a referida sociedade está organizando um processo seletivo, cujo limite de idade é entre 10 e 17 anos (In: jornal Correio do Povo, 17/09/2009, p.31).

O futebol feminino de várzea está se desenvolvendo no Brasil. Um dos melhores times é considerado o Liderança Futebol Clube, de Pirituba, zona oeste da capital paulista. Segundo Diego Viñas e Evandro Barbosa (2009), são inúmeros os problemas enfrentados por esta equipe, referentes, sobretudo, à falta de uma estrutura adequada. Os referidos autores salientam que algumas jogadoras sofrem preconceito, inclusive por parte de suas famílias, sobretudo dos pais. O técnico Adílio Fernandes, na tentativa de ajudá-las, sugere às suas

atletas que convidem os parentes e os amigos para assistirem os jogos. Em termos de futebol amador no Rio Grande do Sul, destaque para o time chamado Amélias às Avestas (AAFC), de Porto Alegre, composto por jogadoras não profissionais. Após as partidas, é comum a reunião das atletas “para conversar e tomar uma cerveja”, segundo Ana Paula Ferreira Machado, membro da equipe e advogada. Ela integra o Núcleo de Mulheres Gremistas, como veremos posteriormente.

Chamo a atenção, ainda, para a crescente participação de mulheres em outra modalidade futebolística: o futsal. Em 2009, o Brasil conquistou o seu terceiro título sul-americano da categoria, sendo que este torneio é oficializado pela Confederação Sul-americana de Futebol (CONMEBOL). A decisão foi disputada no ginásio da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e resultou numa goleada de sete a um contra a seleção da Colômbia (www.clicrbs.com.br, em 08/09/2009). Apesar desta conquista, o Brasil precisa avançar muito no que diz respeito às condições de trabalho para as jogadoras de futebol.

Humberto Peron (2009) apresentou o time de futsal feminino Sociedade Esportiva Juventude, com sede em São José dos Campos, interior de São Paulo. Coordenada por Claudemir Julho, a equipe sofre para obter recursos financeiros que possibilitem a compra de materiais esportivos. Este contexto faz com que Peron (2009) questione o senso comum que diz que o futebol é o esporte mais democrático do mundo. Para ele,

“(...) essa afirmação só é válida quando falamos da modalidade praticada pelos homens. No futebol feminino, o jogo muda. Exceto por algumas ligas organizadas em certos países da Europa e dos Estados Unidos, as mulheres ainda sofrem um bocado quando escolhem chutar uma bola como profissão” (In: revista Monet, 2009, p.68).

A capacidade de superação é o grande valor que as atletas de futsal devem desenvolver, conforme Peron (2009). Neste sentido, a sua própria história é considerada um exemplo para as jogadoras. Vítima de paralisia

infantil, ele precisa enfrentar a precária estrutura urbana para conseguir chegar aos locais dos treinos, subindo ladeiras e desviando das ruas esburacadas.

O crescimento do futebol feminino no país não implica, segundo Katia Rubio e Antônio Simões (1999), “(...) *que o preconceito tenha recrudescido ou que as ‘estranhas no ninho’ tenham se tornado familiares*” (1999, p.54). As dificuldades vivenciadas pelas mulheres, inclusive, tem estimulado algumas garotas a saírem do país em busca da profissionalização como jogadoras de futebol. É o caso de Hozana Carvalho. Após uma breve temporada atuando no Flamengo, ela decidiu jogar nos Estados Unidos, no Team Chicago, clube que firmou uma parceria com o rubro-negro carioca. Inspirada na jogadora Formiga, da seleção brasileira, a atleta diz que deseja vestir a “amarelinha”. Para tanto, ela observa ser preciso “(...) *acreditar em você mesmo. Se você acha que é impossível, não é. Tem que colocar o sonho acima de tudo, esquecendo as fraquezas e olhando o lado positivo*” (In: jornal Correio do Povo, 12/05/2009, p.22). Hozana foi uma das duas escolhidas entre 387 inscritas.

Outra estratégia de inserção da mulher neste campo diz respeito à formação como treinadora de futebol, não necessariamente feminino. Renata Cavalcante (2009) cita o caso de Áurea Damiani, que em 2008 ingressou no curso de Tecnologia em Treinamento de Futebol da Universidade de Guarulhos (UNG). Ela conta que o coordenador do curso espantou-se com a sua presença, a única feminina. Apesar de elogiar a atitude de sua aluna, o professor Ari Grassia Júnior entende que não será fácil para Áurea conquistar um espaço profissional no futebol, por conta das barreiras impostas pelos homens. Ele acredita, no entanto, que, em relação às mulheres “*elas são mais calmas na administração das coisas, são mais compreensivas e sabem lidar melhor com pessoas diferentes*” (In: revista Roxos & doentes, 2009, p.53).

As mulheres também estão conquistando espaços na imprensa brasileira como apresentadoras de programas esportivos. De acordo com Renata Cavalcante (2009),

“quem acha que a mulher não entende de futebol não sabe o que está falando. Elas já invadiram todos os braços do esporte: os gramados, o treinamento, a arbitragem. E também o jornalismo” (In: revista Roxos & doentes, 2009, p.16).

Ela cita Mylena Ciribelli, atual apresentadora do programa “Esporte Fantástico”, da Record, como exemplo deste processo. Outra apresentadora importante é Renata Fan, considerada pioneira como comandante de uma mesa redonda sobre futebol no país. Ex-miss Brasil, a jornalista fala sobre a sua responsabilidade:

“Sou eu que conduzo e dou a tônica do programa. Os boleiros falam de suas vivências, mas cabem a mim os comentários e as análises. Domino o assunto, respiro futebol, assisto às partidas e também aos treinos e ainda levo as gravações para rever em casa”. (In: FERREIRA, Priscila, 18/02/2007, p.7).

Colorada confessa, Fan agradece o apoio do igualmente jornalista esportivo Milton Neves, com quem trabalhou no famoso programa de televisão “Terceiro Tempo”, exibido na Rede Record.

A ex-modelo Luize Altenhofen, que também atuou com Milton Neves, desenvolve um importante trabalho nesta área sendo considerada, juntamente com Renata Fan, uma musa do jornalismo esportivo brasileiro, embora não goze de tanto prestígio quanto sua colega, o que pode ser explicado, em termos, pelo fato de que ela aborda outros esportes além do futebol. Cristiane Dias, que em companhia de Luís Ernesto Lacombe apresenta o “Esporte Espetacular” (TV Globo), observa que, em relação à sua profissão:

“você acaba tendo de provar que gosta e entende de esporte como eles (os homens). Mas ouço muito os meninos na Redação, e eles sentem falta de mulheres lá dentro” (In: FERREIRA, Priscila, 18/02/2007, p.7).

Ela, inclusive, lamenta o fato de que em seu ambiente de trabalho não existem mulheres em número suficiente interessadas em formar um time de

futebol. Além de competente, Cristiane, bem como as referidas colegas jornalistas, é jovem e bonita, o que parece agradar bastante o público masculino, alvo dos programas esportivos em geral. O corpo feminino, exemplificado pelas apresentadoras citadas, parece estar mesmo sendo concebido como um espetáculo, a exemplo do que afirmou Orestes (2007), como vimos anteriormente.

A jornalista Mônica Apor, igualmente jovem e bonita, embora não atue num programa esportivo, concedeu uma entrevista para Celso Miranda, que trabalha na revista FUT! (2009), especializada em futebol. Questionada sobre os motivos que a levaram a torcer pelo São Paulo, ela afirmou que *“quando menina achava o Raí, o Leonardo, o Zetti, todos homens muito bonitos. Depois fui crescendo e vi que, além de bonitos, eles eram muito bons”* (in: revista FUT!, 2009, p.66). A matéria tem algumas fotos sensuais de Mônica, numa estética parecida com as revistas de nu feminino. Ela atualmente é apresentadora do programa TV Fama, exibido pela Rede TV!

A escolha de apresentadoras-modelos pode significar, mais do que uma estratégia de marketing, a tentativa de fazer com que as mulheres permaneçam num estado de inferioridade em relação aos homens, ao tornarem-se objeto de desejo destes. A presença de Renata Fan e de Luize Altenhofen na televisão, entre outras musas ligadas à mídia esportiva, assim, pode implicar um processo bem mais complexo do que o da luta por audiência.

Pierre Bourdieu (2007) elaborou algumas considerações a respeito das relações de poder existentes entre os homens e as mulheres, ou melhor, entre o mundo masculino e o feminino. Para ele,

“a dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (percipi), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis” (2007, p.82).

Os homens também podem desempenhar o papel de objeto, visto que alguns jogadores são considerados símbolos sexuais. É o caso do brasileiro Kaká, que provoca verdadeira histeria por onde passa. O inglês David Beckham e o português Cristiano Ronaldo despertam paixões nos torcedores de ambos os sexos. Eles são rotulados como “metrossexuais”, uma espécie de categoria que supostamente representa os homens modernos que se preocupam com estética e moda, entre outros valores. O sucesso destes galãs junto a homens e mulheres faz com que eles se tornem, de certo modo, “pop stars”, assim como os roqueiros. Esta condição, no entanto, não é corriqueira, ou seja, é a mulher que ainda é tratada como objeto sexual no dia-a-dia do futebol, embora as jogadoras não usufruam deste status e sim as apresentadoras-modelos, como se viu anteriormente.

Os boleiros são vistos como objetos por causa, sobretudo, das relações de trabalho estabelecidas no futebol. Vale lembrar que os jogadores ainda são vendidos, como se fossem escravos ou mercadoria. Sobre mulher, desejo e corporalidade, Isabel Orestes (2007) observa que,

“a cultura contemporânea é imagética, é repetição da história. É, de novo, um convite a olhar o corpo da mulher, que é construído para ser espetáculo a ser visto na publicidade, na moda, na dança, na pintura, no teatro, na fotografia. É quase um retorno à origem da história e das relações humanas, já que os personagens deste simulacro continuam sendo os mesmos. Assim, observa-se que a percepção visual do homem está diretamente ligada a esses modos de ver a mulher. Sua percepção é, portanto, afetada por sua história” (2007, p.241).

Muitas mulheres famosas estão sendo convidadas para vestirem as camisetas de times de futebol. Deborah Secco, atriz global, foi fotografada várias vezes com o uniforme do Grêmio, no período em que seu namorado, o jogador Roger, atuou no clube gaúcho (2008). A também atriz da rede Globo Fernanda Lima encomendou um enxoval para seus filhos gêmeos com o símbolo do Grêmio, fato que foi saudado pelo tricolor (In: jornal Diário Gaúcho, 16/10/2008, p.21). Ela, inclusive, gravou um depoimento sobre a participação do Grêmio na segunda divisão, no longa-metragem “Inacreditável – A batalha

dos Aflitos” (2006), dirigido por Beto Souza. Fernanda foi a única mulher presente nesta produção.

A modelo e apresentadora de televisão gaúcha Ana Hickman já posou com a camisa gremista. Ela comentou que “*sou Grêmio desde pequena, é tradição de família. Apesar de não morar mais no Sul, carrego essa paixão comigo*” (www.terra.com.br/istoegente/342/estilo/index.htm, em 05/02/2007). Gisele Bündchen também declarou gostar do Grêmio, embora não acompanhe os torneios de futebol. A opção clubística destas celebridades foi motivo de comentários em algumas reuniões do Núcleo de Mulheres Gremistas, como veremos posteriormente. Algumas integrantes tornaram público o seu desejo de ver o clube sendo projetado através delas.

A cantora Rita Lee foi homenageada pelo Internacional e nomeada consulesa cultural do clube. Ela chegou a se apresentar com a camisa colorada num dos seus shows realizados em Porto Alegre, em 2008. (www.internacional.com.br, em 11/06/ 2009). Ivete Sangalo já vestiu o uniforme do Vitória, da Bahia. Cláudia Leite, artista baiana, foi entrevistada por Beatriz de Salles (In: revista Roxos & doentes, 2009), afirmando gostar muito de futebol. Torcedora do Bahia, ela vibrou com a escolha de Salvador como cidade sede da Copa do Mundo de 2014, que será realizada no país. Dani Suzuki, Sabrina Sato, Viviane Araújo, entre outras personalidades, revelaram suas preferências clubísticas para Beatriz de Salles e Sonia Xavier (2008) numa matéria intitulada “Torcida estrelada”.

Os clubes brasileiros, de modo geral, estão procurando explorar as paixões futebolísticas de seus torcedores ilustres, para estimularem o aumento do seu quadro de sócios, incentivando as relações de identificação do torcedor com seu ídolo ou objeto de desejo. A imagem dos artistas e, em especial, das modelos representa um capital simbólico para os clubes, que vêm organizando, com frequência, concursos para a eleição de musas, processo que ocorre, fundamentalmente, através dos sites das instituições esportivas. Na revista Roxos & doentes, num espaço denominado “Musas do futebol”, foram publicadas fotos de torcedoras, tidas como “(...) *beldades femininas que embelezam as partidas*” (2008, p.60). Flamengo, Sport Recife, Internacional,

Santos, Corinthians e Palmeiras foram os clubes que tiveram suas musas contempladas. Percebe-se então que o corpo feminino, no mundo futebolístico, é bastante idealizado.

Na reportagem intitulada “Com que roupa eu vou...”, Daniella Peretti (2007) afirma que *“desde que as camisetas de clubes deixaram os estádios para virar moda nas ruas e na noite, nunca houve tantas opções para vestir as cores de Grêmio e Inter sem perder a elegância”* (In: jornal Zero Hora, 2007, p.40). A repórter chama a atenção para o fato de que nas lojas oficiais destes clubes existe uma diversidade muito grande de produtos futebolísticos voltados para as mulheres, o que ocorre em inúmeros outros clubes do país.

Os uniformes dos clubes são considerados, por alguns especialistas em moda, trajes de gala. A consultora Glória Kalil, juntamente com Biti Averbach, editora da revista “Marie Claire”, Lilian Pacce, apresentadora do programa “GNT Fashion” e Lu Pimenta, dona da grife Tweed, elegeram o uniforme do Grêmio como o mais bonito entre diversos times brasileiros e europeus. Conforme Lilian Pacce, *“quando vejo esses times listrados, me parecem mais malditos do que os que não usam a composição, porque há esse histórico. A listra sempre foi símbolo de rebeldia”*. (In: SORMANI, Fábio, 2005, p.20-22). Ela se baseia no fato de que roupas listradas já foram associadas à marginalidade, sendo usadas em certo período apenas por presidiários e por prostitutas.

As camisetas de futebol representam muito bem as paixões clubísticas. Muitos torcedores as consideram uma espécie de “segunda pele”. Em respeito a esta identificação, Paulo Gini e Rodolfo Rodrigues (2009) publicaram “A história das camisas dos 12 maiores times do Brasil”, uma obra muito interessante contendo desenhos das camisetas utilizadas pelas instituições futebolísticas tidas como as mais vencedoras do país. Os autores incluíram no livro depoimentos de doze jogadores bastante identificados com os clubes abordados. Túlio Maravilha, por exemplo, artilheiro do Botafogo, declarou que

“guardo até hoje a camisa da final do campeonato brasileiro de 1995, conquistado sobre o Santos. Ela está num quadro, em casa, para que meu filho e depois meus netos possam sentir um pouco do que ela representou. É uma camisa que não tem preço e com um valor inestimável” (In: GINI, Paulo; RODRIGUES, Rodolfo, 2009, p.39).

Nesta obra, não existem registros das camisetas femininas, o que é compreensível, uma vez que a produção destas é bastante recente. É preciso considerar, ainda, o fato de que muitos times femininos não são vinculados aos clubes mais tradicionais do país e sim a empresas ou associações esportivas que atuam em modalidades variadas.

O atual interesse feminino por materiais esportivos, sobretudo futebolísticos, levou a publicitária e designer de moda Núbia Morgana Zambelli a criar uma coleção de roupas para o Grêmio, as quais são vendidas nas lojas oficiais do clube. Ela desenvolveu, inclusive, peças com o logotipo do Núcleo de Mulheres Gremistas, como veremos. Numa entrevista que realizei pela internet, Núbia (que se tornou integrante do NMG) descreveu esta experiência profissional:

*“É algo quase inexplicável! Foi algo que surgiu no meu curso de moda, pois eu faltava as aulas em quartas-feiras para assistir aos jogos do Grêmio na Libertadores e toda a minha turma sabia disso (...) no final do curso cada aula teria que desenvolver uma coleção, confeccioná-la e desfilar a mesma. Na hora veio ‘Grêmio’!!! Então eu iniciei a busca por uma autorização para poder desfilar a marca do Grêmio, que consegui com o auxílio da Dona Rosa (coordenadora do NMG) e da Dona Ema (coordenadora do Memorial do Grêmio)”.
(22/01/2008)*

Ela percebeu uma tendência consumista no público feminino e está obtendo sucesso por oferecer para as mulheres produtos ligados a um clube popular, caracterizados por serem bem diferentes das peças ofertadas para os homens. De acordo com Núbia, existem clubes de futebol que parecem não se preocupar com o fato de que as camisas masculinas são quase iguais às femininas. Voltando-se ainda mais para o público feminino, o Grêmio autorizou em 2009 o lançamento de uma linha de sapatos femininos com a marca do clube, desenhados pela referida designer. Este evento foi divulgado na internet,

na página oficial do Grêmio, que afirmou ser esta “(...) *uma oportunidade inédita da torcedora gremista se vestir literalmente dos pés à cabeça (...)*”. E contou com a presença de Caroline Alves, escolhida musa tricolor no campeonato brasileiro de 2008 (www.gremio.net, em 27/01/2009).

A jornalista Fernanda Zaffari (2008), ao analisar a presença das mulheres nos estádios e o grande consumo feminino de peças esportivas, comentou que

“as ‘frescurinhas’ femininas promovem a humanização nos estádios. Inibem rompantes de violência, xingamentos pesados e até o empurra-empurra como diversão boba. Obrigam os clubes a se estruturarem para isso. Os homens também merecem, mas mulheres impõem que certas civilidades básicas entrem em campo. Nada mais normal do que um banheiro limpo, inclusive equipado com papel higiênico. Ou que o torcedor compre ingresso e consiga sentar-se no lugar que planejou” (In: jornal Zero Hora, 11/03/2008, p.41).

Ela salienta que para adentrar no mundo do futebol, é necessário reconhecê-lo e respeitá-lo como um espaço ainda masculino. A autora adverte: *“Agora, gurias, é bom se ligar. Estádio de futebol ainda não é teatro ou cinema e é preciso se adaptar a certas especificidades. Afinal, ELES chegaram antes”* (In: jornal Zero Hora, 11/03/2008, p.41). Com bom humor, a jornalista observa que as mulheres devem se preparar para assistir os jogos, inclusive informando-se sobre regras, pois os homens, na sua visão, adoram tentar provar que elas não entendem de futebol.

A escritora gaúcha Martha Medeiros (2009) publicou uma crônica dirigida às mulheres falando sobre as vantagens de se aceitar a paixão masculina pelo futebol. De forma divertida, ela acabou criticando um possível preconceito feminino contra este esporte, ou melhor, pela sua adoção enquanto um “hobby” por parte dos homens. Para Medeiros (2009)

“o futebolzinho permite que você enxergue as pernas do seu marido no inverno. O futebolzinho faz com que ele externar a sua virilidade, sua fúria, sua raiva contra aquele juiz filho da mãe. O futebolzinho resgata o homem primitivo que ele tem dentro dele. O futebolzinho

ajuda-o a descarregar a tensão, dá a ele uns hematomas para se orgulhar. O futebolzinho é sua religião, e você quer acabar com isso só porque ele não tem prestado atenção em você? Vá procurar suas amigas e tomar um vinhozinho, bater um papinho, pegar um cineminha. Vá descolar seu próprio futebolzinho” (In: jornal Zero Hora, caderno Donna, 15/011/2009, p.22).

Em seu texto, a escritora utiliza o futebol como uma espécie de metáfora para falar de mulheres e de homens. Este esporte parece ser ainda um território masculino, a ponto de ter que se chamar a atenção para o fato de que as mulheres também sofrem antes de clássicos futebolísticos. Numa matéria intitulada “Mulher também sofre em dia de Gre-Nal, rapazes!” (In: jornal Diário Gaúcho, 27/28/09/2008, p.16-17), foram entrevistadas diferentes representantes do sexo feminino, que falaram acerca de suas paixões clubísticas e da tensão sentida antes do principal confronto esportivo gaúcho.

Nesta reportagem, Paula Valdez, apresentadora de televisão da RBS TV, confessa que não gosta de assistir os jogos do Grêmio em companhia masculina. “*Com homem, não há condição*”, observa Paula (In: jornal Diário Gaúcho, 27/28/09/2008, p.17). A jornalista colorada Isabel Ferrari, por sua vez, observa que toda a sua família torce pelo Internacional, assim como o seu namorado, mas que ela não costuma ir ao estádio acompanhar o time do coração. Apesar disso, Isabel afirma ser uma “coloradaça”.

Na referida matéria, que não tem autoria, indaga-se:

“Quem disse que futebol é coisa só de homem? A mulherada anda tão fanática pelo esporte como eles. No final de semana do Gre-Nal que tem agitado as rodas de conversa, Retratos da Fama foi saber com as superpoderosas a relação delas com o seu time. As gatas até arriscam um palpite sobre o resultado da partida de domingo!” (In: jornal Diário Gaúcho, 27/28/09/2008, p.16)

A respeito da identificação das mulheres com clubes de futebol, Leda da Costa (2006) afirma que “*para se estabelecerem como torcedoras é preciso ir contra uma série de representações que fomentaram a idéia de que as mulheres e o futebol atuam em campos opostos*” (2006, p.3). Ela chama a

atenção, porém, para o fato de que existe um bom número de garotas que agem de acordo com estereótipos, freqüentando treinos para visualizarem os jogadores de futebol não por causa de seu talento, mas por seus “dotes físicos”. Costa (2006) retoma a folclórica figura da “Maria-chuteira”, que é a mulher que está mais interessada em ver os jogadores do que de torcer por eles, numa dimensão imagética e sexual. Para ela, as “marias-chuteiras”, por serem sedutoras, “(...) reforçariam a imagem da mulher interesseira que se aproxima dos homens buscando apenas dinheiro e fama” (2006, p.7). A autora acredita que as “marias-chuteiras” são tão antigas quanto o próprio futebol.

Segundo uma matéria publicada no Clube da Bolinha (www.clicrbs.com.br, em 16/06/2009), a revista francesa de esportes “Les Dessousdusport” criou uma eleição, pela internet, para saber quem é a companheira de jogador de futebol mais bonita do ano. A vencedora foi Alena Seredova, mulher do goleiro da seleção italiana Buffon. A namorada do atacante português Cristiano Ronaldo ficou em segundo lugar. Na quarta posição, a modelo e esposa do centroavante do Grêmio Maxi López, chamada Wanda Nara. As responsáveis por este espaço virtual acreditam que as selecionadas podem ser consideradas “marias-chuteiras”, pois “ao lado dos maridos-jogadores são sempre notícias, onde quer que estejam”. Percebe-se novamente a necessidade (de homens e de mulheres) de se manter uma tradição de vincular a mulher à beleza, de avaliá-la como objeto.

O ingresso das mulheres no universo do futebol foi retratado, numa perspectiva artística e estética, num evento cultural chamado “International Design Festival Berlin”, que ocorreu na Alemanha, em 2009. Foi montada uma exposição com várias bonecas da marca Barbie que foram dispostas como jogadoras de pebolim, um tipo de brinquedo-jogo de futebol. Tudo para demonstrar, segundo Cláudia loschpe, que “(...) as imagens provam que meninas e futebol combinam!!!”. (www.clicrbs.com.br, em 11/06/ 2009). As bonecas, no entanto, obedeciam a um estereótipo estético: todas estavam vestidas de rosa e branco.

Em meio a tantos processos de dominação masculina no universo do futebol, as mulheres por vezes reagiram. Entre 1991 e 1993, Marlene Matheus,

esposa do polêmico ex-presidente do Corinthians Vicente Matheus, assumiu a presidência do Timão, tornando-se a primeira mulher a dirigir um grande clube brasileiro. Apesar do feito, não faltaram insinuações de que ela apenas obteve o cargo por influência do marido, que continuaria, na verdade, exercendo o mandato. Outro exemplo de participação feminina nos “bastidores” do futebol é o de Joana Havelange, neta do ex-presidente da FIFA, João Havelange e filha do presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira. Segundo Ricardo Perrone (in: revista Placar, 2009), ela é uma importante funcionária do Comitê Organizador da Copa do Mundo de 2014, que será realizada no Brasil.

Em dezembro de 2009, a vereadora do Rio de Janeiro e ex-atleta Patrícia Amorim tornou-se a primeira presidente mulher do Flamengo (gestão 2010-2012), numa eleição disputada com outros quatro candidatos, sendo todos estes homens, incluindo o atual vice-presidente do clube (In: revista Placar, 2009, p.24). Ela justificou sua candidatura por acreditar que “(...) o Flamengo vive um período de renovação de quadros, mudanças de paradigmas, um momento de transição” (www.esportes.terra.com.br/futebol, em 02/12/2009). Inspirada no ex-jogador Roberto Dinamite, atual presidente do rival Vasco da Gama, Patrícia acredita que é possível conciliar a função política com a administrativa.

Com o objetivo de medir a confiança dos torcedores na gestão de uma presidente mulher, o site “Terra” elaborou uma enquete com a seguinte questão: “*Patrícia Amorim está pronta para comandar o Flamengo?*” Duas alternativas foram dispostas para o público: “*Sim, este é o momento para inovar e conta com a experiência de ter sido atleta*”. “*Não, ainda é inexperiente, precisa de mais bagagem e outro nome seria melhor para o clube*”. Embalados com a conquista do campeonato brasileiro do ano, os flamenguistas escolheram, na sua maioria, a resposta “Sim”, com 61,53% dos votos computados (www.terra.com.br, em 08/12/2009). Embora a participação dos eleitores não seja expressiva se comparada com o número de torcedores rubro-negros, esta sondagem mostra uma tendência favorável à participação feminina no mundo da bola, inclusive em termos administrativos.

Numa entrevista concedida à imprensa após a sua eleição, Patrícia afirmou que *“ser a primeira mulher presidente do Flamengo, o maior clube do mundo, é melhor do que qualquer sonho que eu pudesse sonhar. Eu sonhei e cheguei”* (In: jornal Correio do Povo, 09/12/2009, p.26). Ela confessou, ainda, que deseja contratar o ex-jogador Zico, o maior artilheiro da história do clube, para treinar o rubro-negro. E se compara a outras mulheres que conquistaram importantes cargos, como Hillary Clinton, secretária de Estado dos Estados Unidos (in: revista Placar, 2009, p.24).

No final de 2009 foi realizada uma disputa entre duas mulheres famosas para saber se elas conheciam bem seus clubes de coração. Nana Gouvêa, atriz e modelo corintiana e Flávia Viana, atriz e ex-participante do programa “Big Brother Brasil”, torcedora do São Paulo, responderam um questionário com dez questões sobre os seus respectivos times. A proposta da reportagem, acredito, era a de provar que as mulheres entendem de futebol, inclusive as celebridades. Renata Cavalcante (2009), autora da matéria, propôs, nas suas palavras, *“(...) um duelo diferente, em que os times são representados por duas gatas”* (In: revista Roxos & doentes, 2009, p.56-57). Este teste, no entanto, assim como o que foi realizado pelo site Terra sobre a eleição de Patrícia Amorim como presidente do Flamengo, indica certo grau de desconfiança sobre a cultura futebolística feminina.

Como vimos, a participação das mulheres no universo futebolístico é problemática. A resistência masculina e os preconceitos sociais ainda limitam a experiência feminina neste campo. Em Porto Alegre, no entanto, o trabalho do Núcleo de Mulheres Gremistas e do Espaço da Mulher Colorada tornou-se uma importante referência no que diz respeito ao questionamento da hegemonia masculina no mundo da bola, como veremos, em especial, no capítulo quatro.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA



3. METODOLOGIA

3.1 A etnografia como instrumento de pesquisa

A investigação sobre o Núcleo de Mulheres Gremistas e o Espaço da Mulher Colorada foi realizada, fundamentalmente, a partir de uma etnografia. Segundo François Laplantine (2000), neste modelo de pesquisa é preciso levar em consideração os erros cometidos em campo, bem como os imprevistos. Para o autor, a etnografia pode ser compreendida como uma prática em busca de significados, ao invés de leis gerais aplicáveis. A pesquisa etnográfica representa para Clifford Geertz (1989) a tentativa de ler

“(...) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (1989, p.7).

A etnografia, para ele, apresenta uma natureza microscópica que implica uma “descrição densa” dos dados pesquisados, sendo o texto antropológico, de certo modo, uma ficção, no sentido de que é uma construção essencialmente interpretativa.

Existe uma importante discussão sobre a qualidade da escrita etnográfica. De acordo com James Clifford (2002), ela corre o risco de ser demasiadamente superficial, devido, entre outros fatores, a uma indefinição entre o que é ou não o objeto de estudo antropológico. Para o autor, *“(...) o trabalho de campo está em discussão e sob tensão, porque também não está claro o que se define como ‘campo’ e o que significa ‘ir para o campo’”*. (2002, p.267). Esta indefinição indica uma crise entre saberes e disciplinas, processo

que ocorre, conforme Clifford (2002), em especial, nas universidades norte-americanas.

Para se tornarem válidas enquanto instrumento de coletas de dados, as observações devem ser registradas de forma profundamente descritiva (descrição densa). É o que pensa Airton Negrine (1999), para quem o processo de observação deve ser o mais neutro possível, isto é, desprovido de valores. Esta é uma condição problematizada por Celso Dias (1991), que desenvolveu uma etnografia sobre diferentes torcidas organizadas do Internacional, declarando-se, para inúmeros integrantes destas, colorado. Dias (1991), inclusive, avaliando a sua participação num jogo do Internacional, afirmou que *“a observação do procedimento das torcidas organizadas não havia ficado morta num papel em forma de observações e no diário de campo”* (1991, p.53). Ele também se comportou como um torcedor enquanto investigador, o que não implica, necessariamente, uma ruptura ética ou científica.

A dimensão ética da pesquisa etnográfica é tratada, de certo modo, por Alba Zaluar (2004). Ela acredita que, neste modelo de investigação, é necessário registrar-se o contexto da ação do pesquisador, ou seja, deve-se explicitar o processo de chegada ao campo bem como as relações tecidas entre observadores e observados. Ao discutir a validade da etnografia como método de pesquisa, Cláudia Fonseca (2000) chama a atenção para o fato de que todo o pesquisador deve reconhecer os limites dos métodos de investigação, o que implica certa vigilância epistemológica, na sua visão.

A pesquisa antropológica fundamentada no trabalho de campo possibilita ao pesquisador formar uma “ótica de relativização”, de acordo com Everardo Rocha (1990). É preciso, para o autor, que o investigador desafie as suas próprias concepções sobre os grupos pesquisados. Conforme Rocha (1990),

“quando se é antropólogo, um dos momentos mais fundamentais é aquele em que o nosso mundo, os círculos sociais em que nos movemos, as famílias que nos cercam, os universos de símbolos e

valores nos quais acreditamos começam a causar estranheza (1990, p.23).

O “estranhamento” frente ao objeto de estudo, assim, pode vir a provocar a superação de alguns vícios ou limites do nosso olhar em respeito à vida social. Para tanto, o etnógrafo, segundo Rocha (1990), deve considerar os atores envolvidos no contexto observado, isto é, ele precisa levar em conta suas visões de mundo, suas representações sociais.

Através da etnografia é possível dar voz aos diferentes agentes envolvidos na pesquisa. Para Ruth Cardoso (2004), *“uma contribuição inegável da volta ao trabalho de campo foi a presença dos atores sociais, suportes dos discursos, que ganharam carne e osso e deixaram de ser autômatos”* (2004, p.105). Conforme a autora, a pesquisa etnográfica sugere o estudo das condições sociais da produção dos discursos do entrevistador e do entrevistado.

Um importante elemento que diz respeito ao fazer etnográfico é o diário de campo, considerado um instrumento essencial para o registro das observações. Segundo Yves Winkin (1998), o diário possuiu três funções, sendo a primeira catártica ou emotiva (o diário é o espaço apropriado para o registro dos sentimentos em relação ao grupo e ao contexto pesquisado); a segunda função é empírica, ou seja, deve-se utilizá-lo para anotar tudo o que for interessante quando do trabalho de campo; a terceira é reflexiva e analítica e está ligada à análise dos dados. Ele observa que a etnografia é também um processo de comunicação (entre pesquisador e pesquisado) e por este motivo não deve ser desenvolvida de forma velada. É preciso que o etnógrafo não represente nenhum papel que não o seu próprio de pesquisador.

A opção pela etnografia como método de pesquisa foi justificada por Marco Paulo Stigger (2002), que acredita que a sua adoção torna possível desenvolver

“(...) a busca do conhecimento sustentado na observação direta dos acontecimentos sociais, os quais ocorrem a partir da relação de

comunicação entre o investigador e aqueles que são protagonistas do contexto cultural que se pretende conhecer” (2002, p.5).

Por meio de uma abordagem etnográfica, o autor registrou depoimentos de grupos de esportistas da cidade de Porto, Portugal, construindo, posteriormente, categorias de análise para melhor compreender suas particularidades e cultura. A pesquisa etnográfica, para Stigger (2002), exige um trabalho de interpretação das representações que os pesquisados fazem de si próprios.

A concepção de que a etnografia implica um processo e comunicação entre pesquisadores e pesquisados é reforçada por Howard Becker (1994). É preciso, no entanto, para o autor, levar-se em conta os aspectos não retratados pelas pessoas observadas, numa tentativa de minimizar a imprecisão dos dados colhidos no campo. Ao avaliar os aspectos ditos qualitativos da pesquisa antropológica, Gilberto Velho (2004) afirma que *“a observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal, com o universo investigado constituem sua marca registrada”* (2004, p.123). Para ele, esta metodologia possibilita a percepção de aspectos culturais não explicitados pelos pesquisados em entrevistas objetivas.

De todas as abordagens provenientes das Ciências Sociais, conforme Jean-Claude Combessie (2004), *“(...) a observação é a que implica a proximidade física mais duradoura e a gama mais diversificada de comportamentos, de interações e, portanto, de métodos”* (2004, p.26). O autor chama a atenção para as amplas possibilidades exploratórias deste modo de fazer pesquisa, que exige do pesquisador um profundo estado de alerta.

A técnica da observação participante é problematizada por Roberto DaMatta (1987), que afirma que

“esse contato direto do estudioso bem preparado teoricamente com o seu objeto de trabalho coloca muitos problemas e dilemas e é, a meu ver, destes dilemas que a disciplina tende a se nutrir, pois é a partir dos seus próprios paradoxos que a antropologia tem contribuído para todas as outras ciências do social” (1987, p.146).

Para ele, é preciso aproximar a experiência pessoal do pesquisador das teorias correntes, num processo dialético entre o conhecimento concreto e os campos teóricos ensinados nas universidades.

Miriam Goldenberg (2007) entende que pesquisas qualitativas, como no caso da etnografia, podem provocar dificuldades para o pesquisador. Segundo a autora,

“um dos principais problemas a ser enfrentado na pesquisa qualitativa diz respeito à possível contaminação dos seus resultados em função da personalidade do pesquisador e de seus valores. O pesquisador interfere nas respostas do grupo ou indivíduo que pesquisa. A melhor maneira de controlar esta interferência é tendo consciência de como sua presença afeta o grupo e até que ponto este fato pode ser minimizado ou, inclusive, analisado como dado de pesquisa (2007, p.55).

Ela entende que na investigação qualitativa não é possível formular-se regras, uma vez que o pesquisador deve prezar por sua autonomia intelectual e sensibilidade, numa perspectiva até certo ponto artesanal em relação ao fazer científico.

Observar e descrever dois grupos organizados de mulheres, na condição de torcedoras de futebol e promotoras de atividades sociais diversas, exige do pesquisador a atenção sobre todo o ambiente e expectativa que se forma em torno destes. José Magnani (2001) avalia que é preciso contemplar, num estudo etnográfico, os fatores “extra discursivos”, o que, no contexto desta pesquisa, implica observar as relações sociais construídas entre o Núcleo de Mulheres Gremistas e o Espaço da Mulher Colorada e destes grupos com outros atores ligados ou não ao Grêmio e ao Internacional.

O bom antropólogo (ou a boa Antropologia) deve desafiar o senso comum, a partir do questionamento dos seus próprios valores e crenças. É o que pensa Ruben Oliven (2007), que acredita que “*é observando os acontecimentos corriqueiros e cotidianos que a Antropologia pode construir novas interpretações, uma vez que o trabalho de campo tem um papel central no desenvolvimento da teoria antropológica*” (2007, p.14). Procurei cultivar,

nesta pesquisa, o “espírito antropológico” anunciado por Oliven (2007), uma vez que não é farta a bibliografia sobre a participação das mulheres no mundo do futebol. Assim, precisei ampliar o tempo destinado ao trabalho de campo, para que pudesse melhor visualizar a complexidade que diz respeito a este universo.

Se não cheguei a desafiar valores, precisei ao menos superar constrangimentos, pois não foi fácil conviver (apesar de ser muito bem tratado) com tantas mulheres sendo, na maioria das vezes, o único homem presente nas reuniões. Escondi-me, em alguns momentos, atrás da minha máquina fotográfica, me esforçando para não chamar a atenção de gremistas e coloradas. Esta tática não teve êxito, pois fui “convocado” para ser o fotógrafo oficial do Núcleo de Mulheres Gremistas, transformando-me, de certo modo, numa espécie de “narrador visual” da história deste grupo.

A seguir, um detalhamento sobre as técnicas de investigação que adotei nesta pesquisa.

3.2 O trabalho de campo

Para discutir os processos de inserção feminina no universo do futebol clubístico decidi acompanhar o trabalho de dois grupos de mulheres ligados a importantes clubes do país: o Grêmio e o Internacional. Assim, a etnografia que desenvolvi diz respeito ao cotidiano estabelecido pelo Núcleo de Mulheres Gremistas e o Espaço da Mulher Colorada.

Ouvi falar do NMG em abril de 2006, ao encontrar (por acaso) uma de suas integrantes, Isabel Weschenfelder, vizinha dos meus pais. A conversa informal com Betty, como é mais conhecida, foi de muita valia, pois logo percebi que o Núcleo se tratava de um grupo diferenciado em relação a outras experiências femininas no mundo da bola. No decorrer da pesquisa, Isabel

tornou-se minha informante. Jean-Claude Combessie (2004) os considera uma espécie de mediadores, pois

“(...) eles pertencem ou pertenceram ao grupo estudado, estão dispostos a facilitar os primeiros contatos, a dar as primeiras informações: às vezes, eles se interessam pela pesquisa, por seu desenvolvimento, por seus progressos, dão opiniões, conselhos, ajuda” (2004, p.33).

No mês de maio deste ano, foi publicada uma nota sobre o aniversário de dois anos do grupo (In: jornal Correio do Povo, 17/05/2006), fato que me chamou bastante a atenção. A partir deste momento, iniciei uma breve pesquisa bibliográfica sobre mulheres e futebol, para poder estruturar aquele que se tornou um pré-projeto de pesquisa, o qual foi aprovado na seleção para o curso de Doutorado.

Descobri no site oficial do Grêmio (www.gremio.net) o endereço eletrônico da então coordenadora do grupo, Ângela Tavares. Elaborei um pequeno questionário que lhe foi enviado pela internet. Após algumas trocas de mensagens, fui convidado por Ângela para acompanhar uma reunião do Núcleo. Estávamos em junho de 2006, em meio à Copa do Mundo realizada na Alemanha. Este ano pode ser considerado um momento de reestruturação do NMG (e também do Grêmio), processo que culminou com a eleição de três coordenadoras, em março de 2007, com o objetivo de dinamizar e de descentralizar as decisões do grupo. Segui observando o trabalho do Núcleo até novembro de 2009, embora neste último ano não tenha acompanhado nenhuma reunião do grupo (compareci apenas em algumas festividades, presenciando, ainda, duas ações solidárias realizadas em parceria com o EMC).

O meu primeiro contato com o Espaço da Mulher Colorada se deu em julho de 2008, através da internet. Encaminhei para a então diretora Marlene Mendes um resumo do meu projeto de pesquisa, a fim de que ela ficasse interada da minha investigação. Aceito como observador compareci à sede do grupo, que fica no terceiro andar do ginásio Gigantinho, localizado no complexo

do estádio Beira-Rio, para conversar com a diretora. Chegando lá, encontrei duas outras integrantes do grupo com quem conversei baseado num questionário parecido com o que foi entregue para as coordenadoras do Núcleo de Mulheres Gremistas, com as devidas adaptações.

As observações sobre o NMG e o EMC contemplaram diferentes momentos e atividades dos referidos grupos: reuniões (regulares e extraordinárias), festas e campanhas assistenciais, sendo todos fotografados. A seguir, apresentarei os diferentes modos utilizados para desenvolver a pesquisa. Pequenos comentários sobre as questões tratadas nas reuniões e demais eventos foram incluídos aqui, para que já se visualize os lugares e os momentos da etnografia realizada. A análise dos dados coletados em campo, no entanto, será desenvolvida no capítulo seguinte.

3.2.1 As reuniões

Em 2006 acompanhei duas reuniões do Núcleo de Mulheres Gremistas. A primeira delas ocorreu no complexo do estádio Olímpico Monumental, no auditório que fica próximo ao portão sete. O segundo encontro que observei teve um caráter especial, pois contou, além da presença de algumas integrantes do Núcleo, com a participação da assistente social do clube, Nice Fonseca, do coordenador geral da escolinha do Grêmio, José Alzir Flor da Silva e do supervisor de planejamento esportivo da escolinha tricolor, Marcelo Koslowsky. Na ocasião, em torno de 30 garotos que atuavam nas categorias de base do clube, com idades entre 11 e 15 anos, foram apresentados para as integrantes do NMG, que ali estavam para elaborar uma estratégia de ajuda para os jovens jogadores. No final da reunião, que ocorreu no salão Ovelhão, aconteceu uma confraternização.

Em 2007 o Núcleo de Mulheres Gremistas iniciou um processo de reestruturação, por conta do aumento do número de integrantes e da

necessidade de ampliar as suas ações. Acompanhei, neste ano, cinco reuniões do grupo, que ocorreram em diferentes locais, sendo todos situados no complexo do estádio tricolor. A eleição para a nova coordenadora do NMG, por exemplo, que aconteceu em março, se deu nas arquibancadas inferiores do Olímpico (setores S5, S7 e S9). Os encontros do mês de abril aconteceram em dois espaços: um deles nas escadarias do ginásio Davi Gusmão e o outro na sala destinada à Brigada Militar. O salão Ovelhão também foi utilizado em algumas oportunidades, mesmo sem estar organizado para receber o grupo. Este quadro revela a luta do Núcleo por um espaço no clube, tanto no sentido físico quanto político (nas últimas reuniões realizadas neste ano foi discutida a participação das mulheres no Conselho Deliberativo do Grêmio, entre outras questões). Para facilitar a comunicação entre as integrantes, foi criado, em 2007, a pedido destas, um endereço eletrônico (e-mail) (nucleodemulheresgremistas@yahoo.com.br), fato comemorado pelo grupo.

Em 2008, segui observando o Núcleo de Mulheres Gremistas. Participei de quatro reuniões, que ocorreram em locais distintos. Uma delas foi realizada no salão Ovelhão, que acabou se tornando uma espécie de sede do grupo, embora não oficializada. Um dos encontros teve um caráter especial. No dia 08 de março, por conta do “Dia Internacional da Mulher”, as torcedoras gremistas, sobretudo as que integram o NMG foram homenageadas pelo clube, evento que se deu no salão do Conselho Deliberativo. Nesta ocasião, foi discutida a possibilidade acenada pela direção do clube de que o Núcleo pudesse ser transformado num departamento da instituição. Esta questão tornou-se polêmica, uma vez que a apropriação do Núcleo pelo clube poderia vir a comprometer a autonomia do grupo. Em meio à reunião, uma representante do Instituto da Mama do Rio Grande do Sul (IMAMA) fez uma palestra sobre prevenção do câncer de mama.

Em linhas gerais, as pautas das reuniões que ocorreram em 2008 diziam respeito à participação do NMG na vida do Grêmio, além da questão da reorganização administrativa do grupo. Neste ano o Núcleo desenvolveu um site próprio (<http://www.mulheresgremistas.com.br>), que desde o início foi divulgado na página oficial do Grêmio na internet (<http://www.gremio.net>). Para

acessá-lo, basta clicar no “Menu”. Após, é preciso clicar em “Torcedor” e então clicar em “Mulheres Gremistas”.

3.2.2 As festividades

Em 2007, participei de três festividades. A primeira delas aconteceu no dia 08 de março, por conta do “Dia Internacional da Mulher”. Para comemorar a data, o Grêmio ofereceu um coquetel em homenagem às suas torcedoras, no salão Ovelhão. O presidente do clube esteve presente neste evento. No dia 15 de maio, em razão do terceiro aniversário do Núcleo, foi realizado um jantar no restaurante Forno e Fogão, em Porto Alegre. A funcionária Melissa Paiva da Motta foi homenageada, simbolizando a força feminina em crescimento no clube. Os conselheiros Roberto Leivas e Paulo Luz discursaram, assim como Rosa Foresti e Marta Praia, coordenadoras do NMG. Para minha surpresa, também fui agraciado pelo grupo, recebendo uma placa em agradecimento pela pesquisa.

Em julho estive presente no jantar comemorativo aos 45 anos do vereador de Porto Alegre conhecido como “Brasinha”, gremista confesso. O evento, que foi organizado pelo aniversariante, se deu no Centro de Eventos Casa do Gaúcho, que fica no Parque Maurício Sirotski Sobrinho, s/nº, na capital gaúcha. Essa festa foi bastante concorrida, contando com a presença de Isabela Fogaça, esposa do Prefeito Municipal, José Fogaça, além de políticos famosos na cidade como Sérgio Zambiasi. O presidente do Grêmio, o político Paulo Odone, também compareceu ao evento, assim como o comunicador Bibó Nunes. Representantes do Núcleo de Mulheres Gremistas entregaram para “Brasinha” um presente. A banda de rock “Desvio de Conduta”, de São Leopoldo (RS), apresentou-se.

O aniversário de quatro anos do NMG foi celebrado no dia 15 de maio de 2008, no restaurante “Grelha do Porto”, em Porto Alegre. Em meio à festa,

uma das coordenadoras (Rosa Foresti) informou que num universo de aproximadamente 50 mil sócios, 13 mil eram mulheres. Ela observou, ainda, que o Núcleo já contava com mais de mil cadastradas, sendo cerca de 80 contribuintes. Foi apresentado um vídeo sobre as conquistas do Grêmio ao longo da história. Esta festa contou com a presença do vereador “Brasinha”, além de representantes da escolinha do clube, da assistente social e da psicóloga do tricolor. A homenageada da vez foi a funcionária Ana Cristina Vinhas.

Em 2009 não observei nenhuma reunião do Núcleo de Mulheres Gremistas, mas estive presente na festa de aniversário dos cinco anos do grupo, que se deu no Clube Caixeiros Viajantes, em Porto Alegre, no dia 15 de maio. Rosa Foresti foi homenageada pelas integrantes. A trajetória do NMG foi retratada num vídeo que foi apresentando para os presentes, com depoimentos diversos sobre o Núcleo e sobre o Grêmio. Após o jantar, muitas pessoas dançaram (inclusive este pesquisador). O evento contou com a participação de ex-jogadores tricolores e de dirigentes, além de uma representante do Espaço da Mulher Colorada.

3.2.3 As parcerias

A vontade de ajudar as pessoas carentes fez com que o Núcleo de Mulheres Gremistas e o Espaço da Mulher Colorada se aproximassem, utilizando a rivalidade clubística como motivação para incentivar gremistas e colorados a colaborarem em campanhas assistenciais. No dia 7 de março de 2009 acompanhei, por conta das comemorações do “Dia Internacional da Mulher”, um Gre-nal diferente, em prol da paz nos estádios. Representantes de ambos os grupos reuniram-se em frente à Prefeitura Municipal de Porto Alegre, no centro da cidade, para abraçarem este prédio, num gesto simbólico de respeito e tolerância ao “outro”.

O prefeito da cidade, José Fogaça e sua esposa Isabela, ambos gremistas, participaram deste evento, além de outros políticos e ex-jogadores da dupla Gre-nal. Ele fez um pronunciamento breve, saudando a crescente presença feminina no mundo do futebol. Rosa Foresti e Marlene Mendes, representantes do NMG e do EMC, respectivamente, discursaram para os presentes, chamando a atenção para a importância da união entre as mulheres, no que diz respeito às diferentes áreas de trabalho e de conhecimento.

Em outubro de 2009, no dia 03, observei o chamado “Segundo Gre-nal Solidário”, um evento em prol de crianças carentes. Mais uma vez, integrantes do Núcleo de Mulheres Gremistas e do Espaço da Mulher Colorada se deram as mãos, desta feita em prol de crianças carentes. Elas organizaram faixas com emblemas dos grupos e dos clubes e as posicionaram no Parque Moinhos de Vento, mais conhecido como Parcão, em Porto Alegre. A arrecadação de brinquedos e fraldas foi considerada positiva por elas.

Em meados de dezembro, um novo encontro entre gremistas e coloradas, em mais uma edição do Gre-nal Solidário, que igualmente ocorreu no Parcão. Não pude estar presente neste evento, mas consegui reportagens sobre esta ação social.

3.2.4 As entrevistas

Entrevistei, através da internet, dez integrantes do Núcleo de Mulheres Gremistas, sendo duas coordenadoras, Marta Praia e Rosa Foresti. Utilizei o endereço eletrônico do grupo, administrado, sobretudo, por Sandra Guedes, que também é coordenadora, para enviar um questionário com 15 perguntas, além de um espaço para observações do entrevistado. Para esclarecer algumas dúvidas, encaminhei para Rosa Foresti um segundo questionário composto igualmente por 15 perguntas, com maior ênfase nas questões

políticas e organizacionais do Núcleo, uma vez que ela se configurou como a principal organizadora do grupo.

Entrevistei, ainda, duas outras integrantes do NMG, desta feita comparecendo em seus locais de trabalho. Entreguei para elas um questionário em branco, diferente daquele que foi apresentado para as coordenadoras e juntos conversamos sobre as questões propostas. Anotei as suas respostas em meu caderno de observações (diário de campo) e as fotografei em meio a este processo. No total, realizei doze entrevistas. As informações que obtive foram vitais para que eu pudesse adentrar no universo do Núcleo, uma vez que procurei explorar as relações afetivas das entrevistadas com o Grêmio e com o mundo do futebol.

Como vimos, conversei pela primeira vez com representantes do Espaço da Mulher Colorada em meados de julho de 2008. Entrevistei, nesta ocasião, a então diretora Marlene Mendes, que foi indicada pela Fundação de Educação e Cultura do Internacional (FECI). Anotei suas respostas em meu diário de campo, fotografando o ambiente. Conversei, nesta oportunidade, com outras duas integrantes do EMC presentes no encontro. Durante a pesquisa, mantive o contato com a referida diretora, recebendo, por vezes, pela internet, informações a respeito das atividades do grupo colorado.

No início de 2007, entrevistei a organista e torcedora do Grêmio Anne Schneider, considerada uma das melhores instrumentistas do país e que não pertence ao Núcleo de Mulheres Gremistas. Estive em sua residência, na capital gaúcha e falamos, com base num questionário, a respeito de sua relação afetiva com o Grêmio. Outro aspecto abordado nesta ocasião foi a participação de mulheres nos estádios de futebol. A artista observou que no final da década de 50 era comum a presença feminina no estádio Olímpico. Ela informou-me que as torcedoras não usavam a camiseta do clube, mas vestiam as cores azuis características do Grêmio. Anne afirmou que nunca sofreu preconceito pelo fato de ser uma mulher num espaço predominantemente masculino.

O contato com Anne foi motivado pelo fato de que ela pode ser considerada, de certo modo, uma “embaixatriz” tricolor. Ela já interpretou, inclusive, em meio às suas apresentações musicais na Europa, o hino do Grêmio, como veremos adiante.

Mais importante do que as entrevistas, foram os depoimentos das integrantes dos dois grupos. Pedro Demo (2005) alerta para o fato de que é preciso estar atento a esta situação. Na sua visão,

“a pesquisa qualitativa corre o risco de enredar-se em contextos subjetivistas ou mesmo ainda mais manipulativos, ao aproximar-se da tentação de dizer e fazer dizer qualquer coisa. Tomemos a questão do depoimento, facilmente transformado em argumento. Não se trata de negar que senso comum possa ser usado em ciência, porque obviamente isso sempre ocorre. As fronteiras nunca são claras” (2005, p.118).

O bom aproveitamento de depoimentos numa pesquisa ocorre para Demo (2005) quando estes dizem respeito à problemática em pauta. A “soltura das idéias” idealizada pelo autor se dá a partir de uma relação de confiança entre pesquisadores e pesquisados. O que o investigador fará com a minha fala? Esta é uma questão central que deve ser acordada entre as partes. Apesar de reconhecer a validade do uso de depoimentos como um modo de fazer pesquisa, Demo (2005) afirma que os discursos dos entrevistados não podem tomar o lugar da bibliografia especializada; caso contrário, o estudo correrá o risco de perder o seu caráter científico.

Os depoimentos que me foram concedidos por gremistas e coloradas ocorreram em meio aos eventos que acompanhei durante o meu trabalho de campo. As conversas informais que mantive com integrantes dos NMG e do EMC foram muito ricas, abordando diferentes questões, em especial sobre o andamento dos grupos em termos de gestão.

Durante a convivência com integrantes do Núcleo de Mulheres Gremistas e do Espaço da Mulher Colorada procurei conhecer suas trajetórias de vida, sobretudo no que diz respeito à identificação clubística, isto é, busquei

saber sobre como elas se tornaram torcedoras do Grêmio e do Internacional. Rosa Foresti, coordenadora do NMG, por exemplo, enfatizou a influência de sua família quanto à sua escolha clubística, numa entrevista realizada em abril de 2007, pela internet.

Outra coordenadora do Núcleo, Marta Praia, também falou sobre a importância da família na opção pelo Grêmio. Do mesmo modo, Maria Elena Tavares, integrante do Núcleo de Mulheres Gremistas, comentou sobre o fato de que sua mãe gostava do tricolor gaúcho, colecionando, inclusive, fotografias do jogador Alcindo, o maior goleador gremista da história. Isabel Weschenfelder, igualmente integrante do NMG, salientou a influência dos irmãos tricolores. As respostas formuladas por estas torcedoras serão publicadas (e avaliadas) no capítulo seguinte.

3.2.5 As fotografias

O uso de imagens nas pesquisas em Ciências Sociais, embora cada vez mais freqüente, segue complexo. Segundo José de Souza Martins (2008),

“das formas de expressão visual da realidade social, a fotografia é aquela que ainda procura o seu lugar na sociabilidade contemporânea (...) do mesmo modo, a fotografia ainda procura o seu lugar na Sociologia” (2008, p.33).

Para o autor, o pesquisador interessado em se valer de imagens enquanto dados deve considerar o fato de que a sociedade contemporânea é intensamente visual e de que ele próprio está mergulhado neste contexto. Para realizar uma boa interpretação das fotografias realizadas num trabalho de campo o investigador precisa compreender que uma foto é mais do que o simples congelamento de um momento, de um fato histórico. Cada fotografia é,

de certo modo, uma escolha, a priorização de um ângulo ou aspecto que virá a representar o contexto ou o grupo estudado. Neste sentido, conforme Martins (2008), *“a fotografia diz menos do que o acontecido”* (2008, p.43). Com base em experiências pedagógicas com seus alunos de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, entre 2000 e 2002, ele afirmou ser necessário discutir-se o papel do fotógrafo na produção das imagens, na eleição dos ambientes (cenários) e das situações a serem retratadas. Martins (2008) acredita que a fotografia deve ser tratada como um “documento do imaginário social”. Só então poderá ser utilizada em pesquisas sociológicas e antropológicas.

Ao avaliar a importância das imagens na pesquisa antropológica, Luciana Bittencourt (1998) observa que é possível fazer da fotografia teoria. De acordo com a autora,

“(...) as fotografias servem como símbolos intermediários da investigação etnográfica, requerendo interpretações explícitas e interativas do processo de criação da imagem e do contexto no qual o significado da imagem se encontra” (1998, p.208).

Penso ser de muita valia que o pesquisador-fotógrafo mostre para os grupos observados, em algum momento da investigação, as imagens criadas, com o intuito de reforçar o caráter interativo da própria pesquisa. Em meio a algumas reuniões do Núcleo de Mulheres Gremistas deixei circular as fotografias que fizera de eventos anteriores. Fiquei impressionado com as diferentes percepções sobre o material apresentado: enquanto algumas integrantes queriam apenas conferir se saíram bonitas nas fotos, outras procuraram ver se as companheiras prestavam a atenção quando da fala das coordenadoras, por exemplo. Encaminhei para a diretora Marlene Mendes algumas fotos que fiz quando das minhas observações no Espaço da Mulher Colorada. E enviei para ela também fotografias dos eventos realizados em parceria com o NMG.

Quanto à interpretação das fotografias, Bittencourt (1998) entende ser necessário considerar-se o processo de negociação entre o fotógrafo e os protagonistas (sujeitos) da imagem. É importante deixar claro, deste modo, como se deu a criação das fotos na pesquisa. Os indivíduos (ou os grupos) foram retratados de forma espontânea ou posaram para o investigador? Estas são informações imprescindíveis para que o leitor possa compreender o processo de feitura da pesquisa. Em se tratando deste estudo, as negociações estabelecidas por mim com o NMG e com o EMC foram bastante tranquilas, pois consegui, de imediato, autorização para registrar as integrantes em ação, ou seja, participando dos eventos propostos pelos grupos.

Ao longo da pesquisa, tornei-me, de certo modo, o fotógrafo oficial do Núcleo, cedendo, inclusive, parte das imagens realizadas para as coordenadoras. Algumas fotos foram feitas a pedido das integrantes, que posaram de forma espontânea para mim. O mesmo não aconteceu em relação ao Espaço da Mulher Colorada, pois o meu contato com este grupo foi menor. As imagens que tenho das mulheres coloradas foram realizadas, na sua maioria, quando da participação destas em eventos sociais estabelecidos em conjunto com o Núcleo de Mulheres Gremistas, como o abraço simbólico dado na Prefeitura Municipal de Porto Alegre e o “Segundo Gre-nal Solidário” realizado no Parcão.

É importante salientar que recebi de integrantes do NMG fotografias de alguns eventos que não pude acompanhar, como um café realizado na Assembléia Legislativa do Estado, no salão Júlio de Castilhos, por conta do lançamento de uma campanha de prevenção ao câncer de mama, proposta pelo Instituto da Mama do Rio Grande do Sul (IMAMA). Este encontro contou com a participação de deputados, da primeira dama municipal gaúcha, Isabela Fogaça e de representantes do Núcleo de Mulheres Gremistas, entre outros grupos.

A análise das fotografias numa pesquisa (ou mesmo fora dela) requer a compreensão de que, segundo Alexandra Garcia (2005),

“as imagens podem, assim, estar presentes no texto para criar ilusões e/ou alusões, acordos e/ou desacordos, dúvidas e nunca certezas. Estão convidando a incorporar sua polissemia (...) com isso, propõe-se para elas não o status de ponto final, ilustradora da verdade sobre o real, mas o papel de reticências, do que mais pode ser dito e pensado, em síntese, inclui-se a possibilidade de figurarem como provocação” (2005, p.48).

A interpretação das fotografias, deste modo, parece ser sempre imprecisa, na medida em que, de acordo com Garcia (2005), cada indivíduo tem o seu próprio olhar sobre as imagens, desconstituindo, assim, a visão de que é preciso descobrir a “verdade” contida numa fotografia. Para a autora, o inverso ocorre em respeito aos estrategistas de marketing, que vêm nas imagens uma fonte de construção de “verdades”. Garcia (2005) sustenta, ainda, que é importante, no âmbito de uma pesquisa científica, contextualizar as imagens, indicar como foram construídas ou selecionadas.

O fotógrafo é visto por Boris Kossoy (2001) como um filtro cultural. Para ele,

“o registro visual documenta (...) a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal” (2001, p. 42-43).

A opção por uma foto em detrimento de outra, bem como o tratamento estético (e também técnico) dado a ela é um fato a ser discutido numa investigação acadêmica, debate que será feito no capítulo seguinte.

3.2.6 A Internet

Durante toda a pesquisa acompanhei o trabalho do Núcleo de Mulheres Gremistas e do Espaço da Mulher Colorada pela internet, ora entrando no site do NMG ora entrando nas páginas oficiais do Grêmio e do Internacional, divulgadores, eventualmente, das ações de gremistas e coloradas. Através do meu endereço eletrônico (e-mail) estabeleci um amplo contato com as coordenadoras do NMG e com a diretora do EMC, além de algumas integrantes do Núcleo. Deste modo, fui informado sobre diferentes ações sociais promovidas (ou apoiadas) pelas mulheres tricolores, como a corrente formada em 2008 em favor da torcedora gremista Siane T. Rodrigues dos Santos, de Gravataí (RS), que sofria de aplasia medular. Através do e-mail, as mulheres do NMG estimularam umas as outras a doarem sangue para Siane.

Ao longo da investigação, fui “convocado” por integrantes do Núcleo para torcer pelo Grêmio quando da presença do clube em decisões de campeonatos. Recebi delas, ainda, por e-mail, inúmeras piadas sobre o rival Internacional, além de queixas acerca do tratamento recebido pela direção do tricolor gaúcho.

Boa parte das reportagens que obtive sobre a prática do futebol feminino no Brasil se deu por meio da internet. E através deste espaço consegui dados sobre os Conselhos Deliberativos do Grêmio e do Internacional. Também pela internet enviei fotografias feitas no meu trabalho de campo para o NMG e para o EMC. Em troca, recebi informações sobre estes grupos, que foram prestadas pelas coordenadoras do Núcleo e pela diretora do Espaço da Mulher Colorada.

O contato eletrônico que desenvolvi com os grupos observados foi muito importante para a evolução da pesquisa, pois através deste universo virtual pude acompanhar as rotinas do NMG e do EMC em outras situações além das reuniões e festividades.

CAPÍTULO IV

DO ANONIMATO AO CONSELHO DELIBERATIVO: HISTÓRIAS DE LUTAS TRICOLORS E COLORADAS



4. DO ANONIMATO AO CONSELHO DELIBERATIVO: HISTÓRIAS DE LUTAS TRICOLORS E COLORADAS

4.1 O “lugar” das mulheres nos clubes de futebol: os casos do Grêmio e do Internacional.

Para entendermos os motivos que levaram ao surgimento do Núcleo de Mulheres Gremistas é necessário discutirmos a participação feminina no Grêmio ao longo da história. Uma rápida olhada para a produção cultural sobre o clube gaúcho publicada na última década indica que as mulheres ocuparam, por muito tempo, um lugar voltado apenas para a estética e para a beleza. É o caso de Maria Bruguer, por exemplo, eleita “Rainha tricolor” em 1953, ano em que o Grêmio comemorou o seu cinquentenário (In: FERLA, 2002). Marta Rocha, eleita Miss Brasil em 1954, também foi citada numa obra dedicada ao Grêmio, por ter visitado o estádio Olímpico, neste período, numa jornada que reuniu uma multidão em torno da casa tricolor. (In: COLLE, 2005).

Em termos bibliográficos, encontrei, durante a pesquisa, dezenove livros específicos sobre o Grêmio, além de outro sobre um ex-jogador do clube, o goleiro Darnlei. Soma-se a esta produção inúmeras revistas esportivas dedicadas ao tricolor gaúcho (edições especiais sobre os maiores clubes do Brasil). A menção ao mundo feminino é bastante modesta, inexistindo na maior parte das obras consultadas.

O escritor Natal Dornelles (2007), fenômeno de vendas nas últimas edições da Feira do Livro de Porto Alegre, que é o maior evento cultural do município, refere-se às torcedoras gremistas afirmando que estas “(...) são botões de rosas, são margaridas, são violetas, são azaléias, são flores do campo” (2007, p.46). Ele organizou uma obra que contém diferentes depoimentos de torcedores gremistas, incluindo-se aí mulheres. Anne Schneider (2009), considerada uma das melhores organistas latino-americanas

da atualidade, registrou neste livro seu amor pelo clube. Ela afirma que *“lá em casa quem ‘converteu’ (se assim posso dizer) meu pai ao Grêmio fui eu!”* (In: DORNELLES, 2009, p.21). A instrumentista comentou que, certa vez, em meio a um concerto de órgão de tubos realizado em Leipzig, na Alemanha, em 1998, ela interpretou o hino do Grêmio, provocando um estranhamento no público, que acabou aprovando a canção.

A cantora Elis Regina, de acordo com Eduardo Bueno (2005), foi homenageada pelo Grêmio com uma placa de prata, sendo que, *“meses depois, ao cruzar com a delegação tricolor em um hotel, em Goiânia, ela abriu o peito, soltou a voz e cantou o hino composto por Lupi, comovendo o saguão inteiro”* (2005, p.165). O músico Humberto Gessinger (2008), que, como vimos, participou de uma coletânea sobre clubes de futebol, retratou a paixão de sua filha pelo Grêmio, numa abordagem bastante afetiva.

Nos CDs que encontrei que registram parte da história gremista, não existe nenhuma referência às mulheres, pois eles se dedicam, basicamente, a reproduzir gols que valeram títulos para o clube. Os filmes (DVDs) sobre o tricolor gaúcho, por serem mais recentes, reconhecem, mesmo que timidamente, o valor feminino na trajetória desta instituição. Numa das obras citadas anteriormente (*“Inacreditável: a batalha dos Aflitos – 2006*), a atriz Fernanda Lima, que também é apresentadora de um programa televisivo, observa sentir-se *“muito orgulhosa de ser gremista”*. Ela menciona, ainda, o amor de seu irmão pelo Grêmio e de demais membros da família. Fernanda é a única mulher a depor neste documentário e o fez na companhia de nomes ilustres da sociedade gaúcha, como os cineastas Jorge Furtado e Carlos Gerbase e o prefeito de Porto Alegre, José Fogaça.

Num outro material sobre o clube gaúcho, que igualmente já foi mencionado (*“Grêmio: coração e raça” – 1997*), aparecem torcedoras do Grêmio preparando-se para assistir uma partida de futebol. Em meio às sessões de maquiagem, passando na boca um batom azul cintilante, elas cantam e treinam algumas coreografias que serão exibidas no estádio.

As mulheres se fazem presentes nas brincadeiras que envolvem a rivalidade entre o Grêmio e o Internacional. Alcir Pereira (2007), por exemplo, autor gaúcho que recebeu o prêmio “Pandorga – TVE” devido ao sucesso de vendas na 48ª e na 50ª Feira do Livro de Porto Alegre, no gênero infantil, publicou a seguinte piada:

*“O Colorado chega em casa e encontra um Gremista embaixo da cama. Furioso pergunta à mulher:
- O que faz este Gremista debaixo da cama?
Com os olhos radiantes, ela responde:
- Embaixo não sei, mas em cima faz maravilhas!”(2007, p.21).*

Percebe-se nesta e em outras piadas contadas por Pereira (2007) uma conotação sexual, sendo a mulher apenas um objeto à mercê do desejo dos homens-torcedores, que a usam como uma espécie de troféu a ser exibido para o adversário. Vale lembrar que o autor publicou sua obra em duas versões: numa os tricolores gozam os colorados; na outra, os colorados riem dos gremistas. O texto é o mesmo, mudando apenas o “lugar” de cada torcedor no enredo.

A participação feminina no tricolor, no entanto, está aumentando. O clube voltou a oferecer vagas para meninas que queiram praticar futebol, através de uma escolinha conveniada à instituição, que conta, de acordo com informações exibidas na internet, “(...) com uma equipe 100% feminina para ensinar as meninas Tricolores” (www.gremio.net, em 28/07/2009). Outra importante parceria firmada foi com a escola Renato Cogo, propriedade de um ex-jogador de futebol que se destacou nos anos 70 e 80 no Rio Grande do Sul. Atuando há vinte e cinco anos em Porto Alegre, este centro de treinamento esportivo está possibilitando a inclusão feminina no futebol, estando presente também em São Leopoldo, por meio de uma unidade situada na Universidade de Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) (www.renatocogo.com.br, em 02/12/2009).

Estes são importantes passos para a retomada do futebol feminino, que estava “congelado” há muito tempo no tricolor. De acordo com Gabriel Colle

(2005), “o futebol feminino do Grêmio F. B. P. A. constitui um departamento inserido dentro do Departamento de Esportes Amadores, órgão este coordenado pela Secretaria Geral do clube” (2005, p.145). Durante o meu trabalho de campo sobre o Núcleo, conversei com algumas integrantes deste grupo que confessaram o desejo de jogarem futebol, o que não estava ocorrendo devido à falta de estrutura do clube e também porque elas não queriam atuar no rival Internacional, que já proporcionava este espaço para as mulheres. Este problema parece que já está sendo resolvido.

O Grêmio chamou a atenção, através do seu site, para o fato de que é crescente o número de repórteres esportivas que fazem a cobertura do time, incluindo os treinamentos realizados no estádio Olímpico Monumental. O texto publicado afirma que

“com graça e feminilidade essas profissionais mostram competência no cenário da bola (...) mostrando o mundo do futebol com um olhar, uma leitura diferente, mas sempre com informação precisa” (www.gremio.net, em 08/03/2007).

A internet, aliás, parece ser um dos maiores canais de comunicação entre o Grêmio e as mulheres. Em 2007, por exemplo, por conta do “Dia Internacional da Mulher”, o clube homenageou as suas torcedoras através de seu site. O texto publicado refere-se à mulher “(...) que com seu sorriso encara a vida de cabeça erguida, trabalhando e cuidando de sua família sem deixar de ser feminina, delicada, sonhadora e forte” (www.gremio.net, em 08/03/2007). Neste ano, o tricolor ofereceu para as gremistas um jantar que foi realizado no salão Ovelhão, que fica no complexo do estádio Olímpico Monumental. O presidente do Grêmio na ocasião esteve presente, acompanhado de sua esposa, entre outros dirigentes.

Também neste ano o clube autorizou a confecção de uma camisa especial voltada para o público feminino, a qual foi vendida somente na loja oficial do Grêmio. O logotipo adotado era o de um coração próximo do qual estava escrito “Mulher Gremista”. O anúncio publicitário dizia “No Dia da

Mulher, juntamos duas coisas que elas adoram: uma grande paixão e descontos” (In: jornal Correio do Povo, 08/03/2007, p.16). A visão estereotipada de que a mulher é uma consumidora voraz está presente aqui.

PRANCHA 1: PUBLICIDADE GRÊMIO I



Dia Internacional da Mulher 2007

Em 2008, o Grêmio homenageou as mães tricolores, através da seguinte mensagem: *“Amor de mãe é como seu amor pelo Grêmio: grande, único, Imortal”* (In: jornal Zero Hora, 11/05/2008, p.56). Este texto se parece com o que foi publicado pelo Núcleo de Mulheres Gremistas em 2006, o qual será transcrito na sua íntegra quando da apresentação do referido grupo, comparando o amor das torcedoras gremistas pelo clube ao amor (idealizado) de toda mãe por seu filho: incondicional.

PRANCHA 2: PUBLICIDADE GRÊMIO II



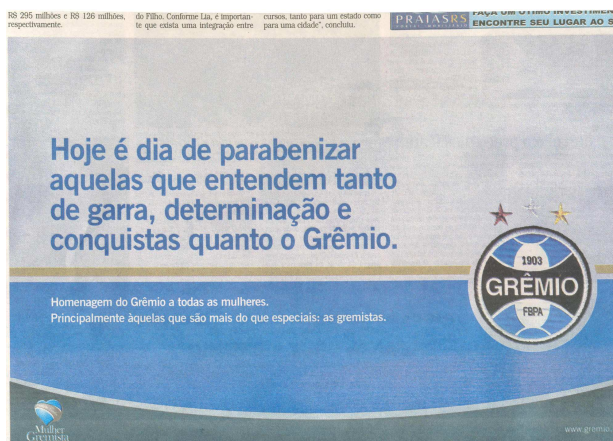
Dia das Mães 2008

Antes, o tricolor já havia homenageado as mulheres em seu dia: *“Mulher gremista, hoje é seu dia. Faça dele um dia especial, um dia tricolor. Um dia Mundial”* (www.gremio.net, em 08/03/2008). Observe-se o cuidado na construção do texto para evitar dizer “Dia Internacional da Mulher”, o que poderia ser interpretado como uma referência ao rival colorado. Para celebrar esta data, o clube proporcionou uma palestra voltada para as suas funcionárias. O tema era sobre contracepção e planejamento familiar. O evento se deu no Salão Nobre do Conselho Deliberativo e contou com a participação do médico Túlio Fagundes, especialista em medicina do trabalho, reunindo dezenas de espectadoras, inclusive integrantes do Núcleo de Mulheres Gremistas (www.gremio.net, em 07/03/2008). Neste mês foi publicada uma matéria intitulada “Donas das arquibancadas”, sobre as relações estabelecidas entre as mulheres e o mundo do futebol. Para os autores Carlos Guilherme Ferreira e Priscila Montandon (2008),

“no Gre-Nal das vendas, há empate técnico: as consumidoras representam entre 30% e 40% do faturamento nas lojas oficiais dos dois estádios. O movimento maior acontece às vésperas dos jogos – indicativo de que as compradoras saem da loja direto para a arquibancada” (In: jornal Zero Hora, 11/03/2008, p.40).

Na mesma reportagem, a gremista Clara Freund afirma que *“de quando comecei a vir até hoje, o número de mulheres no estádio está visivelmente aumentando”* (In: jornal Zero Hora, 11/03/2008, p.41). A torcedora observa que gosta mais de futebol do que o seu namorado, “arrastando-o”, algumas vezes, para o Olímpico. Em 2009, sob nova direção, o clube mudou o seu discurso em relação ao universo feminino, atribuindo às suas torcedoras, no “Dia Internacional da Mulher”, a garra, um valor cultuado no mundo do futebol. Vejamos este anúncio (In: jornal Correio do Povo, 08/03/2009, p.17):

PRANCHA 3: PUBLICIDADE GRÊMIO III



Dia Internacional da Mulher 2009

A presença das mulheres em eventos ligados ao Grêmio também é crescente. Conforme uma matéria publicada no site oficial do clube, Rafaela Fernandes, a garota escolhida musa do Grêmio numa eleição realizada pela rede Globo na internet, participou do lançamento de um energético com a marca do tricolor, que autorizou o licenciamento do produto (www.gremio.net, em 28/08/2009). Vale mencionar, ainda, que a programação em homenagem ao aniversário do Grêmio em 2009 incluiu o “Encontro das Mulheres Gremistas”, evento realizado no dia 18 de setembro, no salão Ovelhão (In: jornal Correio do Povo, 31/08/2009, p.22).

Recentemente, as gremistas conquistaram um importante espaço para discutirem futebol. Os debates entre as torcedoras convidadas se dão através do “Tricontando no ar”, um programa de bate-papo exibido quinzenalmente na grade de programação da Grêmio TV (www.gremio.net, em 23/08/2009). Uma das últimas edições que acompanhei contou com a presença da ex-coordenadora do Núcleo de Mulheres Gremistas, Marta Praia, que projetou, em companhia de duas outras convidadas, os jogos do Grêmio no campeonato brasileiro em curso. É possível conferir o programa na íntegra por meio do site oficial do clube (www.gremio.net).

A participação de Luciana Kroeff, esposa do atual presidente do Grêmio, Duda Kroeff, no “4º Pedágio do Brinquedo”, uma campanha assistencial em prol de crianças carentes, foi saudada pelo clube. Luciana atuou em companhia de outra “Primeira Dama”, Isabela Fogaça, esposa do prefeito de Porto Alegre. Gremistas confessas, ambas as mulheres lideraram este evento que foi realizado no Parque Moinhos de Vento (o “Parcão”), na capital gaúcha. No site do Grêmio, consta que *“(…) durante a semana, todos os brinquedos arrecadados serão entregues no gabinete da primeira dama. Mais uma vez o Tricolor fazendo o seu papel social”* (www.gremio.net, em 01/12/2009). O “lugar” da mulher no tricolor ainda está bastante ligado ao assistencialismo.

A presença feminina no Internacional não é muito diferente da que ocorre no Grêmio e na maioria dos clubes brasileiros. Algumas torcedoras se destacaram nas décadas de 60 e 70, como Terezinha Morango, por exemplo, considerada, de certo modo, uma representante do clube, sendo a única mulher, nesta época, a freqüentar o vestiário vermelho após as partidas. No final de sua vida, doente, ela brigou com a direção colorada e migrou para o Grêmio, que a acolheu razoavelmente.

A produção cultural sobre o alvirrubro gaúcho (filmes, livros, CDs) igualmente pouco destaca a mulher colorada, embora o clube dedique um espaço para elas na internet, em seu site oficial, a exemplo do que faz o rival Grêmio. Existe uma seção chamada “Garota Colorada”, que apresenta fotografias de torcedoras do clube, acompanhadas de um perfil. Na TV Inter, existe a possibilidade de assistir o “making of” destas sessões (www.internacional.com.br, em 20/03/2009). O colorado também oferece a modalidade de futebol feminino, que já revelou jogadoras importantes como Bel, atacante tornada famosa na década de 80, a partir de uma reportagem feita pela revista Placar (sem data), na qual aparece ao lado do então ídolo gremista Renato Portaluppi, mais conhecido como Renato Gaúcho.

Recentemente, foi criada a primeira torcida organizada composta exclusivamente por mulheres do Internacional: a “Força Feminina Colorada” (F.F.C), que mantém um site próprio (divulgado na página do clube na internet)

e um endereço eletrônico (e-mail). Conforme informação divulgada no site colorado, esta torcida

“(...) visa, principalmente, criar e proporcionar às suas associadas a oportunidade de freqüentar estádios de futebol em grupo, levando mais mulheres aos eventos futebolísticos que tenham a participação do Sport Club Internacional (www.internacional.com.br, em 13/12/2009).

A formação da “Força Feminina Colorada” foi retratada por um jornal eletrônico que publicou uma matéria na qual mostra o quadro de diretores do referido grupo (www.jornalsutia.com.br, em 13/12/2009). As integrantes desta torcida demonstram uma preocupação estética. Na página do grupo na internet elas comentam que

“muitos também foram os esboços do emblema. Tentou-se reunir através do escudo do Centenário do Colorado, uma insígnia que identificasse a mulher no estádio, além da criação da torcida feminina no ano do centenário. Pois bem, foi com a colocação de uma faixa dourada que conseguiu simbolizar o centenário, além das flores e ramos que deu um toque feminino àquele emblema. Então foi criado o símbolo da FFC” (www.ffcolorada.com.br, em 13/12/2009).

A constituição deste grupo pode ser considerada um feito histórico, um ato simbólico de ocupação ou construção de um “lugar” para a mulher no mundo do futebol.

Segundo Thiago Medaglia (2009), o Internacional já está entre os dez clubes com o maior número de associados no mundo, ultrapassando a contagem de cem mil contribuintes. Atualmente, o colorado tem se esforçado para aumentar o número de mulheres em seu quadro social. Para atrair a atenção de suas torcedoras, o clube publicou um anúncio afirmando possuir o estádio com as melhores condições de receber as mulheres, proporcionando a elas “*banheiros novos, limpos e familiares*” (In: jornal Correio do Povo, 24/06/2009, p.16). Saliento a relação estabelecida entre o estádio e a casa (o lar), o suposto “lugar” da mulher.

PRANCHA 4: PUBLICIDADE INTERNACIONAL I



Campanha Sócia Colorada 2009

PRANCHA 5: PUBLICIDADE INTERNACIONAL II

BEIRA-RIO, O ESTÁDIO COM A MELHOR ESTRUTURA DO BRASIL PARA RECEBER O PÚBLICO FEMININO.

- INFRAESTRUTURA COMPLETA
- BANHEIROS NOVOS, LIMPOS E FAMILIARES
- SEGURANÇA TOTAL
- CÂMERAS DE VÍDEO POR TODO O ESTÁDIO
- DELEGACIA COM JUIZADO ESPECIAL
- AMBIENTE FAMILIAR
- TORCIDA ORDEIRA

COLORADA, SEJA SÓCIA:
Fone: (51) 3230.4600
www.internacional.com.br

INTER, RUMO AOS 100 MIL SÓCIOS



Complementação da imagem escaneada anteriormente

Outros anúncios interessantes dizem respeito ao “Dia internacional da Mulher”. No primeiro deles, o clube afirma que *“Futebol é coisa de mulher, sim”* (In: jornal Correio do Povo, 08/03/2007, p.20). No segundo, o colorado chama a

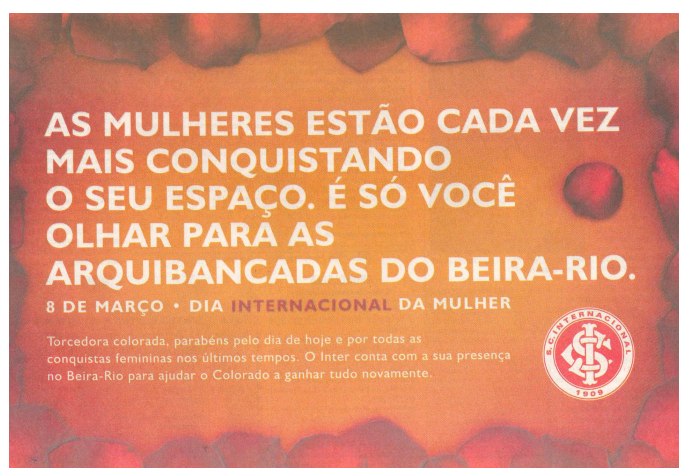
atenção para o crescimento do número de torcedoras em seu estádio, bastando “(...) *olhar para as arquibancadas do Beira-Rio*” para comprovar o fato (In: jornal Correio do Povo, 08/03/2009, p.20). Vejamos as imagens:

PRANCHA 6: PUBLICIDADE INTERNACIONAL III



Dia Internacional da Mulher 2007

PRANCHA 7: PUBLICIDADE INTERNACIONAL IV



Dia Internacional da Mulher 2009

A criação do Espaço da Mulher Colorada se deu, do mesmo modo que aconteceu no Grêmio, para suprir a pouca participação feminina na vida do clube. Apesar de contar com uma melhor estrutura física e o reconhecimento oficial da diretoria, este grupo também enfrentou dificuldades para afirmar-se. A parceria eventualmente estabelecida com o lado azul fez parte de uma estratégia em busca de reconhecimento e de legitimidade. Antes de apresentar formalmente os grupos de mulheres que observei nesta pesquisa, é preciso pensar sobre o que é efetivamente um clube de futebol. Arlei Damo (2007) acredita que

“um clube deve ser compreendido como tendo duas faces distintas, imbricadas uma na outra: a) uma dimensão político-administrativa, institucionalmente constituída, a quem compete, entre outras atribuições, a organização do time que representa o clube; b) uma dimensão simbólica, constituída historicamente, quer seja como entidade única (...), quer como parte do sistema clubístico (não existe coloradismo sem gremismo, flamenguismo e assim por diante; ou seria algo muito diverso do que é)”. (2007, p.57).

Esta pesquisa analisa justamente a dimensão político-administrativa e institucional do clube de futebol, e os tensos processos de construção de um “lugar” para as mulheres em seus quadros. As questões de ordem simbólica também se fazem presentes na análise dos dados e estão expressas nas fotografias realizadas no trabalho de campo, como veremos posteriormente.

4.1.1 O Núcleo de Mulheres Gremistas

PRANCHA 8: SÍMBOLO DO NMG



O NMG iniciou as suas atividades em 2004. Dois anos após, Ângela Beatriz Tavares, primeira coordenadora do grupo, publicou uma mensagem no site oficial do Grêmio, falando sobre os objetivos do Núcleo. O texto escrito por ela tem um forte apelo emocional, uma vez que o clube recém estava voltando para a primeira divisão do campeonato brasileiro, após ter sido rebaixado no ano de fundação do grupo, fato que motivou a sua criação. Ângela enfatizou a importância da mulher no que diz respeito à reestruturação do Grêmio.

Conforme a coordenadora,

“A principal finalidade do Núcleo de Mulheres Gremistas é o apoio incondicional ao seu clube do coração. Objetivamos, também, ter participação ativa na vida social, desportiva e política, buscando colaborar e contribuir para aumentar e fortalecer a grandeza do nosso Grêmio.”

Cada dia que passa nota-se que a participação da mulher no futebol tem crescido em todas as áreas, seja como torcedora, jornalista, repórter, árbitra etc.

A união das mulheres gremistas propicia, também, que o Núcleo participe de diversos projetos sociais de solidariedade, independentemente de ser ou não promovido pela instituição.

O Núcleo de Mulheres Gremistas promove reuniões, eventos e, quando possível, acompanha os jogos do Grêmio fora de Porto Alegre.

Queremos cada vez mais agregar mulheres gremistas que gostem de futebol e são apaixonadas pelo Grêmio. Venha fazer parte desta integração para aumentar e solidificar a participação da mulher na vida do clube.

*Você poderá se cadastrar através dos telefones (...) e pelo e-mail (...).
Aguardamos tua presença.*

Saudações tricolores!

Angela B. Tavares.

Coordenadora”

(www.gremio.net, em 10/04/2006)

No mesmo dia em que encontrei este texto, acessei a página do Grêmio na internet e localizei um novo material a respeito do Núcleo de Mulheres Gremistas.

“Diante da nova postura do Quadro Social do Grêmio, visando a valorização do torcedor, estamos convidando todas as mulheres gremistas a participarem do nosso Núcleo, que é vinculado ao Quadro Social.

Esta iniciativa objetiva a aproximação da torcedora com a Instituição, a fim de aumentar o seu convívio no dia-a-dia do clube. Gostaríamos muito de contar com a presença de todas, mostrando e comprovando mais uma vez a força feminina torcendo, vibrando e ajudando o nosso Grêmio em todos os momentos. Pois o nosso amor pelo Grêmio, mulheres, é incondicional, que nem amor de mãe.

Saudações Tricolores.

Angela Beatriz Tavares

Coordenadora do Núcleo de Mulheres Gremistas”

(www.gremio.net, em 10/04/2006)

Chamo a atenção para a vinculação entre amor e maternidade. Amar o Grêmio num dos seus piores momentos, em termos históricos, representa, para as integrantes do NMG, a afirmação do papel de mãe, o que, em termos idealísticos, significa aceitar o seu filho (no caso, a instituição esportiva) em qualquer circunstância. Neste período, algumas integrantes do Núcleo utilizaram uma camiseta na qual estava escrita a seguinte frase: “Com o

Grêmio como o Grêmio estiver”, numa alusão ao hino do clube, que diz: “Com o Grêmio onde o Grêmio estiver”.

Ainda em 2006, o Núcleo de Mulheres Gremistas, através de Ângela Tavares, participou de uma reunião realizada na Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul sobre a paz nos estádios, sugerida pelo então presidente da Associação dos Cronistas Esportivos Gaúchos (ACEG), José Aldo Pinheiro. Este encontro foi motivado por uma série de agressões que repórteres esportivos estavam sofrendo durante a cobertura de eventos futebolísticos no estado. Nesta reunião participaram representantes do Comando de Policiamento de Porto Alegre e do Conselho do Desporto do Vale dos Sinos (CODESINOS), entre outras entidades (www.al.rs.gov.br, em 13/11/2006). No mesmo ano, o grupo foi homenageado pelo Grêmio em setembro, mês de aniversário do clube. Segundo matéria publicada no site oficial tricolor,

“o almoço foi realizado no Salão Ovelhão, no Estádio Olímpico e contou também com a presença do Luiz Moreira, Membro do Conselho, Cel. Hélivio e Dona Niura, esposa do Presidente Licenciado, Paulo Odone” (www.gremio.net, em 20/09/2006).

O Núcleo também foi homenageado por torcedores ligados à Geral do Grêmio, setor tido como o mais popular e um dos mais vibrantes do clube. O texto ressalta a importância feminina para o tricolor: *“Parabéns a todas as MULHERES. Não apenas as geraldinas e do NÚCLEO FEMININO, mas sim TODAS as que têm a mesma paixão Tricolor”* (www.geraldogremio.com.br/mulheres.htm, em 10/10/2006). Este material foi vinculado ao “Dia Internacional da Mulher”, comemorado no dia 08 de março.

Questionadas sobre os motivos que as levaram a ingressar no NMG, algumas integrantes enfatizaram a importância de construir – e de manter – um grupo de mulheres no clube. Vejamos a compreensão de uma integrante do Núcleo sobre o crescente interesse feminino pelo futebol, obtida através de uma entrevista que encaminhei pela internet, através do endereço eletrônico do grupo:

“As mulheres cada vez mais ‘ocupam’ universos masculinos, e no futebol não seria diferente, ainda mais por se tratar de um esporte tão evidenciado pela mídia”. Núbia Morgana Zambelli. Publicitária e Designer de moda. (22/01/2008)

As considerações de duas integrantes do NMG a respeito desta temática foram registradas no local de trabalho de uma delas, durante uma conversa.

“As mulheres sempre se interessaram por futebol. O problema era o machismo. Hoje elas têm autonomia econômica, são mais liberais”. Maria Elena Tavares. Empresária. (26/04/2007)

“A mulher moderna quer participar das coisas junto com os homens. Tem mulher que não gosta de futebol (...) a mulher antes era mais reservada, mais contida, hoje não. Ela não tem vergonha de ir ao jogo, ser vista nos jogos, discutir sobre o assunto. Na minha opinião acho muito mais emocionante assistir no estádio do que pela TV”. Isabel Weschenfelder. Dona de casa. (26/04/2007)

Este encontro foi pautado por um pequeno questionário que foi lido para as integrantes, com a intenção de organizar o diálogo. As respostas delas foram livres, ou seja, não seguiram a ordem das perguntas. O clima foi bastante informal e chegamos a tomar um café juntos, uma cortesia da proprietária do estabelecimento, Maria Elena Tavares.

PRANCHA 9: CONVERSANDO NO CAFÉ (26/04/2007)



Maria Elena (à esquerda) e Isabel

Outra questão proposta (pela internet) para as integrantes do Núcleo de Mulheres Gremistas diz respeito à importância deste grupo para a sociedade. Vejamos algumas opiniões:

“No momento, pouca, mas acredito que com as novas atividades (apoio ao Instituto da Mama, ajuda à escolinha, participação na política do clube, a participação no Conselho Deliberativo, ajuda no pedágio feliz) nos tornarão mais conhecidas”. Maria Elezer Brodbeck. Bancária aposentada. (29/11/2008)

“Mostrar que as mulheres podem entender de futebol e participar de forma efetiva na administração do clube”. Esther Engelman Machado. Bióloga e professora. (30/11/2008)

“Mostrar que esporte é para todos, inclusive mulheres”. Edi Terezinha Menezes da Costa. Atleta. (01/12/2008)

“Acho muito importante porque faz uma divulgação muito boa do Grupo e ajuda muito os meninos da Base”. Maria Walkyria Brodbeck. Funcionária pública estadual. (07/12/2008)

“A importância, para mim, é a quebra de alguns paradigmas (mulher X futebol – reconhecimento da força do nosso grupo perante lideranças tradicionais do clube). Além disso, ela tem a capacidade de humanizar um local que é muito propício a brigas, pois o futebol mexe demais com a emoção das pessoas”. Lisiane Seffener. Secretária Executiva. (11/12/2008)

“Penso que é muito importante para a sociedade, para o esporte e principalmente para o reconhecimento das MULHERES”. Marli Kappaun dos Reis. Funcionária pública federal. (20/12/2008)

Fica claro que existem diferentes entendimentos acerca da atuação do grupo na sociedade. Achei interessante a opinião de Lisiane Seffener, que considera que a mulher tem a capacidade de “humanizar” o futebol, um espaço que por ser predominantemente masculino é propenso à violência, na sua visão.

Durante o meu trabalho de campo pude acompanhar as mudanças propostas pelo grupo, que passou a contar com a coordenação de três

membros ao invés de uma só, como no início das atividades. O Núcleo também firmou a cobrança de uma mensalidade, cujo valor variou ao longo deste período, além de ter criado um site próprio e um endereço eletrônico que facilitou muito a comunicação entre as integrantes. Soma-se às conquistas do NMG a feitura de uma linha de produtos com o logotipo do grupo e a eleição de Rosa Foresti (coordenadora) para o Conselho Deliberativo do Grêmio. Apesar disso, o Núcleo de Mulheres Gremistas ainda não obteve seu lugar, em termos físicos, no clube, reunindo-se, quase sempre, no salão Ovelhão, situado no complexo do estádio gremista.

O detalhamento destas (e outras) questões será feito adiante, quando da discussão das categorias de análise, através das quais apresentarei a etnografia realizada.

4.1.2 O Espaço da Mulher Colorada

PRANCHA 10: SÍMBOLO DO EMC



No dia 21 de outubro de 2007 foi inaugurada a sala destinada ao Espaço da Mulher Colorada, no terceiro andar do Gigantinho, um ginásio de esportes localizado no complexo do estádio Beira-Rio. A esposa do presidente do clube, Constance Piffero, cortou a fita vermelha que simbolizava a conquista deste espaço feminino. Segundo matéria divulgada no site oficial colorado,

“antes da abertura do local o Beira-Rio recebeu um abraço simbólico dado por mais de 800 mulheres coloradas, que cantaram as músicas da torcida e o hino do clube com muita paixão durante o ato” (www.internacional.com.br, em 29/09/2009).

Para Marlene Mendes, ex-diretora do grupo, com quem conversei no dia 27 de julho de 2008, após ter marcado um horário com ela pela internet, o objetivo principal do EMC era o de promover ou apoiar ações sociais em prol da sociedade gaúcha, como, por exemplo, a campanha de doação de sangue (em parceria com o hemocentro). O grupo também ajuda a arrecadar alimentos (projeto Mesa Brasil/SESC). Neste sentido, o trabalho do Espaço da Mulher Colorada se parece com o do NMG.

Com base em um questionário, estabelecemos o nosso diálogo sobre a trajetória do grupo. Marlene informou-me que o EMC iniciou as suas atividades com apenas seis integrantes e que, quando do nosso encontro, contava com cerca de 1200 mulheres cadastradas, sendo que aproximadamente 30% destas acompanhavam regularmente as ações do grupo.

As reuniões gerais do Espaço da Mulher Colorada ocorriam uma vez por mês, sendo que a direção e as coordenadoras encontravam-se quinzenalmente. A presença das participantes era controlada por meio da assinatura em um livro-ponto. Não era cobrada nenhuma taxa. Conforme Marlene, não existia resistência à participação das mulheres no Internacional e que por este motivo o grupo sempre foi aberto aos homens. O cadastro proposto, no entanto, era direcionado exclusivamente para o público feminino.

Indagada sobre sua identificação com o clube, a diretora falou-me que a paixão pelo Internacional aconteceu de forma espontânea e que parte de sua

família era gremista. Ela afirmou que recebia o apoio do marido, então conselheiro da Fundação de Educação e Cultura (FECI) da instituição, organismo que a indicou para exercer a função de diretora do Espaço da Mulher Colorada.

A criação deste grupo se deve, em termos, à direção do clube, que reservou uma sala para as suas integrantes, ao contrário do que ocorreu com o Núcleo de Mulheres Gremistas, que precisou enfrentar muitas dificuldades para obter algum espaço na instituição. As principais responsáveis pelo EMC na gestão 2009-2010 são Luiziane Drago Ferrão (Coordenadora Geral) e Janice Barboza Cardoso (Coordenadora Adjunta), segundo o site oficial do clube (www.internacional.com.br, em 29/09/2009). O objetivo do Espaço da Mulher Colorada era o de dar

“(...) especial atenção ao lado social do clube. Servirá como um local de convívio das torcedoras com cursos, palestras e o encontro das coloradas. Haverá ainda visitas regulares a instituições e hospitais para dar apoio e levar brindes do clube às mães coloradas e aos bebês. O Espaço também dá apoio às esposas dos jogadores recém-contratados” (www.internacional.com.br, em 29/09/2009).

Em meio a esta pesquisa o EMC voltou-se para as ações sociais propostas pelo Internacional, sobretudo através do “Projeto Interagir”, cuja missão é a de

“propiciar atividades que visam uma melhoria nas condições de origem dos indivíduos, tendo como base os quatro pilares de educação definidos pela UNESCO: Aprender a Ser, Aprender a Conviver, Aprender a Conhecer e Aprender a Fazer” (www.internacional.com.br, em 08/01/2010).

No início de 2010, aconteceu um fato curioso. Ao procurar as coordenadoras do Espaço da Mulher Colorada através do telefone disposto na internet recebi uma informação a respeito do encerramento das atividades do grupo, o que não consegui comprovar até a conclusão desta pesquisa. Até o

final do segundo semestre de 2009, o EMC podia ser localizado, em se tratando do site do clube, no link destinado à cultura. No final de janeiro do ano seguinte, neste mesmo espaço, encontrei o grupo com o nome “Mulher Colorada”, atrelado ao “Projeto Interagir”, o que não deixa de ser algo significativo (www.internacional.com.br, em 27/01/2010).

Acompanhei a atuação do Espaço da Mulher Colorada, sobretudo, quando em parceria com o Núcleo de Mulheres Gremistas, processo que será explorado na categoria de análise intitulada “Gre-nais femininos: parcerias e rivalidades”. O trabalho conjunto dos dois grupos pareceu-me interessante, uma vez que desafiou uma das principais rivalidades estabelecidas no Rio Grande do Sul, a da dupla “Gre-nal”. No último evento que acompanhei, intitulado “Segundo Gre-nal Solidário”, que se deu no dia 3 de outubro de 2009, fiz o registro fotográfico de uma faixa com a frase “Mulheres Coloradas em Ação”. A indefinição quanto ao nome do grupo representa, possivelmente, a incerteza das mulheres coloradas no que diz respeito ao seu “lugar” no Internacional.

Vejamos uma imagem deste evento:

PRANCHA 11: MULHERES COLORADAS EM AÇÃO (03/10/2009)



Detalhe da faixa exibida no “2º Gre-nal Solidário”

Nesta ocasião, não consegui conversar com Marlene Mendes a respeito das “Mulheres Coloradas em Ação”. Mantivemos contato até o final da pesquisa, mas acabei optando por não indagá-la sobre este processo. Outras informações sobre o Espaço da Mulher Colorada serão abordadas adiante.

4.2 Em busca de legitimidade: qual o “lugar” das mulheres num mundo de homens?

É preciso salientar que tanto o Núcleo de Mulheres Gremistas quanto o Espaço da Mulher Colorada buscaram o reconhecimento social de seus trabalhos através, sobretudo, da solidariedade. Suas agendas, durante o período em que observei estes grupos, foram voltadas constantemente para ações sociais em prol da sociedade gaúcha em geral, sendo que a rivalidade clubística foi usada como estímulo para a participação dos torcedores das duas instituições esportivas. O processo adotado por esses grupos para construir um “lugar” em seus clubes pode ser compreendido a partir de três dimensões fundamentais, as quais estão naturalmente imbricadas.

Optei por incluir na dimensão a seguir boa parte dos dados observados no meu trabalho de campo, uma vez que a falta de um “lugar”, no sentido físico, foi uma das principais demandas do NMG tornadas públicas ao longo de sua trajetória. As festas de aniversário do grupo, embora expressem questões simbólicas, foram igualmente incluídas na “dimensão física”, por representarem momentos em que o Núcleo ocupou espaços públicos (restaurantes e clubes), com bandeiras do Grêmio e do próprio NMG, como se demarcasse o seu “território”. A presença, nestes eventos, de dirigentes do clube, além de deputados e vereadores implica uma dimensão política, o que comprova a inter-relação entre as categorias que elegi discutir o trabalho do Núcleo.

Do mesmo modo, tratei do “lugar” da mulher no Internacional nas diferentes dimensões propostas, iniciando pela apresentação da sala do

Espaço da Mulher Colorada no clube até chegar ao número de integrantes do sexo feminino que compõem o Conselho Deliberativo desta instituição esportiva. As relações entre ambos os grupos, que igualmente implicam questões de diversas ordens, foram pensadas a partir de uma nova categoria de análise, como se verá posteriormente.

4.2.1 Dimensão física

A falta de um espaço próprio fez com que as integrantes do Núcleo de Mulheres Gremistas se reunissem em diferentes locais situados no complexo do Olímpico Monumental. Em 2006, a primeira atividade que acompanhei ocorreu no auditório localizado ao lado do portão sete do estádio, contando com a participação de poucas mulheres. Na ocasião, a principal questão discutida foi a organização de uma campanha assistencial em prol das categorias de base do Grêmio. Apesar de receberem do clube fardamento, comida e moradia (no próprio estádio), o NMG entendeu que os jovens jogadores careciam de material escolar e de higiene, além de roupas novas. Ficou decidido que o grupo iria solicitar o apoio da Assistente Social do Grêmio, Nice Fonseca, o que pode ser interpretado como uma tentativa de aproximação com a direção do clube, que parecia não valorizar o trabalho do grupo.

A segunda reunião que acompanhei neste ano se deu no salão “Ovelhão”, localizado na área do Olímpico, contando com a presença, de acordo com informação anterior, do coordenador geral e do supervisor de planejamento esportivo da escolinha do Grêmio, José Alzir Flor da Silva e Marcelo Koslowsky, respectivamente. Nice Fonseca também participou deste evento, além de cerca de trinta garotos das categorias de base do tricolor, vindo de várias regiões do Brasil e também de fora do país. Conversei com alguns destes jovens que comentaram que haviam tentado a sorte no Flamengo e no Corinthians antes de chegarem no sul.

PRANCHA 12: REUNIÃO NMG (23/08/2006)



Ângela Tavares (esquerda) e Nice Fonseca



Marcelo Koslowsky, Isabel Weschenfelder e José Alzir Flor da Silva



O grupo posa para o registro fotográfico

Em 2007 retomei a etnografia, participando do coquetel em homenagem ao “Dia Internacional da Mulher”, que foi realizado no dia oito de março, no salão Ovelhão. O presidente do clube, Paulo Odone, prestigiou o evento, sendo bastante aplaudido quando da sua chegada. Em seu discurso, ele chamou a atenção para a crescente presença feminina nos estádios, convidando uma integrante do Núcleo para manifestar-se a respeito deste fato. Sirlei, que faleceu durante esta pesquisa, igualmente exaltou a importância das mulheres na sociedade. Os poucos homens presentes neste encontro permaneceram juntos a maior parte do tempo, concentrando-se próximos à churrasqueira do salão. O presidente gremista, embora tenha circulado entre as mesas, optou por ficar junto com os demais homens.

No mesmo mês foi realizada uma importante reunião, com o objetivo de eleger a nova coordenação do grupo. Mais uma vez sem um lugar definido, as integrantes do NMG improvisaram e escolheram o Olímpico Monumental para reunirem-se. Prejudicadas pelo barulho provocado pelos visitantes do estádio e pelo desconforto das arquibancadas de cimento, elas optaram por um novo modelo de gestão, escolhendo desta feita três coordenadoras: Ângela Beatriz Tavares (reeleita), Marta Praia e Rosa Maria Foresti. Uma das principais questões abordadas nesta reunião foi a da criação de um estatuto do grupo, além da organização de um Conselho Fiscal. Muitas integrantes manifestaram-se a respeito da necessidade de profissionalizar o Núcleo, bem como de divulgá-lo na mídia, a partir da ampliação das suas ações sociais.

Em abril ocorreu a primeira reunião do NMG sob a nova coordenação. Como o grupo ainda não possuía um local apropriado para se reunir, a solução foi sentar na escadaria do ginásio David Gusmão, localizado no complexo do estádio do Grêmio. Novamente, o barulho provocado pelos visitantes atrapalhou o andamento das atividades. Neste encontro, Rosa Foresti salientou que o Grêmio tinha uma estrutura muito fechada e que seria necessário que as mulheres se unissem para pleitear um espaço no clube. Uma integrante do Núcleo observou que o rival Internacional era mais aberto em relação à participação feminina no clube.

Neste mês foi realizada uma reunião extraordinária, por conta do aniversário de três anos do grupo que se aproximava. Sem espaço, o Núcleo reuniu-se, de forma improvisada, na sala destinada à Brigada Militar no estádio tricolor. Em torno de vinte integrantes estiveram presentes, contando com as coordenadoras Rosa Foresti e Marta Praia. Elas informaram às integrantes que mandaram confeccionar uma camiseta com o logotipo do NMG, para que todas pudessem estar uniformizadas no jantar comemorativo que seria realizado no mês seguinte.

Na primeira semana de maio, ainda sem um local definido, o Núcleo voltou a se reunir na sala da Brigada Militar. Aproximadamente quarenta integrantes compareceram para discutir os últimos detalhes referentes ao aniversário do grupo. Rosa Foresti comentou que o Internacional estava organizando um grupo de mulheres, que iniciaria as suas atividades com uma estrutura melhor do que a do NMG. Esta notícia descontentou algumas participantes, que aproveitaram a ocasião para criticar o presidente gremista, exigindo dele reconhecimento e apoio.

A seguir, algumas fotografias destes eventos.

PRANCHA 13: DIA INTERNACIONAL DA MULHER I (08/03/2007)



Imagens da festa

PRANCHA 14: DIA INTERNACIONAL DA MULHER II (08/03/2007)



Presidente do Grêmio Paulo Odone e integrante do NMG Sirlei

PRANCHA 15: ELEIÇÃO DAS COORDENADORAS NMG I (17/03/2007)



Visitantes chegando ao estádio Olímpico Monumental

PRANCHA 16: ELEIÇÃO DAS COORDENADORAS NMG II
(17/03/2007)



Ângela Tavares (em pé, de camisa branca) falando para o grupo



As eleitas: Marta Praia, Ângela Tavares e Rosa Foresti

PRANCHA 17: OCUPANDO A ESCADARIA (14/04/2007)



Integrantes se encontram em frente à loja oficial do Grêmio



As mulheres caminham em direção à escadaria do ginásio tricolor



Vista do grupo do último degrau da escadaria

PRANCHA 18: REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA NMG (28/04/2007)



Integrantes decidindo sobre o local da reunião



O grupo discute sobre a festa

PRANCHA 19: REUNIÃO NMG (05/05/2007)



Rosa Foresti (sentada) conversando com integrantes do NMG

No dia 15 de maio, foi comemorado o aniversário de três anos do Núcleo. O grupo organizou um jantar no restaurante “Forno e Fogão”, em Porto Alegre. Mais de cem pessoas estiveram presentes neste evento, sendo a maioria vinculada ao NMG. Em meio à festa, Rosa Foresti iniciou um discurso chamando a atenção para a importância do grupo no que diz respeito à participação feminina no clube. Para ela, *“o amor das mulheres pelo Grêmio é como o amor de mãe, incondicional”*. Marta Praia leu uma mensagem escrita pela consulesa gremista em Salvador, provocando a emoção dos presentes.

Melissa Paiva da Motta, funcionária homenageada na ocasião, falou sobre a necessidade das mulheres de romper com as barreiras impostas pelos homens. Ao receber flores, ela comentou que estava vivenciando o seu momento de “Gisele Bündchen”. Para minha surpresa, também fui homenageado pelo Núcleo, recebendo uma placa em agradecimento à pesquisa. Representando o presidente Paulo Odone, o conselheiro do Grêmio Roberto Leivas também discursou, enfatizando o trabalho pioneiro do Núcleo de Mulheres Gremistas, bem como outro conselheiro do clube, Paulo Luz, que parabenizou as torcedoras tricolores.

Muitas integrantes do NMG vestiram-se com a camiseta do grupo, dando a impressão de maior unidade. Não faltaram comentários, no entanto, a

respeito do modelo da camisa, considerada, por muitas mulheres, mais feia do que a confeccionada no ano anterior.

PRANCHA 20: TERCEIRO ANIVERSÁRIO NMG I (15/05/2007)



Bandeira do Grêmio enfeitada o salão



Detalhe da decoração

PRANCHA 21: TERCEIRO ANIVERSÁRIO NMG II (15/05/2007)



Distribuição e venda de camisetas e canetas do grupo



Integrantes servindo-se



Sirlei, Ângela Tavares (em pé) e Rosa Foresti

PRANCHA 22: TERCEIRO ANIVERSÁRIO NMG III (15/05/2007)



Integrantes do NMG



Conselheiros e dirigentes do Grêmio



Melissa Paiva da Motta agradecendo a homenagem

PRANCHA 23: TERCEIRO ANIVERSÁRIO NMG IV (15/05/2007)



O grupo vibrando com o hino tricolor



Parte do grupo posa para o retrato

Nos meses de julho e de agosto não pude acompanhar as reuniões do Núcleo, mas recebi de algumas integrantes informações sobre as atividades desenvolvidas pelo grupo neste período, como, por exemplo, o encontro com representantes do Instituto da Mama do Rio Grande do Sul (IMAMA), evento que aconteceu na Assembléia Legislativa do Estado, no dia onze de julho. Conforme Isabel Weschenfelder, numa mensagem enviada pela internet para o meu endereço eletrônico,

“esse café da manhã (...) com a participação de deputados, esposas de deputados, funcionários da casa, presidente da Assembléia, a primeira dama do município, Isabela Fogaça, representantes de outros municípios, voluntários do IMAMA e convidados” (14/09/2007).

Para esta integrante do Núcleo, o encontro em pauta expressou a vontade do grupo de ampliar suas atividades sociais, tornando-as mais relevantes. No mesmo mês, representantes do NMG participaram da “4ª Caminhada das Vitoriosas”, que reuniu cerca de duas mil mulheres (In: jornal Correio do Povo, 16/07/2007, p.7). Este evento foi organizado pelo IMAMA, com o objetivo de chamar a atenção da sociedade gaúcha para a importância da prevenção do câncer de mama.

Retomei as observações em setembro. Até o final do ano acompanhei duas reuniões do Núcleo de Mulheres Gremistas, que ocorreram no salão Ovelhão, um local que aos poucos foi se tornando uma espécie de “sede” do grupo. Em ambos os encontros as presentes abordaram o problema da falta de um lugar para se reunirem, fato que comprometia, para muitas gremistas, a organização do Núcleo. Este contexto levou as integrantes do NMG, motivadas por Rosa Foresti, a discutirem questões políticas, referentes, sobretudo, à participação do grupo na vida do Grêmio. Marta Praia, uma das coordenadoras do Núcleo, posicionou-se publicamente contra esta possibilidade, julgando ser mais importante priorizar as ações assistenciais.

Na reunião de dezembro, presenciei um momento tenso, quando o grupo pareceu perder a sua unidade, dividindo-se entre apoiar Rosa ou Marta. Outro momento polêmico se deu quando as coordenadoras comentaram sobre o processo de construção do novo estádio tricolor, a “Arena Grêmio”, um projeto firmado em parceria com construtoras estrangeiras, que segue provocando debates acalorados no clube. Do mesmo modo que o Núcleo, o Grêmio também avalia o seu “lugar”, pois existe um projeto que prevê a reforma do atual estádio, desconsiderando a construção de um novo.

A luta pela manutenção do estádio Olímpico é capitaneada pelo ex-presidente do clube, Hélio Dourado, que defende a reforma da atual casa gremista. Devido à complexidade do tema, o grupo solicitou a Rosa, eleita

conselheira titular do clube (mandato 2007-2013), conforme informação extraída do site oficial do Grêmio (www.gremio.net, em 20/03/2009), maiores esclarecimentos a respeito deste empreendimento.

Ao término desta reunião, muitas integrantes almoçaram juntas num restaurante localizado no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, para uma confraternização. A chegada de tantas mulheres vestidas com camisetas do Grêmio e do NMG provocou o estranhamento dos clientes e mesmo a provocação de alguns torcedores do internacional, num clima de gozação que não gerou nenhum ato violento.

A seguir, algumas fotografias destes momentos.

PRANCHA 24: REUNIÃO NMG (01/09/2007)



Rosa Foresti informando integrantes do Núcleo



Conversando sobre o time do Grêmio

PRANCHA 25: REUNIÃO NMG (15/12/2007)



Sandra Guedes (à esquerda), futura nova coordenadora, com Rosa e Marta



Integrantes do Núcleo ouvindo as coordenadoras



Posando com a toalha gremista

PRANCHA 26: ALMOÇO NMG (15/12/2007)



Conversando sobre o Grêmio em meio à refeição



Mulheres gremistas posando para o retrato

Em 2008, continuei acompanhando o trabalho do NMG, embora tenha reduzido a participação nas reuniões do grupo. O primeiro evento em que estive presente foi considerado especial, pelo fato de que o “Dia Internacional da Mulher” foi comemorado no salão do Conselho Deliberativo do Grêmio, um feito histórico, que sinalizou o reconhecimento, ainda que tímido, da importância do Núcleo para a instituição. Cerca de cinquenta integrantes do NMG estiveram presentes, sendo a maioria com a camiseta do grupo. Representantes do Instituto da Mama do Rio Grande do Sul (IMAMA) foram

convidadas para palestrarem sobre a prevenção do câncer de mama, reafirmando a parceria estabelecida anteriormente.

Em seu discurso, Rosa Foresti comentou que o presidente gremista propôs que o grupo fosse transformado num departamento do clube, um novo “lugar”, portanto, para o NMG. Algumas integrantes não aprovaram esta idéia, temendo que o Núcleo pudesse ficar “engessado”, perdendo a sua autonomia em relação à direção tricolor. Esta questão ficou de ser retomada na reunião seguinte. Em sua fala, Marta Praia afirmou que já estava na hora do grupo ter a sua própria sala e que o futebol feminino poderia ser reativado no clube.

No final do encontro, que foi filmado pela TV Grêmio, o vereador Brasinha chegou trazendo flores para as torcedoras gremistas. Algumas delas cantaram uma espécie de “hino” do NMG, bastante executado nas excursões do grupo quando dos jogos do Grêmio no interior do estado. O Núcleo, nestas ocasiões, exerce o papel de “torcida organizada”, incentivando o time. A letra é a seguinte:

“Nós, nós as mulheres somos gremistas, somos maiorais. E na hora da pegada são as mulheres que agitam mais. Lá, lá, lá... Nós, nós as mulheres temos o Grêmio no coração. Estaremos com o Grêmio que é a nossa paixão. Lá, lá, lá...”

Chamou-me a atenção o fato de que foi estendida, atrás da mesa do presidente do Conselho, uma bandeira do Núcleo de Mulheres Gremistas, algo bastante significativo.

PRANCHA 27: DIA INTERNACIONAL DA MULHER (08/03/2008)



Representantes do IMAMA palestrando



Membros do IMAMA com integrantes do NMG



Detalhe da bandeira do NMG

No dia 15 de maio, o Núcleo de Mulheres Gremistas celebrou o seu quarto aniversário no restaurante “Grelha do Porto”, na capital gaúcha, num evento que contou com a presença de mais de cem torcedoras do Grêmio. O local foi decorado com bandeiras tricolores e do grupo. Segundo matéria divulgada no site oficial do clube,

“as mesas foram enfeitadas com o carinho das apaixonadas tricolores além de muitos vídeos sobre reportagens e fotos recordando momentos de amor pelo Grêmio” (www.gremio.net, em 16/05/2008).

Nesta ocasião, Rosa Foresti enfatizou o crescimento do NMG, que já contava com mais de duas mil mulheres cadastradas, além de oitenta contribuintes regulares.

Um dos convidados mais celebrados foi o ex-jogador Tarciso, campeão da Taça Libertadores da América e do campeonato mundial interclubes em 1983, que foi disputado no Japão. Merece destaque, ainda, a presença de Ema Coelho de Souza, conselheira tricolor e diretora do Memorial Hermínio Bittencourt (do Grêmio), de Túlio Macedo, integrante do Conselho Administrativo do clube, além do vereador Brasinha. Apesar do clima festivo, muitas integrantes do Núcleo novamente se manifestaram sobre a falta de um local apropriado para se reunirem.

O público assistiu uma matéria exibida num programa de televisão a respeito da participação feminina no futebol. O trabalho do Núcleo de Mulheres Gremistas foi contemplado, deixando orgulhosas as suas integrantes, algumas das quais vaiaram as torcedoras do Internacional que apareceram na mesma matéria. No final, os convidados cantaram o hino do Grêmio e o clássico “Parabéns a você” para o Núcleo.

PRANCHA 28: QUARTO ANIVERSÁRIO NMG I (15/05/2008)



Faixa com o logotipo do NMG



Rosa Foresti, Sandra Guedes e Marta Praia



Verador Brasinha discursando

PRANCHA 29: QUARTO ANIVERSÁRIO NMG II (15/05/2008)



Fala do conselheiro Túlio Macedo



O grupo cantando o "Parabéns a você"



O ex-jogador Tarciso com Maria Elena Tavares

De julho a novembro de 2008 observei o NMG novamente no salão Ovelhão. As reuniões que acompanhei se caracterizaram, em especial, pelo debate político, dado o processo eleitoral vivido pelo Grêmio neste período. Numa das ocasiões, uma integrante do Núcleo sugeriu que o grupo pleiteasse, junto aos candidatos à presidência do clube, uma sala de reuniões, condicionando o apoio feminino ao atendimento desta necessidade, proposta rejeitada pela maioria das mulheres.

Num dos encontros realizados neste período, Rosa Foresti observou que seria interessante que o NMG contasse, além das três coordenadoras, com uma secretária e com uma tesoureira, para qualificar a gestão e democratizá-la ainda mais. Ela pediu que Marta Praia reconsiderasse o seu pedido de afastamento, causado pelo descontentamento desta coordenadora com o crescente envolvimento político do grupo, entre outras motivações. As questões políticas surgidas nestes encontros serão discutidas na dimensão seguinte.

Antes, apresentarei algumas fotografias realizadas no segundo semestre de 2008.

PRANCHA 30: REUNIÃO NMG (30/07/2008)



O grupo discutindo questões políticas

PRANCHA 31: REUNIÃO NMG I (07/08/2008)



Rosa Foresti e Marta Praia (sentadas) comandam a reunião



As associadas ouvindo as propostas da coordenação



Votação para decidir o patrocínio de integrantes do NMG

PRANCHA 32: REUNIÃO NMG II (07/08/2008)



As coordenadoras entregando material esportivo para integrantes



No final do evento, algumas mulheres experimentaram calçados tricolores



Procurando artigos do Grêmio

PRANCHA 33: REUNIÃO NMG I (08/11/2008)



Sandra Guedes e Rosa Foresti dando início à reunião



Visão geral do ambiente



Detalhe da camiseta do grupo

PRANCHA 34: REUNIÃO NMG II (08/11/2008)



O grupo votando na tesoureira e na secretária do Núcleo



Sandra Guedes anunciando os resultados



Integrante quitando sua mensalidade (próxima à porta)

Em 2009, acompanhei três eventos que contaram com a participação do NMG, sendo dois deles em parceria com o Espaço da Mulher Colorada. O primeiro deles foi o aniversário de cinco anos do grupo, comemorado no clube “Caixeiros Viajantes”, em Porto Alegre.

Nesta ocasião, foi apresentado um vídeo encomendado pelo grupo, abordando a trajetória do Núcleo. No material foram gravados depoimentos de integrantes do NMG e de familiares de Rosa Foresti, a maior homenageada da noite. Imagens da torcida tricolor em dias de jogos também foram incluídas no documentário, emocionando os convidados e provocando, sobretudo nos homens, gritos de “Grêmio! Grêmio!”. O ex-jogador Tarciso mais uma vez compareceu a um evento promovido pelas mulheres gremistas. Uma representante do Internacional igualmente se fez presente, vestida com algumas peças vermelhas, em alusão ao seu clube do coração.

Nesta data fui apresentado para algumas jogadoras de futebol feminino do time “Amélias às Avessas”, citado anteriormente (capítulo 2), com que mantive contato até o encerramento da etnografia.

Percebi, neste aniversário, que o sentimento de amor pelo Grêmio foi mais exaltado do que nas ocasiões anteriores. A forma com que o Núcleo ornamentou o salão traduz este quadro, pois inúmeras bandeiras tricolores enfeitaram o local, entre outros objetos tricolores. Em seus discursos, as integrantes do NMG referiram-se muito ao tricolor gaúcho, afirmando, deste modo, sua identificação clubística.

O “Caixeiros Viajantes”, transformado, provisoriamente, no “lugar” das mulheres gremistas, em alguns momentos assemelhou-se ao estádio do Grêmio.

Vejamos alguns registros desta festa.

PRANCHA 35: QUINTO ANIVERSÁRIO NMG I (15/05/2009)



Integrantes do NMG recebendo os convidados



Vídeo exibido sobre o grupo



O ex-jogador Tarciso com integrantes do NMG

PRANCHA 36: QUINTO ANIVERSÁRIO NMG II (15/05/2009)



Mulheres gremistas posando para o retrato



Integrantes do Núcleo estendendo a bandeira do clube



Detalha de bandeira tricolor

PRANCHA 37: QUINTO ANIVERSÁRIO NMG III (15/05/2009)



Camiseta do grupo



Torcedoras em volta da bandeira gremista



Detalhe do bolo da festa

Como vimos, as reuniões do Núcleo de Mulheres Gremistas ocorreram em diferentes locais, alguns dos quais sem a menor estrutura, como no caso das escadarias, por exemplo. A ausência de um “lugar” no sentido físico, no entanto, constituiu-se como um dos principais fatores de motivação para a sobrevivência do grupo. A ocupação sistemática do Ovelhão não representou a conquista de um espaço, pois este salão muitas vezes foi utilizado de forma improvisada. Em algumas oportunidades, inclusive, as reuniões chegaram a ser apressadas, pois o salão seria utilizado por outras pessoas.

Ao contrário do que aconteceu nas festividades do grupo, quando os locais foram ornamentados com bandeiras tricolores e do NMG, entre outros símbolos, o Ovelhão nunca foi decorado, exceto nos momentos patrocinados pelo Grêmio. Este salão, assim, apesar do conforto que oferecia em comparação a outros espaços ocupados pelo Núcleo, representa o “não lugar” do grupo na instituição.

Já com o Espaço da Mulher Colorada aconteceu o inverso. Este grupo contou, rapidamente, com uma sala confortável, equipada com ar condicionado, geladeira, computador e sofás, entre outros bens. Esta condição foi citada algumas vezes nas reuniões do Núcleo de Mulheres Gremistas, que pleiteava justamente um local para reunir-se. A boa estrutura do EMC pode ter sido oferecida pelo Internacional em troca de um maior comprometimento com a direção do clube. É o que pensam algumas torcedoras coloradas com quem conversei em meio a alguns eventos realizados em parceria com o NMG. Na ocasião, elas comentaram, informalmente, que o grupo estaria submisso às decisões da instituição ou, ainda, da Fundação de Educação e Cultura (FECI) do Colorado.

Esta opinião é compartilhada por algumas integrantes do Núcleo, que perceberam nas co-irmãs coloradas certo “engessamento”, um temor manifestado pelas mulheres gremistas quando da proposta da direção tricolor de transformar o NMG num departamento do clube, tornada pública numa das reuniões do grupo.

PRANCHA 38: ESPAÇO DA MULHER COLORADA I (24/07/2008)



Gigantinho



Gigantinho

PRANCHA 39: ESPAÇO DA MULHER COLORADA II (24/07/2008)



Interior da sala



Detalhe de sacola com doações



Integrantes do EMC recebendo visita

PRANCHA 40: ESPAÇO DA MULHER COLORADA III (24/07/2008)



Outras doações recebidas pelo grupo



Faixa com o símbolo do EMC



Continuação da faixa

4.2.2 Dimensão política

Em 2007, o Núcleo de Mulheres Gremistas participou do jantar comemorativo aos 45 anos do vereador de Porto Alegre “Brasinha”, conhecido por sua identificação com o Grêmio. Esta festa ocorreu no “Centro de Eventos Casa do Gaúcho”, localizado no Parque Maurício Sirotski Sobrinho, s/nº, na capital gaúcha. No salão, muitas bandeiras do Grêmio e de consulados do clube, como o de São Sebastião do Caí (RS), por exemplo.

Em meio à festa, Brasinha interrompeu o seu discurso para desculpar-se com os amigos colorados por colocar uma gravata azul, um presente do presidente do Grêmio, Paulo Odone. Num tom “politicamente correto”, o vereador falou brevemente sobre a importância do rival Internacional, sendo vaiado por alguns convidados mais radicais.

A primeira-dama de Porto Alegre, Isabela Fogaça, esteve presente neste evento. Em seu discurso, ela chamou a atenção para a crescente presença feminina nos estádios, o que foi corroborado pelo senador federal Sérgio Zambiasi, do PTB-RS. Outros convidados ilustres prestigiaram o evento, como o comunicador Bibó Nunes, bastante conhecido na mídia local.

Ao som do conjunto “Desvio de conduta”, de São Leopoldo, cidade do interior do estado, os convidados dançaram e cantaram o hino gremista, entre outras músicas. No final do encontro, um bolo feito em homenagem ao vereador foi repartido entre os presentes, que cumprimentaram Brasinha formando uma fila, devido ao grande número de pessoas.

Este foi um dos diversos eventos organizados pelo vereador, na tentativa de reeleger-se. O Núcleo aproveitou a oportunidade para divulgar o seu trabalho, dada a presença de pessoas importantes no cenário político gaúcho.

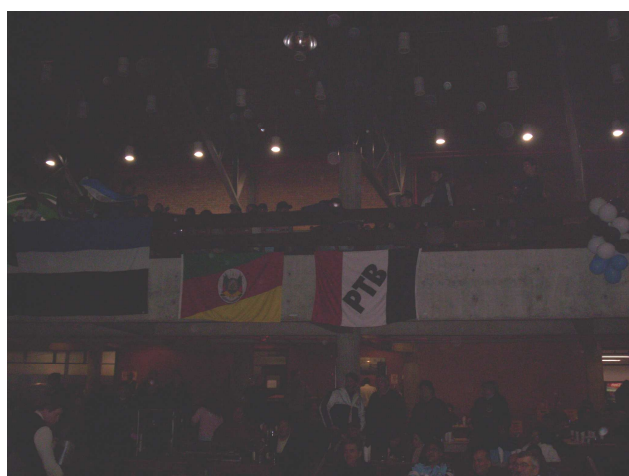
PRANCHA 41: FESTA DO VEREADOR BRASINHA I (23/07/2007)



O clube é saudado pelos torcedores



Faixa de um dos Consulados do clube



Bandeiras do Grêmio, do Rio Grande do Sul e do PTB

PRANCHA 42: FESTA DO VEREADOR BRASINHA II (23/07/2007)



Presidente do Grêmio entregando presente para Brasinha



Primeira dama de Porto Alegre (à esquerda) com Brasinha (centro) no palco



Integrantes do NMG desfilando com a bandeira gremista

PRANCHA 43: FESTA DO VEREADOR BRASINHA III (23/07/2007)



Vereador Brasinha recebendo presente do NMG



Detalhe do bolo de aniversário



Caminhão do vereador

Em 2008, o NMG se envolveu nas eleições para presidente do Grêmio. O jornalista Hiltor Mombach intitulou o movimento político a favor da candidatura de Duda Kroeff (da oposição) de G-6, pois era composto por seis grupos: Núcleo de Mulheres Gremistas, Grêmio Imortal, Grêmio Sempre, Grêmio Acima de Tudo, Grêmio Unido e Grêmio Menino Deus. Ele classificou o apoio feminino como “comedido”, indicando o site do grupo para quem quisesse conferir a sua posição política em relação a este processo (In: jornal Correio do Povo, 05/10/2008, p.19). No mês de julho deste mesmo ano o Núcleo, em companhia de outros grupos favoráveis a Duda Kroeff, protocolou no Conselho Deliberativo do Grêmio um “documento de proposta de reforma estatutária para alterar o índice mínimo de votação para as eleições do CD e para presidente de 30% para 20%” (In: jornal Correio do Povo, 30/07/2008, p.27).

A principal motivação que levou o Núcleo a apoiar a chapa de oposição ao presidente Paulo Odone, cuja gestão era considerada boa, inclusive na área financeira, diz respeito à falta de apoio dado às mulheres no clube. Odone foi bastante criticado nas reuniões do grupo, sobretudo por não ter concedido para o NMG um espaço próprio.

Rosa Foresti, numa entrevista a mim concedida pela internet, analisou as resistências sofridas pelo Núcleo no âmbito do clube:

“em qualquer atividade política, social, profissional, etc da sociedade como um todo sempre houve resistência em relação à participação ativa da mulher. Tal posição tem origens históricas na formação e organização do ser humano em sociedade. O Grêmio, como instituição, não poderia ser diferente e apresenta resistência à participação da mulher. Importante ressaltar que ao longo destes anos esta resistência tem sido amenizada e que cresce muito o número de pessoas ligadas ao clube que passaram a aceitar e valorizar a presença da mulher. Esta aceitação depende muito também da postura dos dirigentes que estão exercendo a administração do clube. Neste sentido é relevante a posição pessoal das pessoas responsáveis pela organização do clube quanto à participação da mulher na sociedade como um todo” (14/06/2007).

O envolvimento do grupo com as questões políticas do Grêmio foi complexo, provocando tensões entre as integrantes, a ponto de estimular o

afastamento de uma das coordenadoras do Núcleo, Marta Praia, que deixou claro o seu desejo de investir apenas nas ações assistenciais. O tom político que permeou os encontros do NMG neste período é bem representado numa brincadeira feita numa reunião realizada no dia 30 de julho, no salão Ovelhão, quando foi levantada a possibilidade do Núcleo lançar futuramente uma candidatura própria para presidente do clube, através de uma chapa composta integralmente por mulheres. Neste dia, não faltaram críticas ao presidente Paulo Odone, lembrado por não ter proporcionado às integrantes do NMG uma “casa”, nas palavras de uma de suas associadas.

Na reunião realizada em agosto, uma integrante do Núcleo elaborou a seguinte questão:

“Nós temos que decidir quem somos: ou torcida organizada que grita nomes de jogadores ou membros que dialogam com a política do clube” (07/08/2008).

Percebe-se nesta fala uma questão identitária: O que é, afinal, o Núcleo de Mulheres Gremistas? A vontade de se envolver com o universo político do clube, demonstrado por boa parte das integrantes do NMG no segundo semestre de 2008, não foi suficiente, no entanto, para que elas se sentissem estimuladas a assumir alguma função regular no grupo. No encontro de agosto, por exemplo, Rosa Foresti falou sobre a eleição das novas coordenadoras que seria realizada em breve, sem, com isso, despertar o interesse das presentes, o que a deixou um tanto decepcionada.

O regresso de Ângela Tavares ao Núcleo, que se deu em agosto, após um tratamento médico um tanto longo, foi comemorado pelas gremistas, que viram nela uma candidata em potencial para substituir Marta Praia, caso ela confirmasse o seu afastamento, o que acabou acontecendo.

Em dezembro de 2009, o Núcleo de Mulheres Gremistas, junto com outros movimentos ligados ao Grêmio, publicaram um manifesto em favor da edificação da Arena Grêmio, sinalizando, deste modo, a vontade do grupo de participar do

mundo político institucional. A tomada de posição em favor do novo estádio foi uma atitude corajosa, na medida em que boa parte da torcida gremista demonstra receio em derrubar o Olímpico. Transcrevo aqui parte do texto:

“Consideramos prejudicial aos interesses do clube que o debate sobre a Arena seja pautado por posições extremadas ou que imponham receios injustificados à coletividade gremista. Ao associado gremista, que temos a honra de representar, asseguramos que não iremos hesitar na defesa dos seus direitos. Aos milhões de torcedores, garantimos que jamais faltaremos com o empenho na busca dos máximos interesses da instituição Grêmio” (In: jornal Correio do Povo, 21/12/2009, p.7).

Em termos de composição política, o Grêmio atualmente contabiliza 151 Conselheiros Titulares (mandato 2007-2013), sendo que apenas três integrantes são mulheres. Dentre elas está Rosa Beatriz Foresti, que era uma das coordenadoras do NMG quando desta eleição (www.gremio.net, em 20/03/2009). Existem outros 140 Conselheiros Titulares, que foram eleitos para um mandato diferente (2004-2010), sendo que apenas uma mulher exerce esta função. No total dos 291 Conselheiros Titulares, apenas quatro são mulheres, o que representa aproximadamente 1,4% do quadro. Este dado revela a pouca participação feminina na vida institucional do Grêmio, o que reforça a tese de que a criação do Núcleo de Mulheres Gremistas deu-se para suprir esta carência na vida do clube e, por extensão, no universo do futebol.

O Conselho Deliberativo do Internacional é composto atualmente por 347 Conselheiros, sendo constituído, de acordo com informação extraída do site oficial do clube, “por “associados, eleitos pela Assembléia Geral e membros natos”. (www.internacional.com.br, em 20/03/2009). Deste total, 2,8% por cento são mulheres, num total de 10 conselheiras. A Diretoria colorada, por sua vez, é formada por cinco conselheiros, além de três suplentes. Todos são homens (www.internacional.com.br, em 20/03/2009).

A construção do Espaço da Mulher Colorada foi motivada, possivelmente, pela mesma razão que levou as mulheres gremistas a criar o NMG: a modesta participação feminina no clube, em termos políticos e administrativos.

4.2.3 Dimensão simbólica

O aniversário de 104 anos do Grêmio foi comemorado de forma diferenciada no sentido de uma maior participação feminina nas festividades. No dia 20 de setembro de 2007 o clube ofereceu um chá ao Núcleo de Mulheres Gremistas, que foi realizado no Ovelhão. De acordo com uma matéria divulgada no site oficial do Grêmio, “o presidente do Odone disse às presentes que estava orgulhoso por encontrar um número tão grande de mulheres reunidas numa tarde de chuva” (www.gremio.net, em 23/09/2007).

Este evento foi considerado pelas integrantes do NMG um ato de reconhecimento do seu trabalho por parte da direção do clube. A festa tricolor, neste contexto, tornou-se uma festa das mulheres gremistas – daí a sua importância simbólica. O chá foi incluído na programação oficial do aniversário da instituição, recheada de eventos que foram realizados entre os dias 10 e 28 de setembro do referido ano, conforme matéria publicitária publicada no jornal Correio do Povo (09 de setembro de 2007, p.16). A foto a seguir foi doada por Isabel Weschenfelder.

PRANCHA 44: ANIVERSÁRIO DO GRÊMIO (20/09/2007)



Presidente do Grêmio falando sobre a importância das mulheres no clube

Outro momento representativo para o Núcleo que registrei nesta pesquisa foi a inclusão do “Chá da Mulher Gremista” na programação oficial dos 105 anos do Grêmio, que foi publicada nos jornais locais e no site do clube (In: jornal Correio do Povo, 03/09/2008, p.30). Em 2009, o clube repetiu o feito, incluindo o “Encontro das Mulheres Gremistas” na grade de atividades comemorativas aos 106 anos da instituição (In: jornal Correio do Povo, 31/08/2009, p.22). Destaco, ainda, a reunião especial do NMG que ocorreu no dia 08 de março de 2008, no Conselho Deliberativo do Grêmio, por conta do “Dia Internacional da Mulher”, cujas fotografias foram mostradas anteriormente.

O crescimento do Núcleo de Mulheres Gremistas implicou a utilização de diferentes objetos que simbolizam o grupo, como chaveiros, canetas, pregadores e adesivos, além das camisetas, obviamente. Estes produtos são vendidos através de um telefone que consta na página do NMG na internet (www.mulheresgremistas.com.br, em 28/12/2009). O objeto que mais despertou o desejo das mulheres gremistas, no entanto, foi o sapato desenhado por Núbia Zambelli, que, como vimos, integra o NMG. Este produto representa tanto as mulheres gremistas observadas quanto a rosa com o logotipo do Núcleo. Considero significativo o fato de que as mulheres coloradas igualmente elegeram uma rosa como seu símbolo, sem importar-se com o fato de que as gremistas já haviam escolhido esta flor para representá-las. A rosa, neste contexto, foi afirmada como um objeto feminino, independente da cor (azul, vermelha, verde, outras).

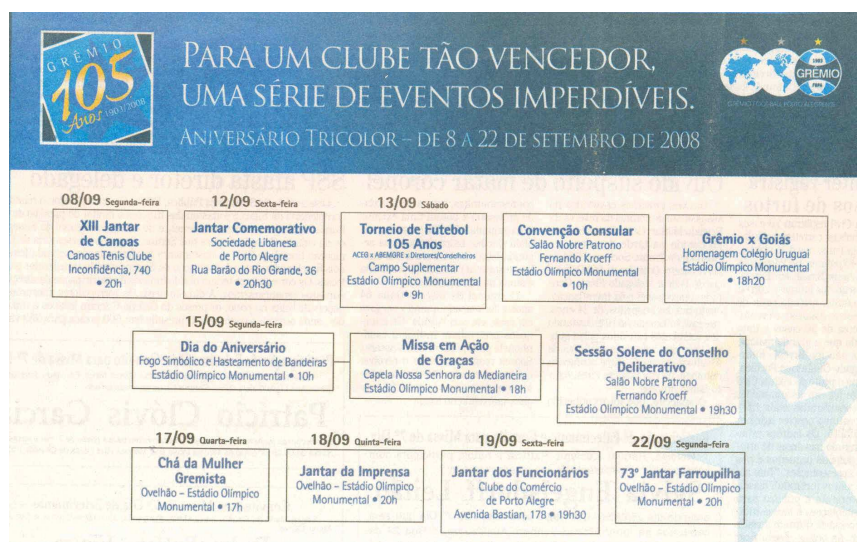
As peças publicitárias mostradas anteriormente também são simbólicas na medida em que representam o modo como os clubes (no caso, o Grêmio e o Internacional) compreendem as suas torcedoras, ou, ainda, como eles desejam que elas se comportem. Fica clara a visão estereotipada de que as mulheres são consumistas, pois ambas as instituições se dirigiram as suas torcedoras como clientes, seja de produtos oficiais dos clubes ou como sócias em potencial.

Ao discutir o futebol como elemento da sociedade de consumo, Bernardo Buarque de Hollanda (2004) afirma que os clubes podem ser

reconhecidos como comunidades imaginadas, devido, entre outros fatores, à atuação dos meios de comunicação social, responsáveis, em grande medida, pela transformação dos eventos esportivos numa forma de lazer global. Valter Bracht (2006), por sua vez, observa que os esportes de alto rendimento, como o futebol, integram a cultura do entretenimento e, portanto, do consumo. Homens e mulheres, neste contexto, consomem, mais do que produtos, valores, afinal, a escolha por um time implica a aceitação ou a internalização do que ele representa em sua sociedade.

Outros aspectos simbólicos serão discutidos adiante, quando tratarei das parcerias e das rivalidades estabelecidas entre as integrantes do Núcleo de Mulheres Gremistas e do Espaço da Mulher Colorada. Antes, vejamos a programação dos aniversários do Grêmio.

PRANCHA 45: PROGRAMAÇÃO OFICIAL DO ANIVERSÁRIO DO GRÊMIO I



Aniversário do Grêmio 2008 (105 anos)

PRANCHA 46: PROGRAMAÇÃO OFICIAL DO ANIVERSÁRIO DO GRÊMIO II

GRÊMIO 106 Anos 1893-1999

Uma programação para fazer a festa de todos os tricolores.

Aniversário Tricolor – de 13 a 22 de setembro de 2009

Dia: 13 de setembro - domingo Domingo Azul Local: Estádio Olímpico Monumental Hora: a partir das 14h	Dia: 14 de setembro - segunda-feira Galeria dos Presidentes Ex-Presidente Paulo Odone - Inclusão dos biênios 2005/2006 e 2007/2008 Local: Quadro Social - Estádio Olímpico Monumental Hora: 18h	Caçada da Fama Inauguração da Galeria dos Homenageados Inclusão de dois ex-atletas Local: Estádio Olímpico Monumental Hora: 18h30min	Sessão Solene do Conselho Deliberativo Descerramento da Foto do Ex-Presidente Mauro Knijnik Local: Salão Nobre Patrono Fernando Kroeff - Estádio Olímpico Monumental Hora: 19h30min
Dia: 15 de setembro - terça-feira - Dia do aniversário Pira Comemorativa - Hasteamento de Bandeiras - Missa Local: Estádio Olímpico Monumental Hora: a partir das 10h	Jantar de Aniversário Local: Associação Leopoldina Juvenil Rua Marquês do Herval, 280 - Porto Alegre/RS Hora: 20h	Dia: 17 de setembro - quinta-feira Jantar dos Funcionários Local: Clube do Comércio de Porto Alegre Av. Bastian, 178 Hora: 19h30min	Dia: 18 de setembro - sexta-feira Encontro das Mulheres Gremistas Local: Salão Ovelhão - Estádio Olímpico Monumental Hora: 17h
Dia: 19 de setembro - sábado Convenção Consular Local: Salão Nobre Patrono Fernando Kroeff - Estádio Olímpico Monumental Hora: a partir das 9h30min	Confraternização com Imprensa Troféu 106 anos do Grêmio Diretoria x ACEG x ABEMGRE Local: Campo Suplementar - Estádio Olímpico Monumental Hora: 10h	Dia: 20 de setembro - domingo GRÊMIO X FLUMINENSE Jogo pela Vida - Médicos x Transplantados Homenagem ao Colégio Uruguaí Local: Estádio Olímpico Monumental Hora: 16h	Dia: 21 de setembro - segunda-feira Jantar do Consulado de São Leopoldo Local: Churrascaria Schneider Av. Getúlio Vargas, 3815 (BR 116) Hora: 20h
Dia: 22 de setembro - terça-feira Inauguração da exposição do Centenário do Grêmio Local: Memorial Herminio Bittencourt - Estádio Olímpico Monumental Hora: 20h	74º Jantar Farroupilha Local: Salão Ovelhão - Estádio Olímpico Monumental Hora: 20h30min	 Informações pelos telefones: 5218.2066/5218.2888 ou pelo site www.gremio.net	

Aniversário do Grêmio 2009 (106 anos)

4.3 “Gre-nais” femininos: parcerias e rivalidades

Em 2009 acompanhei dois eventos que contaram com a participação conjunta do Núcleo de Mulheres Gremistas e do Espaço da Mulher Colorada. O primeiro deles se deu no dia 07 de março, em frente à Prefeitura Municipal de Porto Alegre, com o objetivo de comemorar o “Dia Internacional da Mulher”. Ao som da música “Mulher” (“Frágil”) (1981), de Erasmo Carlos e Narinha, executada várias vezes, centenas de torcedoras exaltaram suas paixões clubísticas, em meio a olhares curiosos de quem passava pelo local e não sabia do que se tratava. Comparada, de certo modo, ao clássico “Woman” (1980), de John Lennon, esta canção pode ser considerada um tributo às mulheres. *“Dizem que a mulher é o sexo frágil, mas que mentira absurda. Eu que faço parte da rotina de uma delas sei que a força está com elas”*. É o canta

o roqueiro “Tremendão”, que é considerado, por muitas feministas, um machista.

Integrantes de ambos os grupos percorreram algumas ruas do centro da cidade, distribuindo bandeiras e faixas de seus clubes, chamando a atenção para a importância da inserção feminina no universo do futebol. Após uma caminhada pelo centro, as mulheres se concentraram em frente ao prédio da Prefeitura, discursando para a população que acompanhava o evento. Marlene Mendes observou que para minimizar a violência nos estádios era preciso que as mulheres se unissem, deixando a rivalidade para os noventa minutos de uma partida de futebol. Sua fala foi corroborada por Rosa Foresti e pelo prefeito José Fogaça, além de outros dirigentes da dupla Gre-nal.

Este encontro foi batizado pela mídia local de “Gre-nal da Paz”, sendo considerado um ato “(...) que marcou a ação das mulheres gremistas e coloradas na luta pela igualdade” (In: jornal Correio do Povo, 08/03/2009, capa).

PRANCHA 47: GRE-NAL DA PAZ I (07/03/2009)



Faixa com o logotipo do NMG

PRANCHA 48: GRE-NAL DA PAZ II (07/03/2009)



Integrantes do NMG estendem a bandeira do Grêmio



Colorado entra no clima de festa



Gremistas com o ex-jogador do clube Tarciso

PRANCHA 49: GRE-NAL DA PAZ III (07/03/2009)



Coloradas cantando o hino do Internacional



Torcedoras do Grêmio colocando faixas do time



Presença da vereadora Clênia Maranhão (com a bandeira do Grêmio)

PRANCHA 50: GRE-NAL DA PAZ IV (07/03/2009)



O show vai começar



Torcedoras dos dois clubes confraternizando



As gremistas estendem as suas bandeiras